

OMNIA PRO JESU PER MARIAM!

VIDA EDIFICANTE

DA

REVDA. MADRE MARIA DE AQUINO

VIEIRA RIBEIRO, R. S. C. M.

(Fundadora dos Colégios Brasileiros

do

" Sacré-Coeur de Marie ")

1870 - 1937

Por uma das Feligiezas da mesma Conseqeção

BIBLIOTECA DAS "FONTES"

PROVÍNCIA BRASILEIRA

EDITORA A B C

Caixa Postal, 1829



NIHIL OBSTAT

Rio, 14-5-1938

Pe. João Bãpt. de Siqueira.

Pode imprimir-se.
Rio, 14 de Maio de 1938
Monsenhor Caruso,
p.c. do Sr. Card. Arcebispo.

Capítulo sexto:

- Fundações Brasileiras — Princípios penosos — Sete Lagoas — Rio e Ubá — Visitadora do Brasil e Superiora no Rio — O Capítulo Geral de 1919 113

Capítulo sétimo:

- Superiora em Ubá — Terríveis provações — Capítulos Gerais de 1925 e 1926 — Visita da Delegada da Revda. Madre Geral — A fundação do colégio de Belo Horizonte — Ultimos anos de vida 141

Capítulo oitavo:

- Perfil moral da Madre Maria de Aquino — Carater de sua espiritualidade — O re-florir de suas virtudes 153

Capítulo nono:

- Ultimos meses de vida — Dolorosa enfermidade — Heroismo de paciência — Sua morte 189

- EPILOGO 217

À nra. Revda. Madre Maria José Butler,
a veneranda Superiora Geral do Instituto.

Da Vida edificante da nossa querida Madre Maria de Aquino, Fundadora dos Colégios Brasileiros do “Sacré Coeur de Marie”, se evolou um perfume. Tentámos com êle embalsamar estas páginas, que vos dedicamos como homenagem de profundo respeito e filial afeição.

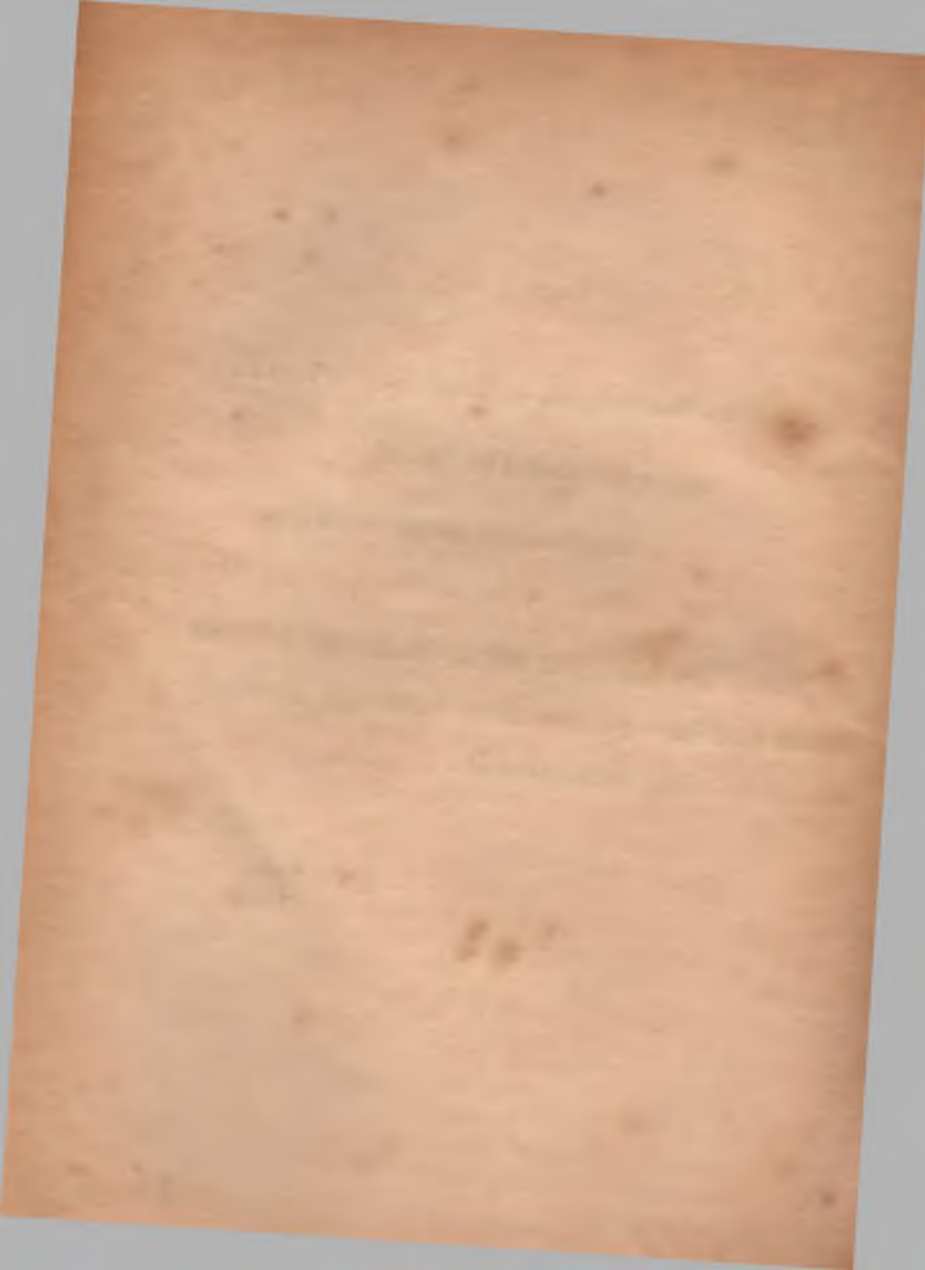
As vossas filhas do Brasil.



A' mui Revda. Madre Ignês de Jesus Soares Teixeira,
nossa querida Provincial,
a Inspiradora desta iniciativa.

, Muita gratidão, por me ter ordenado êste trabalho, que bem quisera fosse entre nós a revivescência da nossa cara falecida.

A AUTORA



A' MADRE MARIA DE AQUINO

Após sua preciosa morte

Mãe, viestes a nós, buscando tétó e abrigo
E fostes ninho amigo a que nos acolhemósú
Este país tornou-se a terra prometida
Deu-vos pouso e guarida?... oh! nós vos bendizemos!

A tormenta a rugir, sacudindo, estalara,
Mas o peito guardara, em Jesús confiança!
Dos palmares á terra, ei-IO presto que acorre,
Meio-ano nem morre, atingis a bonança!

E aquí, aberta a porta, o país vos acolhe?
— Que o vosso olhar nos olhe e lele: gratidão!
Reune-se a família em tórno do Sacrário,
E dais, no Santuario, a nós, o coração.

Quão ditoso o Brasil vos abriga!
Mas por felicidade,
Em vós nós encontramos, Mãe, amiga...
Tanto carinho! quanta bondade!

Lá do Céu guiai-nos ao amor,
Pois só Jesús queremos por penhor!



INTRODUÇÃO

“Quand je vois Mère Marie d’Aquin, je pense tout de suite à Jésus, doux et humble de coeur” .

Este testemunho de uma alma, émula da sua, na modéstia em que envolve dons privilegiados do espírito e do coração, é a primeira frase que me ocorre, ao iniciar as páginas em que procurarei enfeixar as recordações que nos deixou a nossa querida Madre Maria de Aquino .

Vendo-a, na expressão da Revda. Madre St. Gabriel, a Madre-Mestra do Noviciado da Casa-Mãe, no largo período de dezoito anos, era recordar “Jesus doce e humilde de coração” . . . ouvi-la, conviver com ela, ser objeto de seus cuidados maternais e agora auscultar-nos os corações diante de sua imagem, refletindo-se-nos nas pupilas da alma, examinar-lhe os traços de beleza espiritual, descobrir-lhe o mistério da vida, que será? — E’ mais do

que pensar em “Jesus, doce e humilde de coração”: é vê-LO, na ação transformadora de uma natureza já de si privilegiada; é senti-LO na divinização de uma alma a que Êle Se associou, na dupla missão de glorificação do Pai Celeste e salvação das almas: glorificação que é aperfeiçoamento e amor; salvação que é sacrifício e imolação.

Assim, nas nossas lembranças, a ternura filial incendeia-se de fé e “Jesus, que passou uma vez visível, fazendo o bem”, passa outra vez escondido, “nessa humanidade de acréscimo”, vencendo e conquistando pela doçura e edificação, insinuando-Se e acalmando pela penetrante fragrância sobrenatural, corrigindo e encaminhando pela força do exemplo, ocultando-Se e revelando-Se pelo heroísmo das últimas lutas... as mais encarniçadas e assustadoras!

Têmo-la diante de nós, viva e palpitante de ensinamentos e afirmações. Cada qual está recolhida nas suas lembranças, medita-as, “conserva-as no coração”, e o coração lhe conta algo de misterioso nas palavras, gestos e carinhos que a lembram. Surpreendêmo-nos, ficamos extasiadas com o que o coração nos conta: o mistério que a envolve é a presença de Jesus. no templo vivo de sua alma. Aquela sua dignidade exterior é a sombra do Santuário; a modéstia de seus olhos, habitualmente baixos, as cortinas que ocultam o Taber-

náculo; suas virtudes, a pregação eloquente de Deus; o silêncio, a união e a adoração; sua doçura, a caridade acolhedora do Mestre; a força com que vencida as dificuldades das obras ou excepcionalmente repreendia, o zêlo da glória do Senhor e santificação de suas filhas.

E' nessa atmosfera divina que continua a viver espiritualmente conosco a querida Fundadora dos Colégios Brasileiros do "Sacré Coeur de Marie". Ainda sentimos a maciez de suas mãos, nas carícias com que nos ameigava; ainda vemos a doçura de seu olhar, fitando-nos; ainda lhe ouvimos a voz mansa e serena, a recordar-nos as divinas ternuras, a repetir-nos sua dedicação em Deus, a excitar-nos à prática da obediência e do abandono.

.....

.....

O verdadeiro apostolado não é senão a expansão do amor divino; Deus em Si e Deus nas almas, extensão de um mesmo olhar. "Para mim, conhecer e amar é conhecer e amar, na unidade, Deus e a sua obra", escrevia uma alma santa. Por isto, Madre Maria de Aquino, amando a Deus, era toda cuidados pelo progresso das obras do Instituto que põem em contato com as almas, pela educação da

juventude; amava, porém, principalmente as almas das Religiosas, suas filhas, e este amor lhe ditava, na véspera da morte, a resposta afetuosa, que transcrevo, às expressões de saudaes que lhe mandara, em recado, a sua Comunidade:

“O que eu sinto por elas já nem se pode explicar!”

E interrompo aqui estas linhas iniciais. Quis com elas fazer compreender que não só a ternura filial nos move a perpetuar a lembrança da nossa doce Mãe; porém a persuasão de sua cooperação progressiva na obra do aproveitamento dos dons naturais com que Deus a enriquecera e a transformação que a graça e o amor divino operaram na sua alma, prevenindo-a desde a infância, predeterminando-a aos místicos esponsais com Cristo, realizando nela não só o tipo perfeito da Religiosa do “Sacré-Couer de Marie”, segundo as suas Regras e Constituições, mas ainda a Superiora modelo, tão maternal e tão bôa, sem deixar de ser enérgica, e Fundadora prudente e forte, que soube vencer tantos obstáculos e fazer florescer os colégios que estabelecera. Quis sobretudo fazer realçar a signi-ficação sobrenatural desta vida em que se en-xertou, fecundante, a vida de Jesus e deu tantos frutos de santificação até à morte. E’ uma página mais, em glorificação ao Bem Amado, que quis

ramos descobrir no desenrolar do que vamos escrever.

Invocando o Divino Espírito Santo, antes de começar, esta prece jorrou-me do coração:

— “*ESPIRITO DIVINO, fazei-me compreender o SENTIDO da PALAVRA que o VERBO pronunciou no fundo desta alma a que descera, e dai-me a graça de A revelar aos que me lerem, no transcorrer desta “história de uma alma”, que tento traduzir na nossa pobre linguagem da terra”.*

Rio, 5 de Janeiro de 1938.



CAPÍTULO PRIMEIRO

Infância de Emilia. Província e cidade natal. Influência da família. Piedade da menina. Estudos. Primeira Comunhão. Vocação religiosa. Como conheceu o "Sacré Coeur de Marie". Morte do pai. Oposição da família à sua vocação.

— 1870 - 1894 —

"E's, pequenina criatura, a obra do meu amor. Criei-te, para te amar e ser amado por ti: para servires de receptáculo ao meu amor e reservatório à minha ternura; para te tornar participante da minha vida e da minha felicidade. Criei-te com tais necessidades que só Eu poderei contentar-te. Eu te alimento e tu Me alimentas; é verdadeiramente o festim dos Céus".

(T.M. — Jesus a uma alma interior).

De longe prepara Deus os caminhos a seus eleitos. Nas disposições da Providência tudo tem o seu lugar, tudo seu segredo e significação. O aspecto da terra natal, o meio familiar, as influências das relações primeiras, o carater, as occupa-

ções, as afeições da pessoa, sua preparação intelectual ou espiritual, tudo se coordena numa ação que Deus sabe aproveitar e dirigir para o fim que tem em vista e que, dada a cooperação da vontade humana, livre, com os seus desígnios, se realiza, apesar das dificuldades e empecilhos que se lhe opuserem.

Santa Teresinha, relanceando pelos anos da infância os olhos sobrenaturalizados, reconhece as misericórdias do Eterno, que a prevenira desde o alvorecer da vida, fazendo-a desabrochar, pequenina flôr, em canteiro rescendente de virtude e fé; inicia seus escritos com um hino de louvor ao Pai Celeste; é grata ao património que recebe da família, não de profusão de bens terrenos, o que pouco vale, mas da abundância de sentimentos cristãos, da compreensão profunda dos mistérios da vida eterna, do tesouro moral de exemplos em harmonia com a doutrina do Salvador. Derrama o coração no reconhecimento, pelo dom natural, com que a mimoseara de uma ternura delicada, capaz de dar ao Senhor o retorno que Ignacio de Loyola exprimiu tão bem no seu "Suscipe"; descobre, com a singela perspicacia dos "puros de coração", o amor de Deus a acompanhá-la em todos os passos, a manifestar-lhe, na eloquência de cada um dos fatos em que se escondia, a Divina Predileção, enchendo-a de santo arroubo, de audaz confiança, de abandono quasi direi temerário, a ponto de exclam-

mar no paroxismo dos sofrimentos a palavra do salmista: "Ainda que andasse entre as trevas da morte, nada temeria, porque Vós estais comigo!" Assim, devemos descerrar as cortinas do passado, e ler, na singeleza dos acontecimentos, a história bonita da predestinação das almas que, cooperando com Deus, realizam o ideal que concebera o Amor ao criá-las, que seguem a par com Jesus, na vereda da Vida e no ósculo do Crucifixo se deixam também crucificar com Ele pela paciência.

Abramos, pois, o livro desta vida que se encerrou a 19 de Dezembro último, na atmosfera sobrenatural das bençãos, absolvições e unções eclesiásticas, e no calor da caridade fraterna, das afeições filiais que a assistiram. Leiamos tudo o que entendermos desde o seu nascimento; procuremos interpretar "a palavra do Verbo", criadora de santidade, nos sinais exteriores da existência terrena, de que o vulgo mal suspeita o sentido profundo e providencial...

No ano célebre na história dos dois mundos, 1870, nasceu em Chaves, a 21 de Novembro, a linda festa da Apresentação da Virgem, Emilia Vieira Ribeiro, de família que se distinguia, não só pela posição social, mas ainda pela austeridade de costumes e apêgo às velhas crenças portuguesas.

CHAVES é das Vilas principais de Trás-os-Montes, província lusa que lembra, pelo terreno accidentado e carater dos habitantes, as nossas Alterosas.

Não é pequena a influêncía do meio na formação da índole do povo. O transmontano é conservador, de costumes patriarcaes, pertinaz. E Chaves é uma tradição. Já o nome, que mais desejára fosse a natural corruptela de sua denominação de origem: Aquaé FLAVIAE — do que do vocábulo donde decorreu o homônimo, substantivo comum — clavis, lembra o passado, o esplendor romano, a civilização antiga, uma história gloriosa.

No ano 78 da nossa éra, à ordem do primeiro imperador da illustre familia Flávia, nascia a vetusta Vila junto às fontes termas, como estação balneária e colônia latina. Sôbre o Tamega começou logo a levantar-se a extensa ponte que dezoito arcos sustentam, gastando-se-lhe na construção o largo espaço que vai do govêrno de Vespasiano ao de Trajano, entre 74 e 114.

Contam-lhe os fastos renhidas batalhas entre os Bárbaros, quando da grande invasão do século V; a ocupação da praça três vezes pelos Mouros em curto periodo, reconquistada outras tantas pelos cristãos. O castelo lembra as lutas medievais e o início da história portuguesa. Referem-lhe os anais feitos valorosos, dentro dos muros, na invasão franceza e na guerra civil entre os partidários de D.

Miguel e D. Pedro, mais uma vez atestando o espírito conservador dos Flavienses, seu apêgo ao passado que representavam os realistas.

Ainda na gloriosa Vila se levanta o hospital militar e aquartelam-se dois regimentos: um de infantaria e outro de cavalaria, bem como uma companhia de reformados, circunstâncias tôdas capazes de temperar de tradicionalismo a alma popular, que adivinhamos ainda impregnada de fé, visto as numerosas e algumas celebres igrejas que lá se erguem, em testemunho eloquente de seu sentimento religioso.

Em ambiente tão latino, tão português e tão cristão, foi que viu a luz do dia a predestinada criatura, cuja vida se ia difundir pelo mundo das almas, em larga extensão, desde que o sinete de Cristo lhe gravou no espírito, a um tempo viril e terno, a impressão profunda do amor divino e lhe acendeu no coração o zêlo apostólico que é a lógica consequência dêsse amor, sem lhe destruir o patrimônio natural que recebera da sua terra e da sua gente. Veremos mais tarde a verdade desta asserção, na vigilância e respeito que insp̄rava pela guarda das Regras e costumes do Instituto de que foi uma das mais dedicadas Superiores.

Agora, porém, ainda nos acercamos do seu berço e, no anseio de conhecer os desígnios divinos, vamos examiná-los através do que dela sa-

bemos, procurando interpretá-los à luz da razão e do instinto sobrenatural.

O lar em que ia ecoar o tom suave e meigo de sua delicada voz (a Madre Maria de Aquino foi tôda a vida a personificação da meiguice), nos risos ou lágrimas infantís, era um lar abençoado por êsses dons do céu que são ao mesmo tempo a riqueza dos pais: os filhos! Três irmãos: Manoel, Domingos José e António e duas irmãs: Maria e Carlota, a tinham precedido e ela, bem mais nova, era o resultado das preces de D. Emilia Vieira Ribeiro, sua mãe, quando começou a sentir a solidão que a idade e o estudo dos mais velhos lhe criavam em tórno. Emilinha veio, pois, concentrar toda a ternura materna e ser a rainha dos corações dos próprios irmãos, que sua doçura e afabilidade ganharam inteiramente. O pai, Bernardo José Vieira Ribeiro, sério e austero, penetrava de respeito as relações felizes da família, e dêle herdou a nossa terna Mãe essa dignidade de atitude que mantinha em todas as ocasiões, o culto do respeito tão comum nas almas elevadas.

Foi batizada na Igreja Matriz de Santa Maria Maior, da terra natal, a 28 de Novembro, só sete dias após o nascimento, belo costume europeu, que bom seria se adotasse nesta Terra de Santa Cruz, onde os pobres filhinhos de cristãos que não pesam bem as suas responsabilidades, são deixados, sob o poder do demônio, meses e quiçá anos, à es-

pera da satisfação de um capricho paterno, expostos a perder para sempre o maior dos bens, a posse de Deus no céu, se tantos acidentes, que de súbito os podem atingir, lhes veem cortar a vida frágil, inesperadamente...

Na frente lhe derramou a água lustral do Sacramento, que a fez filha de Deus, como celebrante e padrinho, o tio paterno, Padre António do Nascimento Vieira Ribeiro, Pároco de Santa Maria Maior. A madrinha foi Nossa Senhora das Dôres, a quem desde a infância aprendeu a amar terna e confiadamente. Quanta vez lhe ouvimos dos lábios, olhos fitos num quadro da Virgem Dolorosa, a jaculatória espontânea do seu coração: “Minha Nossa Senhora das Dores, minha Santa da amargura!”, numa expressão intraduzível!

E assim a Divina Providência, já no áto inicial dessa vida cristã, a confiava à maternidade espiritual de Maria, de um modo todo especial, com obrigações reduplicadas...

E a existência se lhe abriu nas graças do céu e nos sorrisos da terra. O lar em que desabrochava era abastado; a família, educada, e o temperamento da menina, capaz de fazer felizes aos seus. Tal a sua meiguice, que os irmãos, bem mais velhos, a apelidavam “mãe pequena”... belos prenúncios de significações futuras... Sobretudo a mãe: — que carinho! Emilinha era “a luz de seus olhos”, expressão com que a esperava ansiosa, cada vez

que a piedade ou outro motivo afastavam a filha querida alguns instantes do seu lado. Era-lhe a doce contemplação do entardecer da existência.

Aos dons morais da criança, juntavam-se os dotes físicos de beleza singular. A regularidade dos traços, suavizados pelo doçura, velados de modestia, tornava-a ainda o delicado ornamento da família e emprestava-lhe encantos que a todos atraíam...

A religião do lar era feita de exatidão no cumprimento dos deveres saçrados de cristão: a missa dominica; a confissão e a comunhão pascal, a saudação do Angelus e os principios rigidos da moral, observados por parte de pais e filhos da piedosa família.

A predestinação de Emília, porém, exigia ação mais profunda da Religião e da fé, e a Providência, "cujos caminhos não são os nossos caminhos", ia fazer da provação meio de tomar esta alma de escól para a modelar nos designios misericordiosos que o futuro nos vai desvendar: doença grave da carinhosa mãe traz á criança a influência de professora profundamente religiosa, que a leva à vida sacramental desde os mais tenros anos: foi para o Colégio aos cinco! Começa por aproximá-la do Tribunal do perdão que é também fonte de onde jorra o aperfeiçoamento da consciência! Assim a prepara, ainda que remotamente, para Primeira

Comunhão e para a vida eucarística que, todos sabemos então, era vedado à infância.

Dos próprios lábios da nossa querida Mãe, guardamos a evocação do que vou referir. Descubre-nos, na simplicidade das acusações, a tenra idade em que começou a confessar-se.

Tirara linha à Mamãe. Ao referi-lo, pergunta-lhe o Revmo. Sacerdote: — Tirou? Mas para que? — Para coser a roupa das minhas bonecas. — Ah! sim? E a menina já sabe coser? — Sei, sei; e também sei fazer “crochet” e, dizendo isto, num gesto de singeleza infantil, encantadora, procura mostrar, por cima da golinha do vestido, a da pequena camisa, enfeitada com uma estreita rendi-pha de “crochet” feita por ela.

Noutra ocasião, acusa-se de que briga com o irmão e lhe chama “abade”. E o Padre a inquirir: — “Mas êle zanga-se?” — “Zanga-se!” — “Pois então chame mais”. Mas a menina replica: “Chamo, chamo; pois êle também me chama repolho”..

A piedosa mestra é, pois, o primeiro instrumento humano de que Deus se serve, para aproximar mais de Si a eleita do seu amor.

Ela, também a leva até ao convento de Chaves, onde vê, através das grades negras, a que a presença de uma santa tira o aspecto austero, cheios de paz celeste, uns olhos profundos que ainda brilham em rosto sereno que a virtude e os anos transfiguram, substituindo com vantagem a efê-

mera graça física da que fôra conhecida no seu tempo como “a beleza de Chaves”, pela formosura espiritual.

A abadessa tinha sido amiga e companheira de piedosas tias da nossa Emilinha. Teria representado para ela, na primeira visão da Vida Religiosa, o severo encanto do desapêgo do mundo e da consagração a Deus? — Não nô-lo disse. A doçura, porém, da veneranda monja imprimiu-se na delicada sensibilidade da nossa Mãe querida e recordava com satisfação, ela que pouco aludia ao seu passado, essa incarnação dos antigos tempos e dos claustros severos, de arquitetura singular, quasi inacessíveis...

No lar crescia o carinho pela querida “caçula”. A mãe não podia sacrificar a presença e contemplação da filha. Embevecia-se-lhe no encanto sempre crescente, manifestado no temperamento ameno e nas graças da formosura física. Era o que se pode dizer uma criatura bem dotada. Do pai, austero pelo natural e educação, mal se disfarçava o agrado pelos brincos infantís da filhinha. Quanto aos irmãos, não farei senão frisar mais, como já ficou dito em outra parte, quanto lhe queriam.

Conquanto sempre sóbria a falar das evocações de família, por vezes algo referia dos carinhos fraternos.

Como mais pequena, mais cêdo lhe vinha o sono e era a um dos irmãos que recorria, para a

acompanhar até o quarto. Seu gênio afetuoso não podia afastá-la nem momentaneamente daquele convívio terníssimo e era o Domingos, o segundo irmão, que a seguia e ficava junto dela até dormir.

— “Dominguinhos, vem dormir comigo”. E lá subiam os dois. Ela deitava-se e o irmão, sentado junto à caminha, encostava ao travesseiro a cabeça, fechava os olhos, fazendo que dormia, a dizer: “O mais bonito é o que dormir primeiro”. Por sua vez, a maninha tomava o rosto do mano querido entre as mãos como em carícia. De vez em quando, abria os olhos, a verificar se era o mais bonito e êste os abria também, a ver se a pequenita já dormia. E assim ficavam, até que o sôno tomasse a criança. Tirava, então, o rapaz as mãozinhas inocentes e respirava livre, indo juntar-se ao resto da família, para prolongar o serão. A irmãzinha, porém, achava-o sempre disposto a segui-la, para lhe fazer companhia, cada entardecer. E’ que a ternura e delicadeza natural do seu trato lhe tinham encadeado os corações dos irmãos e, se o seu amor por êles lhe atraíra o apelido de “mãe pequena”, também êsses nada podiam recusar-lhe.

Referindo-se à sua infância, dizia: “Nada me fazia pena, como ouvir de alguém, então, que não me queria bem. Ficava tão sentida”! De certo poucas vezes isso teria acontecido, ou, se aconteceu, foi pelo desejo dos seus de lhe apreciarem os delicados sentimentos.

Vem-me agora à mente uma lembrança de outro gênero. Prende-se-lhe à piedade precoce. Do coraçãozinho, tão bem plasmado pela natureza e graça, já jorrava fonte cristalina, em repuxo de confiança, a elevar-se até o céu. E o alvo a que se dirigiam êsses afetos era a madrinha querida: Nossa Senhora das Dores.

Quão deliciosa a confiança infantil! A pequenina tomara do lindo jarro da mana mais velha e ia enchê-lo para a enérgica irmã. Descendo a escada, deixou-o cair. Naturalmente podia-se contar em seguida a história de um jarro: “Era uma vez”... Mas a simplicidade infantil queria que “êles outra vez fosse”... Espontaneamente ajoelha-se no meio da escada, junta as mãos e fica... Surpreende-a a irmã nessa atitude: — “O que fazes, Emília”? — Estou a rezar a Nossa Senhora das Dores para vir concertar o jarro”. E concluía: “Se Nossa Senhora das Dores tivesse vindo, não me admiraria nada, acharia a cousa mais natural, tal a simplicidade da minha oração”.

De certo não se lhe diminuiu a confiança na Virgem Mãe, de Quem as sete espadas traspasaram o peito, pois, a devoção e amor à Madrinha até à morte a acompanharam, e quanta vez a invocava com filial afeição!...

Mas a criança ia-se fazendo adolescente. A idade começava a solicitá-la a outras atividades. Era

necessária a preparação para a vida: a formação literária e artística, a formação familiar e social. E a prova de que se aplicou a cada uma dessas novas e importantes obrigações está no resultado que verificamos ter colhido. A inteligência se lhe afez à compreensão dos problemas da vida, desenvolveu-se-lhe e se lhe apurou o gosto, tornou-se hábil nos *mestres* familiares, não desconhecendo nem os altos deveres da função maternal da mulher (ela foi toda a vida mãe espiritual!), nem a humilde arte culinária. Quantas vezes em recepções a pessoas gradas, ou nos dias de festa para as suas Comunidades, não só ordenava, mas ainda informava a irmã cozinheira da maneira melhor de realizar um cardápio escolhido.

! Sua preparação social era, então, excepcional, na distinção das maneiras, na dignidade da atitude, sem excluir a simplicidade característica do fidalgo acolhimento!

Na escola, as letras; em casa, a música, os trabalhos manuais e a formação do coração, ao calor da ternura da mãe e irmãos e da viril influência da afeição paterna como vimos.

Já acenei que não foram vãos os cuidados prodigalizados. Veremos através desta história que refere, na maioria das páginas, uma ação diretiva, quanto se distinguiu como Superiora, que o foi quasi a vida toda, gênero de ocupações, exigindo mais uma cultura geral da personalidade princi-

palmente do ponto de vista moral do que o desenvolvimento parcial desta ou daquela faculdade.

No piano, desenvolve-se: posição perfeita, gôsto.

— E os trabalhos manuais, que constituem tão útil ocupação na vida feminina, para evitar a ociosidade e transformar a casa num ambiente agradável? Ainda nos primeiros anos de Brasil, ajudava a matizar frontais de altar, ela que, tão pequenina já se aquietava, trocando a mobilidade comum na sua idade pelas rendinhas de “crochet”, cedo ensinadas às meninas no seu tempo.

Aqui cumpre evocar o áto importante, entre todos, na vida de uma alma: a Primeira Comunhão.

De longe vinham as graças divinas preparando-a pela ação do Sacramento da purificação. Era-lhe como o lapidar da preciosa alma. Digo isto, firmando-me numa palavra em que, sem o pensar, nos traduzia a preservação de sua inocência. Admirada com a malícia dos nossos tempos, exclamava uma vez: “Nunca vi mal algum, nas relações que mantive ou pude observar; nem mesmo posso compreender que exista, ainda que saiba realmente existe, como afirmam os entendidos”. A consciência, portanto, só tinha a purificar-se das pequenas fragilidades da imperfeição humana e Jesús, ao descer, reclinava-se em alva e assetinada



Emilla Vieira Ribetro aos 20 anos



corola que Ele queria Sua só e que, por sua vez, pela piedade que demonstrava, faz supor já inclinada a dar-se-Lhe inteiramente.

Entre dez e onze anos, segundo uma carta da irmã, foi que recebeu a Nosso Senhor pela primeira vez.

O que terá dito o bom Mestre ao coração tão terno que O acolhia? E o que respondera ela que, pouco tempo depois, resumiria a vida em anseios de se Lhe consagrar? Não nô-lo referiu... Só nos contou que fez a Primeira Comunhão sem festa; a festa espiritual foi, porém, grande, pelas consolações inolvidáveis e profundas que lhe trouxe...

Mas não se detém o tempo. Da infância à adolescência tem-se a sensação de lentidão, no correr dos anos. Passam êstes mais rápidos para o adolescente. Quão depressa vemos uma menina transformar-se em moça! Então a vida toma outro sentido: o da responsabilidade. Antevê uma missão, acende-se-lhe no espírito uma luz e no coração uma chama. E' o ideal. Quasi sempre nesse ideal ha um sonho de amor. A criatura quer dar-se e quer retórno. O amor humano geralmente é o seu fim, e o casamento a sua expressão, sob as benções de Deus.

Almas privilegiadas, porém, vêem a chama dos seus afetos elevar-se. O coração transforma-se-

lhes em altar. O seu amor é, a um tempo, culto de adoração ao Verbo de Deus humanado em Jesús e necessidade de se Lhe dar sem reservas. E' uma eleição com que responde a outra eleição: a vocação religiosa. — Vocação? — Sim! Jesús é Quem primeiro chama, Quem primeiro elege, Quem convida a alma a se Lhe consagrar. E a alma ou pelo hábito de oração e recolhimento entendeu Jesús ou por uma graça extraordinária se surpreendeu objeto das predileções divinas.

Emilinha foi do número dessa falange de eleitas de Cristo e não precisou o adorado Senhor despertá-la com luzes extraordinárias e súbitas, para a correspondência ao divino apêlo. Na fidelidade à lei da graça, cuja influência sentiu crescer, ao passo que se compenetrava de piedade e fé, habituou-se-Lhe às inspirações e a vêr que Ele a ia atraindo tôda a Si.

Mocinha ainda, e já o costume de trazer sempre os olhos baixos, revelando a guarda do coração, impressionava a ponto de o seu médico, gracejando, indicar à mãe, como receita à sua "caçula", abrir esta os olhos, visto não ter conseguido ver-lhes a côr até aquela data. Quanto ao resto, nada mais havia a receitar, porque gozava saúde perfeita.

Jesús, pois, lhe segredára o convite: "Ouve, filha e vê. Esquece o teu povo e a casa de teu pai, e o Rei ficará encantado com a tua beleza". Ela

entendeu perfeitamente o Mestre e nEle sentiu o Ideal a que devia aspirar.

Aonde, porém, dirigir-se? A Providência tudo dispõe a seus fins. Quanta vez ouvimos que para o bem de uma alma Deus é capaz de mover o mundo todo e aproximar o que parece mais afastado.

Chaves, que do estado religioso só conservava uma vaga reminiscência na velha abadessa, única sobrevivente das gerações que se sucederam no seu convento, viu êsse mesmo vetusto edificio transformar-se em colégio do “Sacré-Coeur de Marie”.

Fundara-se em França, em 1848, a nova Congregação. Desenvolvera-se, atraíra vocações não só francesas mas estrangeiras, principalmente irlandesas. Vinte anos depois, quando morria a veneranda Fundadora, já se iniciava o movimento de expansão do Instituto. Do seu leito de morte, a benção última foi para o grupo que se destinava ao Norte da Irlanda, tão trabalhado até nossos dias pela luta de Religião: a fé inabalável dos filhos do Norte da heroica Erin exaspera os protestantes ingleses; em consequência, suas represálias não fazem senão radicar cada vez mais a crença católica nesses bravos que morrem ou se deixam felizes arrastar às prisões, pelo apêgo à Igreja verdadeira.

Depois da Irlanda e Inglaterra, a Portugal também beneficiou a Congregação do “Sacré-Coeur de Marie”. Pôrto viu o seu colégio inglês entregue

a essas beneméritas educadoras. Em 1871, Miss Hennissy compreendeu quanto ganharia a sua instituição, confiando-a à Madre Sto. Tomaz, sua irmã, e ao grupo de Religiosas que a saudosa Superiora trazia consigo à Cidade da Virgem nas terras lusas.

Braga, pouco tempo depois, em 1876, via estabelecer-se em pequena casa o que foi mais tarde o seu importante educandário do "Sacré-Coeur de Marie".

Mas o que aqui nos interessa é a fundação de Chaves. A' Vila transmontana chegaram as novas educadoras em Maio de 1886. A vocação da nossa querida biografada ia, ao nascer, tomar uma direção definitiva.

Circunstância que quero fazer notar representa, a meu vêr, a sequênciã das disposições providenciais que estudamos.

Entre as Religiosas destinadas a Chaves, uma morria pouco depois, em odôr de santidade: a Irmã Maria de São Salvador. Tal a impressão que produziu. que lhe cobriram os restos mortuários de violetas, a flôr simbólica da humildade, trazidas pelas jovens da Vila, entre as quais a nossa Emília. Passado o tempo legal, aberto o túmulo, o corpo estava intacto, as violetas frescas e viçosas, como se colhidas naquela hora. Mais tarde referiram-se outros milagres, atribuidos à virtuosa Religiosa.

Não me estendo mais quanto à sorte dos preciosos despojos. O que me interessa notar aqui é a ação divina, atraindo a alma da nossa Emilinha. Elevada como era por natureza, a Congregação do “Sacre-Coeur de Marie” lhe aparecia, como capaz de satisfazer-lhe a sêde de perfeição e união espiritual com Cristo. O modêlo que lhe apresentou, segundo as Regras do Instituto, entusiasmaria mesmo as mais exigentes. Por isto procurou meios de entrar em contacto intimo com as Religiosas. O melhor era frequentar o colégio, mas já tinha os estudos concluidos. Resolveu tomar lições particulares de trabalhos artisticos. Deus, porém, a queria ainda amadurecer com a prova, como procede sempre e eis o que dispôs, para o realizar :

O coração de mãe é às vezes um pouco indiscreto demais e descobre por intuição os segredos que lhe tentam ocultar os filhos.

Suspeitara D. Emília as intenções de sua Emilinha. Era uma mulher de fé. Quantas vezes, quando menor, lhe ouvira a filha êste convite: “Vamos, Emilinha, rezar pelos teus irmãos, para que nenhum se faça maçõ”, no que foi atendida. Mas não compreendia a vida religiosa, sobretudo não podia pensar em perder a sua bem-querida filhinha. O apêgo que lhe tinha, com os anos se tornava mais forte. Continuava a ser sempre a “luz dos seus olhos”, a alegria de sua vida, o consolo à

sua viuvez. Vigiaava, portanto, os passos da filha estremeçada.

Quando a segunda irmã, Carlota, a acompanhava, pois, ao convento, a mãe lhe foi ao encalço com a filha mais velha, Maria, enérgica e decidida, e que partilhava os sentimentos da mãe, com relação à vocação religiosa.

Falava Emilinha à Superiora e ao Revmo. Sr. Padre Trigo de seus intentos e do pretexto das aulas de trabalho, para preparar a sua entrada, quando, apesar da atitude da irmã porteira a querer embargar-lhe os passos, lhe surgem no parlatório D. Emilia e Maria e a convidam a voltar com elas para casa.

Adeus, projetos tão bem formados! Quanto tempo mais a aguardar-lhes a realização?!...

Emilinha obedeceu à mãe. Tinha, então, pouco mais ou menos 19 anos. Não poderia forçar a autoridade materna, resolvida a manter o que julgava um direito sagrado: “Honrarás teu pai e tua mãe” não é o quarto mandamento da Lei?

No segrêdo, entretanto, a graça trabalhava e fortificava essa alma que, para ser fiel a Jesús, tinha de ser viril e passar por cima das mais caras afeições.

Jámais alcançaria o assentimento materno. Vimos o carater do transmontano, mas de parte a parte êle se afirmava. Se a mãe não consentiria nunca em deixar a filha partir, esta por seu turno

jámais desistiria do que consistia para ela a sua maior obrigação: a fidelidade do seu amor.

Exteriormente, porém, nada transparecia dessa firmeza de propósitos: o silêncio tinha saído sobre a vocação de Emilinha e a mãe mal suspeitava que aquela calma era a paciência, aguardando o momento propício; aquela serenidade, a esperança segura de que Deus não falta a quem nEle põe toda a confiança.

Tomava parte na vida de casa. Formavam-se os irmãos, estabeleciam-se. Era para todos a mesma irmãzinha, a que o temperamento carinhoso e a amenidade das maneiras tinham atraído o tratamento de “mãezinha”.

As ocupações e vida de família deixavam-lhe além disto tempo para se consagrar ao seu piano e ocorre aqui uma lembrança que lhe traduz o domínio e coragem.

Uma tarde estava só na sala a estudar, quando se volta e vê em face um dêsses ociosos que vivem de um expediente: subtrair o alheio. Compreendeu e, com enérgica atitude a que o desconhecido foi forçado a obedecer sem réplica, intimou: “O que está o senhor fazendo aqui”? Apontando-lhe a porta, disse somente: “Fóra”! O homem desapareceu e a jovem foi verificar o que se passara. Uma das gavetas aberta e pequena soma subtraída atestavam-lhe que se não havia enganado.

Esse leve incidente contava como exemplo de que a serenidade de ânimo e a atitude decidida muitas vezes só por si triunfam de situações difíceis.

Mas, voltando à vocação de Emília, quero aludir à morte do pai, élo que se lhe desprendia da cadeia dos afetos terrenos e a ajudaria a penetrar nos mistérios dessa vida sublime que no céu é a glória e na terra a união de graça com o Verbo Eterno.

O pai era cristão prático, de austeros costumes. já o vimos. Guardou até o fim êsses traços firmes de uma educação conservadora. Quando os filhos volviam dos estudos para as férias, a casa sentia por vezes a quietude habitual perturbada pela jovialidade um tanto excessiva dos rapazes. A mãe era tolerante e meiga e Emilinha então bem criança ainda. Nessas ocasiões elevava-se a voz do pai, a admoestar indiretamente os filhos: “Emilinha, menos barulho!” e a nossa querida Mãe, referindo a seriedade do progenitor, acrescentava sorrindo: “Coitadinha de mim, que nunca fazia barulho”!... Mas os irmãos compreendiam e conservava-se em casa aquele respeito e dignidade que tanto elevam as almas.

Mas já era mocinha, tinha 15 anos, quando lhe faltou o pai, após doença pertinaz, consequência de uma quêda, em que fraturou a perna, e, apesar dos esforços da medicina e da família para sal-

vá-lo, não o conseguiram. A dor desta teve compensação no ânimo viril e forte que a distinguiu e na fé que a tornava inteiramente submissa à Vontade Divina.

Com a benção última do pai, desceram à filha as benções do céu e mais copiosas forças, para, chegada a hora, ser fiel aos desígnios do Senhor sôbre a sua alma.

Eis porque, calando os seus propósitos, quando da oposição da mãe à sua aproximação das Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie", deliberou tudo emprender para a realização do seu ideal e amadureceu, no silêncio e no trabalho, as resoluções tomadas no recolhimento e na oração.

Veremos que, após cinco anos de paciência e anseios, pôde enfim desprender-se dos laços que lhe impediam o vôo e erguê-lo em busca do Bem Amado do coração, lá onde Ele a aguardava, para cumular-lhe os desejos, tornando-a a feliz espôsa do seu amor.



CAPÍTULO SEGUNDO

Entrada para a Vida Religiosa. O longo Postulado. O Noviciado na Casa-Mãe. Provas. A Profissão Religiosa.

1894 — 1899

“No celeiro interior do Bem Amado bebi...
E depois que saí,
Na imensa planície nada mais conhecia...
O rebanho perdi que antes de entrar seguia..”

(S. João da Cruz: O Cântico espiritual).

Esta estrofe do Doutor místico muito bem traduz o estado da alma, sob a influência da graça da vocação religiosa: o licor que preliba já é tão delicioso e forte que a inebria inteiramente e lhe faz esquecer as alegrias da terra. E' um êxtase de amor e de fé.

Entrou em comunicação com o Espôso Divino: sentiu-lhe a luz dos olhares iluminar-lhe a vida e acender-lhe no coração uma chama: con-

templou-lhe os traços, ouviu-lhe os segredos... é bastante! desprende-se de tudo o que na terra a encadeava e, enquanto o resto marcha em tórno no sentido comum, fica-se aos pés do Mestre, no enlêvo... mas, ao volver a si, desconhece-se e desconhece o que a rodeia. Adeus, legítimos afetos, nada mais a satisfaz! Esplendores do mundo, pompas da natureza, risos, festas... tudo está vazio ou amargo, da amargura do fel. Os caminhos floridos tapetaram-se de espinhos e o isolamento é a partilha da alma.

Pelo contrário, no oriente espiritual onde o Sol Divino se lhe mostrou, alvorecem as esperanças e o coração lá fica e os olhos lá ficam, ofuscados da sua Beleza.

Eis porque o estado se lhe assemelha ao que o místico S. João da Cruz exprime a cantar:

“No celeiro interior do Bem Amado bebi...
E depois que saí,
Na imensa planície nada mais conhecia...
O rebanho perdi que antes de entrar seguia...”

Este desprendimento total que realiza o amor de Cristo, traduzem-no os santos em tôdas as linguagens. Exulta o mártir de alegria, porque, embora entre atrozes sofrimentos, dentro em breve se lhe desprenderão os laços e a alma lhe voará para Jesús! Quem se não enternece por exemplo com

os cânticos de Inês entre as chamas da fogueira, olhar ao alto, celebrando a glória que a espera nas Núpcias Espirituais do Cordeiro? O anacoreta vê o deserto feito paraíso, porque “o Espírito Santo o conduziu à solitude e aí lhe fala ao coração”. A virgem hospitaleira, o santo Missionário, a Religiosa educadora não contam trabalhos, por descobrirem o seu Deus nas misérias do pobre ou no apostolado junto aos pagãos ou às crianças.

Também a nossa Emilinha entrou no “celeiro interior do Bem Amado”, ouviu-O nas declarações inefáveis da Sua ternura, sentiu, no inebriamento da alma, tôda a infelicidade de não poder logo morrer ao criado, para realizar a consagração inteira do ser ao Divino Eleito do coração.

Mas fortificava-se na vida interior.

Não podia voar a Jesús? Jesús fazia-lhe do peito santuário invisível, onde a consolava do isolamento e lhe aconselhava os passos a dar, para se libertar da cadeia de afetos que ao lar a fixavam.

Foi a 15 de Agosto de 1894 que pôde furtar-se à tutela materna e deixar para sempre aquela casa, testemunha de tantas alegrias e agora de íntimos sofrimentos.

Na data da Assunção da Virgem... Quero notá-lo pela coincidência providencial: nasceu na Apresentação, 21 de Novembro: no batismo, é Nossa Senhora das Dores madrinha; agora, diz

“adeus” ao mundo no dia em que a Igreja celebra o supremo “adeus” de Maria à terra.

A mãe estava entrevada, não podia mais segui-la. Diante abria-se-lhe o futuro. Nada faltava à velhinha dos cuidados que lhe exigiam o estado e a idade. Encarregou-se dela a irmã, Carlota. Podia partir. “Pedi-me para eu ficar com a nossa Mãe, para ela ir para o convento, porque nisto consistia a sua felicidade”, refere em carta a irmã.

Afastou-a o pretexto de uma viagem até à Capital do Douro. Havia combinado com o irmão mais novo, Antônio, que mais a compreendia, visto a vocação sacerdotal, que entanto não chegou a realizar, os haver aproximado mais espiritualmente, que ingressaria na Congregação, no Colégio do Pôrto. O de Chaves não havia logrado estabilidade.

Despedira-se, pois, enérgica e resoluta.

A mãe continuava na mesma incompreensão da vida religiosa; mas não era justo abandonar os desígnios de Deus, para satisfazer a uma opposição ilegítima, mesmo da criatura mais sagrada..

Não compreenderá o sentimentalismo dos nossos tempos o gesto da nossa heroína. São-lhe inacessíveis as vias superiores do espírito. Jamais terá também entendido a palavra de Jesus, justificando a sua permanência no Templo, sem avisar a Mãe Santíssima e S. José, causando-lhes por isto

tão dolorosos sofrimentos: “Por que me procuraveis? Não sabeis que deveria, antes de tudo, ocupar-me no que diz respeito às cousas do meu Pai?”

Quanto a nós, ficamos na admiração, ante o poder da graça que fortifica débeis criaturas, a ponto de não mais as deter nenhum obstáculo, quando se trata de obedecer a Deus.

Julgou, porém, Emilinha dever ocultar a mãe seus verdadeiros propósitos e, com os votos de feliz viagem, recebia a satisfação de a sentir consolada na sua saudade: privando-se da habitual contemplação da filhinha, achava-se compensada na lembrança de que se lhe ia iluminar a vida nas distrações do passeio e na variedade dos panoramas nascer-lhe, — quem sabe? — um sonho... que lhe assegurasse o futuro.

Pobre coração materno que na dedicação ilimitada nem sempre compreendeis o sentido dessa vida nova de que fostes causa, sob o poder criador do Eterno! Ah! compreendereis e ninguém mais depressa aprovaria a separação que, embora privando-vos, firmaria e desenvolveria a felicidade dos que amais mais do que a Vós...

Emilinha descia ao fundo do coração materno onde já começava a alvorecer a eternidade, quando lhe comunicava do Pôrto notícia surpreendente: Tinha que demorar-se: a viagem lhe prometia risonho porvir. Breve ficaria “noiva”; era

o melhor partido a que podia pretender e que, fazendo a sua felicidade, iluminaria de esperanças os últimos anos da sua amada mãezinha.

— Mentia? — Não! A 18 de Agosto, três dias depois de haver deixado Chaves, as graças de sua juventude se disfarçavam nas vestes negras que exprimem a morte ao mundo, da Postulante do “Sacré Coeur de Marie”. Era o primeiro passo para a realização dos seus futuros e místicos esponsais com Cristo. Qual a jovem que póde, com a mesma razão que a eleita do amor de Jesús, falar “do melhor partido a que podia pretender”, “iluminar de speranças a velhice de uma mãe querida?” — Nenhuma! E’ certo que só com as luzes da fé, se desvenda êste mistério de inefável ventura... mas, para as ditosas donzelas, objeto da predileção do Espôso Divino, êste Sól eterno lhes surge no firmamento espiritual e as banha da clara felicidade sobrenatural que lhes penetra todo o ser...

O coração da mãe compartilhou embora de longe a ventura da filha e as bençãos lhe caíram sôbre o amor e a consagração.

Um pouco mais tarde lhe anunciava esta o “noivado”, com igual efusão de sentimentos de parte a parte. E mais tarde, o feliz “consórcio”.

Só se admirava a mãe de não receber a visita da filha. “As occupaões do Espôso obrigavam a adiar a viagem”. E assim a pobre velhinha, sem

suspeitar o verdadeiro sentido dos passos da amada “caçula”, — já não tinha a posse plena das faculdades! — passou anos e só ao fechar os olhos à vida foi que viu, após o último momento, exprimir-se-lhe no abraço e ósculo de Jesús a felicidade da filha, tornada a venturosa eleita do Esposo Celeste, Rei do Céu e da Terra, Criador dos mundos visíveis e invisíveis da natureza e da graça...

Como abençoaria, então, o desapêgo da filha! Como acharia verdadeiras suas expansões de felicidade, nas cartinhas que lhe enviara e lhe suavizaram o entardecer da existência terrena!

Oh! Emilinha tinha razão: “Era o melhor partido a que podia pretender...”

— “A mãe nunca soube que ela era religiosa. Muito velhinha, já sofria da doença nervosa, nunca lhe dissemos a verdade, para não a exaltar.” — Carta da irmã.

— E os irmãos da nossa postulante? Não lhe aprovaram o passo, a não ser o Antônio e a irmã Carlota. Não os levou, porém, o ressentimento a maior reação do que a privá-la das suas relações de amizade. Os anos iam aos poucos, consolando-os no pesar sofrido, aproximá-los da irmã e não só os sentiu novamente amigos, mas compreendida a sua sublime vocação. Um dentre êles está próximo de Deus: consagra seis horas diárias à oração e podia a irmã considerá-lo êmulo, na prática da união com Deus.

Trata-se do Desembargador Dr. Domingos José Vieira Ribeiro, casado numa família notavelmente piedosa, que conta entre os membros dois Sacerdotes Jesuitas e a própria filha do Dr. Domingos também se fez religiosa na Ordem da Visitação.

Voltemos, porém, a atenção para a nossa querida postulante. Vê-la-emos sempre digna, sempre observante das determinações superiores, dividindo o tempo entre os exercícios da Comunidade e a parte que lhe coube no trabalho do Colégio

Vestida de veludo preto, escondendo os cabelos, na touca negra, realçavam-se-lhe ainda a frescura das faces e a regularidade dos traços. Tão nova parecia que uma das alunas, apesar da reserva em que a sua atitude as continha, instigada pelas companheiras curiosas, ousou perguntar-lhe: “D. Emilinha, quantos anos tem?” E a mestra, séria: “Já fiz quinze, menina!” resposta que desconcertou inteiramente a interlocutora e para sempre a curou de suas indiscreções.

Este pequeno incidente manifesta a ação disciplinar que exercia, feita de calma e firmeza. Dedicava-se ao dever, sim! mas a tendência do coração antes a inclinava ao cultivo da vida interior.

O seu postulado foi longo. Não havendo Noviciado canonicamente eréto em Portugal, as Pos-

tulantes só eram recebidas nas fundações, “para se lhes estudar o caráter e aptidões, antes de serem enviadas à França”, como determinam as Santas Regras, quando não são conhecidas. Só as Irmãs coadjuadoras podiam receber o Santo Hábito e fazer o Noviciado no Pôrto. Eis porque viu prolongar o seu tempo de provação.

Quando da vestição das postulantes coadjuadoras, a nossa Emilinha pediu também o Santo Hábito. Responderam-lhe que só depois, em Béziérs, visto destinar-se ao côro. — “Mas, replicou, não são todas Religiosas? e insistiu que lhe concedessem o Hábito de coadjuadora. Ouviu em resposta que era necessário sujeitar-se ao que determinavam as Superiores. Aguardou desde então em silêncio a ordem de partir para a França.

Era Superiora no Pôrto a inolvidável Madre Sto. Tomaz e à Madre São Calixto, das primeiras religiosas enviadas a Portugal, cabia a direção das Postulantes.

A nossa Emilinha se lhe afeiçoou com tôda a delicada ternura do seu temperamento. Aludia a isto, quando dizia: “Vinha de casa, habituada a um ambiente de tão efusiva ternura e trouxe às relações com minhas Superiores a mesma singela confiança e expansão”.

Mas aguardava-a a provação dêsse lado.

Partira para França, nas férias de 1896, e, pouco tempo depois, a Madre São Calixto ia substituir.

na Casa-Mãe, no cargo de Mestra de Noviças, a nossa saudosa e Rvma. Madre Santa Constância.

Encontrava um noviciado numeroso e entre elas a sua postulante do Pôrto. As admoestações, repreensões que precisava dirigir às noviças, recebia-as a Madre Maria de Aquino. Provava-a sobretudo, em vista do apêgo que lhe mostrava. Nenhuma penitência, nenhum trabalho lhe era poupado. O menor esquecimento, punido e repreendido severamente. Mesmo o dia feliz da sua Vestição foi marcado com sofrimentos tão dolorosos para o seu delicado natural... A tal ponto que, referindo-se a essa época, sorrindo afirmava: "Também me curei de uma vez para sempre. Nunca mais me pude afeiçoar naturalmente a nenhuma criatura".

Entretanto, como a estimava a Madre São Calixto! No batismo religioso escolheu-lhe o nome querido de Irmã Maria de Aquino. Lembrava-lhe a irmãzinha estremecida, morta no Pôrto, há pouco, e julgava que a noviça a quem o destinava receberia bem substituir a cara morta. Essa afeiçoão, entretanto, íntima e profunda, estava disfarçada em tamanha severidade que a querida noviça nem mesmo a poderia suspeitar.

O que previa, porém, a esclarecida Madre-Mestra era a ação futura dessa alma e como "o sofrimento é crisol", apurava-lhe a delicadeza e qualidades naturais, para que inteiramente a do-

minasse a verdadeira caridade de Cristo, na constância a tôda prova e na universalidade.

Um testemunho dessa época mostra-nos a Irmã Maria de Aquino, edificando pela bondade constante, bem como pela nota muito viva de humildade. Elogiando-a as co-irmãs, junto à Mestra de Noviças, contentou-se esta com dizer: "A Irmã Maria de Aquino é única no gênero", e continuou as provações.

O mesmo testemunho refere uma delas. A Irmã Maria de Aquino tinha horror e repugnância invencível a bichos, o que conservou até ao fim da vida. Achavamos graça na exclamação que antecedia a qualquer reflexão de sua parte, estivesse onde estivesse, se avistava um inseto ou outro qualquer animalzinho: "Bicho!" Riamos sempre, e ela, muito envergonhada, a dizer-nos: "Que tolice! Não chego a corrigir-me desta ridicularia!" Pois bem: no Noviciado, durante o recreio, certa vez, saltou-lhe perto um animalzinho. Gritou instintivamente. A Mestra de Noviças mandou-lhe pegar dêle e, apesar das súplicas humildes, da repugnância da noviça, fez-lhe percorrer o parque inteiro com o bichinho a mover-lhe entre os dedos. Se não obteve o resultado que desejava a enérgica Superiora, de a corrigir, proporcionou à sua querida filha a ocasião de oferecer a Nosso Senhor um belo ato de amor e um sacrificio heroico naquela penitência.

E o ano do Noviciado se passou, sob essa atmosfera de sacrificio contínuo da natureza.

Não convidou o Mestre: “Quem quer vir após Mim, abnegue-se, tome a cruz e Me siga”? O amor a aproximava de Jesús, devia compartilhar-lhe o pesado Madeiro.

Para se tornar o Espôso das almas, teve Jesús de resgatá-las no Calvário: é no Calvário que a alma, esposa de Cristo, recebe o ósculo de amor. E’ o “Espôso de sangue” simbolizado em Abraão. E Santa Teresa, referindo-se à preparação das pretendentes à sua Ordem, lembrava o sacrificio completo, que devia preparar “as esposas de Jesús Crucificado”. A vida dos santos, por sua vez, é sempre “via crucis”.

O amor não conhece outro caminho: o amor é ascensão e a ascensão custa sempre: o amor é dedicação, é desinterêsse, é, na expressão sagrada, “verdadeiro holocausto”, tudo isto o que significa senão sacrificio, inteiro sacrificio?

A 1° de Maio de 1897, revestiu-se Emilinha do hábito religioso do “Sacré-Coeur de Marie”. “Doravante vos chamareis Irmã Maria de Aquino...”

Quão venturosa se sentiu envolvida nesse hábito, em que o azul e branco em majestoso conjunto lembravam mesmo as núpcias triunfais do Cordeiro! Mas o véu longo, que baixa sôbre o rosto da que se prepara à consagração suprema dos Votos no fim do Noviciado, é negro e, em vez de gri-

nalda de lírios ou rosas, cinge-lhe a fronte a corôa de espinhos. Mistério que já nas páginas anteriores começou a esclarecer-se: o amor de Cristo nesta terra só se pôde expandir à sombra da Cruz...

Entre as ocupações das Noviças do Sacré-Coeur de Marie, o estudo ocupa o tempo que sobra dos exercícios próprios do Noviciado. Nas letras ou artes aplicam as aptidões naturais, em vista da futura missão nos colégios. Sendo possível, o primeiro ou primeiros anos, que se seguem à emissão dos votos, "devem passá-los no Noviciado", no duplo aperfeiçoamento da formação religiosa e intelectual ou artística. Caso as reclamem as necessidades das fundações, estão sob regime especial até à Profissão Perpétua, isto é, cinco anos após a primeira profissão. As Constituições são explícitas sôbre êste ponto.

A Irmã Maria de Aquino que pronunciou os Votos a 29 de Setembro de 1898, após o largo período de formação de quatro anos, um mês e onze dias, dentre os quais, dois anos e nove meses de Postulado e um ano e cinco meses de Noviciado, teve a sorte de passar como nova Professora mais um ano na Casa-Mãe. Então as suas provas, reduzidas ao mínimo, permitiram-lhe gozar dêsse último período de solidão e armazenar forças para as missões consecutivas que ia receber das suas Superiores, em Portugal, até à tormenta revolucionária e, depois, aqui, nas Terras de Santa Cruz.

O dia feliz dos seus Votos lhe deixou gratas recordações. O largo caminho que havia percorrido, as provas de amor que dera, através tantos sofrimentos suportados com heróica paciência, ao seu Bem Amado, lhe davam direito às consolações de Sua intimidade. Jesús lhe havia custado ásperas dores, mas afinal era tôda Sua. Podia repetir como nos "Cantares": "O meu Amado é todo meu e sou tôda d'Ele", felicidade de que só no céu é possível compreender-se a plenitude, mas cujo ante-gôzo já é inefável e tão acima do que o coração pôde pressentir que a palavra do Apóstolo nos vem à mente ao considerá-la: "O olhar nunca viu, os ouvidos nunca ouviram, o coração não pode compreender o que Deus reserva aos seus Eleitos".

Mas encerremos êste capítulo. No verão de 1899, devia partir para o colégio do Pôrto, para lá estar no início do ano escolar em Outubro.

Se lhe ia faltar o conforto da solidão tão grata do mosteiro querido, berço do Instituto, com seus vastos e silenciosos salões, os páteos e parques de recreio encerrados dentro de altos muros, barreiras que nos parecem intransponíveis aos próprios écos da rua, tal o recolhimento que lá se sente; páteos e parques a que o trinado do rouxinol, nos meses de amena temperatura, ou o sibilar dos ventos entre platanos, carvalhos ou pinheiros, na época áspera do inverno, enchem da deli-

ciosa música da natureza, — levava a consolação de ir fazer a vontade de Deus na obra tão importante da educação da juventude.

Levava a mais o carácter temperado pelo fogo da provação, a alma esclarecida com múltiplas graças, o coração fortalecido pela obediência e demais virtudes.

Deus lhe abençoaria os trabalhos e o Sagrado Coração de Maria lhe continuaria a dispensar graças sempre crescentes.



CAPÍTULO TERCEIRO

Volta a Portugal. Lourdes. Edificação da Comunidade. Primeiros trabalhos. Sofrimentos físicos. Votos perpétuos. A Mestra de Noviças.

1899 — 1907

“Não se acende uma lampada para a pôr sob o alqueire, mas coloca-se no candelabro, afim de iluminar a todos os que estão em casa”.

A palavra do Mestre, a significar a nossa missão cristã de edificação e apostolado junto ao próximo, vem a propósito, para começar o capítulo que vai narrar-nos o início dos trabalhos de nossa nova Professa nos Colégios.

A Casa-Mãe, o Noviciado, era uma passagem. Jesús havia acendido no coração de sua eleita a chama da fé e da caridade, alimentára-a o período de preparação à vida; o fim do Noviciado encontrava a nossa querida Mãe bem incendiada de

amor e iluminada de fé, para acender em outras almas as chamas sobrenaturais que transformam a existência e dão nova orientação à vida.

Por certo foi com saudades que deixou a Casa-Mãe. Quem se não volta, de instinto, para êsse berço tão caro de nossa vida religiosa, transfigurado pelas graças, bafejado dos sorrisos do Céu, das delicias da solidão? Ai, a gravidade das Superiores maiores, numa dignidade que lhes empresta ao acolhimento maternal impressão que jamais esqueceremos... ai, os claustros, o extenso corredor, fixando a alma com a eloquente inscrição: "C'est ici le lieu de mon repos, je lai choisi, je ne le quitterai plus!..." ai, a atmosfera sobrenatural, nos pátios tranquilos em que a imagem de Jesús ou da Virgem a cada passo recorda que habitamos no átrio do Templo... ai, a escadaria e o tunel sob a rua que jamais percebemos, ligando ao parque que já se limita com o campo; a sombra dos carvalhos ou pinheiros, a policromia das flôres, na primavera: rosas e dalias, junquinhos ou "muguets", margaridas ou lilazes, cravos ou violetas, tudo a sobressair entre as estrelinhas brancas e buliçosas dos "gypciophiles" delicados... ai, o lindo entardecer hibernal a voltar-nos para os Pirineus no extremo do horizonte, com a alvura das neves eternas transformando-se, como por magia, aos reflexos do poente, na purpura e ouro, no rossiclér e mais côres em que

dilue as luzes do ocaso... outros tantos degraus que, asinha, pisa a alma no anseio de remontar a Deus... aí, sobretudo, o silêncio, a quietude que tanto favorece essas ascensões.

Oh! sim com quantas saudades teria deixado a Madre Maria de Aquino a Casa-Mãe!...

E' certo que os colégios então obedeciam a regime menos absorventes que hoje; porém era já grande a distância entre o retiro e as preocupações do Noviciado, "êsse paraíso da Vida Religiosa" e os cuidados e movimentos das classes e alunas.

A nossa Professora, entretanto, tinha aprendido, com a solidão exterior, a viver na solidão interior e levava-a consigo. Era o "celeiro interior do Bem Amado"... no seu próprio coração, onde habitava o Espirito Divino e o Verbo, seu Espôso. Com Êle habituara-se a viver no santo recolhimento da união.

Ao partir, pois, retirava-se profundamente a essa cela interior.

Antes da fronteira francesa, Lourdes! Não foi um mero incidente da viagem a santa cidade circundada de paisagens encantadoras, em plenos Pirinéus. Lourdes foi sempre, na vida de Madre Maria de Aquino, um revigoramento do coração, uma enchente de graças. Nunca deixou de aí parar, cada vez que teve de ir à França. Ao passar do Noviciado, tê-la-ia a Virgem Imaculada "cuja

beleza era tôda interior”, fortificado nas graças dessa vida a sós com Deus, que lhe vinha concedendo, desde, quasi o direi, a sua adolescência...

Uma irmã, então Postulante no Pôrto, assim relata a impressão que teve da Irmã Maria de Aquino: “Havia chegado com outras, de França. Esperando partir para lá pouco depois, pus-me bem a observá-la, sobretudo no refeitório, onde a via melhor. Mas era um recolhimento tão grande que repeti ás minhas companheiras: “Nem se lhe podem ver os olhos! E’ mesmo como São Luiz de Gonzaga!”

Nas classes não se distinguia muito. Tinha a cargo as médias, afamadas em todo os tempos pela vivacidade e estouvamento. Idade crítica.

A nova Mestra era firme com elas, mas achava penoso o dever. Muitas vezes, como Superiora, mostrava compaixão pelas Mestras de Classe, as responsáveis pela formação das alunas e por isto obrigadas a seguí-las por tôda a parte: à Capela, dormitório; aos recreios e alhures... devendo corrigir, ouvir as queixas, exigir o cumprimento do regulamento, etc., etc. Dizia que sempre lhe havia custado êsse dever, principalmente a vigilância dos recreios.

Entretanto não considerava seus trabalhos grande cruz, porque frequentemente aludia a êles nos termos seguintes: “Simples religiosa, cumpria

o meu dever e a minha única cruz era a de meus próprios defeitos.”

Que fez guerra sem tréguas a êstes, prova-o a perfeição que atingiu, principalmente sua grande bondade, exatidão perfeita no cumprimento das Regras, seu espirito de sacrificio e humildade, seu crescente desapêgo e união com Deus.

Já era o que ensinou a praticar a vida tôda: “doce e humilde de coração”, abandonada inteiramente a Deus e às Superiores, cheia de confiança e amor para com o Divino Esposo.

Só “in extremis” se queixava e com que delicadeza o fazia! Por isto, não nos surpreende, quando em menos de cinco anos, isto é, antes dos Votos Perpétuos, o organismo enfraquecido pelo venimento próprio lhe ditava esta confidência à sua Superiora, a Revma. Madre Maria da Eucaristia, que sempre amou como mãe: “Penso que vai perder a sua filha”, e contou-lhe o esgotamento a que se via reduzida. Vindo o médico, receitou logo o clima forte das montanhas e a maternal Superiora partiu com a sua edificante filha para um sítio, na Serra da Estrêla.

Os ares sadios das alturas lhe fizeram bem; arrastou, entretanto, por muito tempo ainda as consequências do depauperamento das forças.

Mas chegava a época da Profissão Perpetua. Solenemente ia proclamar a sua doação “para

sempre” a Jesús. O coração, porém, há muito havia selado êsses eternos compromissos.

Foi a 30 de Setembro de 1903 que se realizou para ela a tocante cerimônia entre tôdas significativa na liturgia da consagração das Virgens a Deus e, pronunciados os Votos Perpetuos, o Mestre lhe ordenava o “Ide e ensinai...” — Que? — A generosidade, o espírito de sacrificio com que devem inteiramente consagrar-se as Religiosas ao amor do Esposo Crucificado... o número crescente das vocações portuguezas reclamava o estabelecimento definitivo do Noviciado em Portugal: a Madre Maria de Aquino foi eleita Mestra das Noviças

Penafiel, a duas horas do Pôrto, era a cidade escolhida e, como as leis portuguezas não permitiam estabelecimento dêste gênero, abriu-se como colégio e realmente se lhe anexou um, pequeno, para ajudar as despesas e enganar a vigilância official. Engano justo! A lei jamais pode atingir a consciência e a liberdade espiritual. Com que direito vem o seu imperativo, contradizer o imperativo divino que a transcende? Posso dispor da minha pessoa, como quero e para o que quero, se com isto não perturbo a ordem social. Portanto, iníquas essas leis portuguezas anti-clericais. Se a prudência aconselhava a não as transgredir ostensivamente, a liberdade inatingível do nosso espírito permitia a sua infração sem escrúpulos.

Em Penafiel a Madre Maria de Aquino encontrava afinal a sua missão.

No Colégio, foi educadora ou mestra sem grande renome. No Noviciado, ia ser emérita plasmadora de almas...

Na Comunidade havia edificado como religiosa; ajudado e confortado como irmã, sobretudo as estrangeiras. ("Simples religiosa, parecia que se aproximava das estrangeiras, sem dúvida intencionalmente caridosa, por as ver longe da pátria, praticando à letra o preceito da Regra: "não haverá senão uma família: a do Sagrado Coração de Maria.")

No Noviciado ia dirigir, formar as almas para as sublimes funções do Estado Religioso.

A sua vida particular continúa a defluir entre provações: a pobreza da casa, seu estado físico, a timidez do temperamento, tudo contribuia para carregar-lhe a natureza debilitada de sofrimentos que suportava heroicamente, sem uma queixa, sem reclamar um alívio, tornando palpável o ensinamento ministrado às filhas espirituais.

Também o Noviciado lhe aumentava as cruces. Quantas vocações promissoras viu afastar-se por falta de saúde! Foi a grande provação dos seus quatro anos no espinhoso cargo.

Espinhoso... A Madre Maria de Aquino assim o considerava. A responsabilidade da Mestra de Noviças é das maiores. Plasmar as almas, se-

gundo os designios de Deus e a vocação especial de cada Instituto, exige da Madre-Mestra penetração profunda das vias espirituais e conhecimento e prática perfeita das Constituições da Congregação.

E quantas qualidades mais! E' difficil educar. Cada alma é um mundo misterioso, inacessivel! E' certo que a fé simplifica a tarefa e, apresentando os Superiores como representantes de Deus, abre à confiança. Mesmo assim não estão, entretanto, resolvidas as dificuldades. A psicologia individual cria-as a cada passo e a mestra deve guardar perfeita calma, plena posse de si, para discernir o modo de levar cada uma segundo o seu feitiço a um mesmo fim. E' necessário harmonizar e não destruir. E a grande fôrça que consegue aproximar os caracteres mais opostos e os temperamentos mais variados para dêles constituir a unidade social que é a Comunidade, é o amor. "Deus criou-nos à sua imagem e semelhança" e "Deus é amor", segundo a definição do máximo teólogo da Divindade. E'-o também a sua criatura... Não o amor natural, fundado nesses pequenos accidentes de similitude de gostos, de mil e uma circunstâncias que se sucedem, de serviços prestados; mas o grande amor de caridade que tem a Deus por origem a fim, baseado nas perfeições intrinsecas da alma cuja nobreza fez descer do céu à terra o Verbo Eterno e, para a resgatar, não

vacilou mesmo o Filho de Deus, ante o sacrificio de por ela morrer na Cruz. Amor baseado ainda nas predileções divinas por almas de escol que não esperam o céu, para contrair com Deus essa união que só na outra vida compreende e realiza a maior parte das almas, mas já vivem aqui da vida de Jesús, na Comunhão Eucarística ou na ação do Divino Paráclito que lhes desceu, em novo Pentecostes de graças.

Por isto a formação que a Madre Maria de Aquino dava às noviças tinha essa profundidade de amor e de fé, desabrochando na prática das virtudes, principalmente da obediência e mortificação interior, da humildade e caridade.

Eis como a resumem as notas que uma das noviças conserva de suas conferências espirituais:

“E’ preciso que eu me lembre que estou desposada com um Deus Crucificado, desprezado, humilhado por meu amor e que assim também é que eu deveria querer ser tratada!

“Nosso Senhor não deu valor à estima das criaturas, não amou as honras nem a vida cômoda e Nosso Senhor, a Sabedoria infinita, não podia enganar-Se.

“Desprezemos o mundo, suas máximas e costumes, os seus pensamentos. Vivamos de espirito de fé. Vejamos Nosso Senhor em tudo, pois tudo nos vem das suas mãos santíssimas.

“Vejâmo-lo nos nossos Superiores, nos nossos empregos, nas nossas irmãs. Se tivéssemos espírito de fé, veríamos a Nosso Senhor em qualquer recomendação que nos fizessem os nossos Superiores.

“Abandonemo-nos a Nosso Senhor por um grande espírito de fé. Sabemos que tudo nos vem de suas mãos: não nos envia mais trabalhos do que podemos; não permite, nos façam sofrer mais do que podemos: nos humilhem mais do que podemos.

“Que felicidade a de uma alma que tem espírito de fé! Parece já possuir a felicidade do céu na terra. Quer a exaltem quer a humilhem, é sempre a mesma; tudo recebe como vindo das mãos de Deus!

“O que nos importam as criaturas, se temos o amor do Coração de Jesús, o nosso Esposo Crucificado, desprezado, humilhado por nosso amor?

“A vida da bôa religiosa é o amor da Cruz, dos desprezos e das humilhações, pois foi o que Nosso Senhor amou!”

E, insistindo ainda:

“Uma religiosa deve ser sobrenatural em tôdas as suas ações, mesmo nas menores.

“Sobrenatural, no modo de tratar suas Superiores, as irmãs, as meninas.

“Para as criaturas do mundo, o mendigar consolações de outras criaturas, sua estima e louvo-

res!... mas, para a religiosa, que Deus só seja tudo para ela e ela tôda para Deus!

“Uma religiosa que anda todo o dia a trabalhar, para agradar às criaturas, sem espírito de fé, chega à noite cansada, sem ter nada ganho, porque já teve (se a teve!) a satisfação passageira das criaturas que desejava

“Ao contrário, a religiosa que só quer fazer a vontade de Deus, manifestada pela santa obediência, chega ao fim do dia cheia de merecimentos para o céu... Que felicidade, se viesse a morte! Poderia dizer a Nosso Senhor: “Meu Deus, fiz a vossa Santíssima Vontade!”

E terminava:

“O espírito de fé é tão necessário à vida espiritual com o calor à vida corporal.

“Se nos penetrarmos do espírito das nossas Regras que é o espírito de fé, amaremos o que Nosso Senhor amava, pensaremos como Nosso Senhor pensava. E o que amava Nosso Senhor? A Cruz, os sofrimentos. Façamos também assim, e teremos os pés na terra, mas o coração no Céu!”

E noutras notas que a irmã epigrafou como “Espírito de simplicidade e humildade”, leio:

“Uma alma simples só procura e quer agradecer a Nosso Senhor!

“Uma alma simples nunca diz o que não pensa.

“Uma alma simples não julga nunca mal as suas irmãs. Mesmo se lhes veem cometer alguma falta, desculpa-lhes as intenções”.

E recomendava o uso das pequenas penitências exteriores que tanto ajudam a adquirir o espírito de simplicidade: “Peçam, minhas boas Irmãs, as pequenas humilhações que costumamos praticar no refeitório.”

“Sejamos muito humildes nas nossas palavras”, continuam as notas.

“S. Francisco de Sales ensina-nos que não devemos falar de nós nem bem nem mal.

“Sejamos humildes nos nossos pensamentos; os pensamentos de uma religiosa, suas aspirações, hão de ser — amar muito a Nosso Senhor e dar-Lhe glória.

“Escolhamos sempre o último lugar. Uma religiosa deve ser a serva de tôdas por amor de Nosso Senhor. O que o mundo faz para agradar, façamo-lo por humildade.

“Quanto agrada a Nosso Senhor a religiosa humilde! Devemos contar-nos sempre por nada. Ora, ao nada nada se dá. Aproveitemos com alegria as humilhações que Nosso Senhor nos mandar, seja por que mão fôr. Nem mostremos que nos custam muito; sofrâmo-las, ao contrário, como se não fossem conosco.

“Sejamos pequeninas aos olhos das criaturas, porque seremos mais amadas do Coração de Jesus.

“E’ uma grande graça que Nosso Senhor nos faz o passarmos a vida no esquecimento das criaturas, sem que ninguém faça caso de nós ou das nossas opiniões; o sermos tratadas como inúteis para tudo, como incapazes de dar conta de qualquer emprêgo. Receber bem isto custa certamente à natureza, mas faz muito bem à alma.

“Os meios para alcançar a humildade são: a oração e as humilhações. Humilhêmo-nos quanto pudermos, para que o Coração de Jesus nos introduza dentro do seu Coração. Já que o bom Jesus não se poupou às humilhações por nós, não nos poupemos a nenhuma por Êle”.

“A Madre Maria de Aquino foi sempre severa, em questão de obediência, “refere o testemunho de outra noviça. “Se me acontecia ter de acusar-me de haver quebrado ou estragado alguma cousa, dizia-me: “Não é isto o que me custa, minha Irmã; o que me custa muito é ver faltar à obediência”.

Também uma das antigas assim escreve a seu respeito:

“O que caracterizava a Madre Maria de Aquino, Mestra de Noviças em Portugal, na formação destas, era a alta idéia que lhes dava da obediên-

cia cega. O “eu” não podia subsistir. Por sua vez distinguia-se pela submissão absoluta a suas Superiores, às ordens recebidas e executadas prontamente!”

De Portugal já nos trouxe o correio precioso documento dessa época em que estamos da Vida da nossa querida Mãe.

Trata-se de uma Religiosa, noviça sua, que lhe ficou sempre afeiçoada:

“Recebi sua boa cartinha, pedindo-me algumas notas para a biografia da minha santa Mãe, Maria de Aquino”, responde à solicitação que lhe foi formulada, de nos enviar esclarecimentos sobre esse período da sua existência.

“Parece providencial e um sinal a mais de que Nosso Senhor quer que essa biografia seja publicada o eu têt, ainda no Noviciado, tomado apontamentos de fatos e maneiras de proceder que nela me haviam revelado grande virtude, o mesmo voltando a fazer em Braga, quando para lá foi Superiora e eu com ela a começar a minha Vida de Religiosa.

“Guardei o caderno no fundo da mala onde tem estado desde 1910, portanto há 28 anos, e agora fui buscá-lo, não tendo mais que copiar, corrigindo brevemente alguma maneira de dizer e acrescentando uma ou outra palavrinha.

“A parte da revolução de 1910 está ainda escrita a lapis, como o fiz, logo após aqueles tristes dias e já em minha casa.

“Note que não é costume meu escrever. Tantos anos vivi e convivi com a santa Madre Eucaristia e nunca escrevi dela uma linha. Todavia muita pena tenho que na altura de sua morte não se lhe tivesse também escrito uma biografia, que bem o merecia.

“Já parece que Nosso Senhor quis assim tornar as cousas mais fáceis, para lhe poder enviar com brevidade as notas pedidas”.

E esta carta veio acompanhada do precioso documento que transcrevo integral, introduzindo só a pequena observação que ouvimos da nossa querida biografada, com relação à morte de sua cara Mãezinha:

“NOVICIADO DE PENAFIEL —

De Setembro de 1905 a Setembro de 1907.

“O QUE FOI A MINHA MESTRA DE NOVIÇAS:

MADRE MARIA DE AQUINO VIEIRA RIBEIRO

Estive com ela dois anos no Noviciado e sempre notei que era alma generosa, dada à perfeição, muito interior e muito santa, caracterizando-a grande caridade e conformidade perfeita com a vontade de Deus.

Nunca dos lábios lhe ouvi uma só palavra contra o próximo e, se alguma das noviças se esquecia neste ponto, era severamente repreendida e até castigada. Lembro-me que um dia, pessoa necessitada veio bater à porta e pedir esmola. Soube-o a nossa querida Mestra e, daí a pouco, êi-la no corredor, *um tanto apressada*, quando de ordinário era tão grave no andar, com o avental cheio de cousas que procurava esconder, o rosto satisfeito, dirigindo-se para a portaria. Ia fazer o bem e por isso, tão leve e contente!

Conosco sentia tanto ou mais do que nós nossos desgostos e sofrimentos.

Doente e fraca, não se poupava. Se alguma sofria penas interiores, ficava com ela largo tempo, retardava até as refeições, mas não a deixava sem a ter consolado, animado ou desfeito as suas dúvidas.

Da sua conformidade com a vontade de Deus e serenidade de ânimo bastarão dois exemplos:

Adoeceram quasi ao mesmo tempo várias noviças. Tendo o médico declarado a uma irremediavelmente perdida, partiu logo a nossa Mestra para a Casa Provincial, a participar o caso à Superiora Maior. Como levaria o coração, ela cuja afeição pelas religiosas verdadeiramente maternal lho fazia sentir apunhalado, se as via sofrer?

Chegada à Superiora Provincial, revela-se-lhe no rosto tal consternação que a Madre M. da Eu-

caristia exclama: “Por Deus, diga: que tem, filha, que aconteceu”? Expõe-lhe tudo. E a Madre Eucaristia que era outra afetosíssima com as Religiosas: “E tem coragem de vir dizer isto”?

— “E’ a vontade de Deus, minha mãe. Bendito seja Nosso Senhor por tudo!”

Essas palavras sempre as tinha nos lábios, quando a tribulação sob qualquer forma lhe batia às portas da alma.

Nunca esquecerei a seguinte cêna que tanto me edificou e tão alta opinião me deu da minha santa Mestra:

! Estavamos em 1906. Chegou o dia do Coração de Jesús, a sua grande devoção. Em recreio, sentámo-nos em volta dela, falando e brincando. A’s 9 horas veio o correio. Vendo entre as cartas uma da Madre Provincial, abre-a primeiro, lê algumas linhas, levanta-se e diz: “Bendito seja Nosso Senhor por tudo!”, guarda a carta e sai precipitadamente.

— Que seria? Aquela exclamação e a maneira como foi dita, a saída inesperada... tudo nos surpreendeu. Uma lembra: “Querem ver que lhe morreu a mãe?” Pouco depis: “Está na capela.”

Levantámo-nos todas. Realmente lá estava ajoelhada, com a cabeça encostada ao altar de Jesús Sacramentado. Ajoelhámo-nos também: a dor da mãe era profundamente sentida pelas filhas.

Esteve assim alguns instantes, levantando-se depois serena, mas extremamente pálida. Cercámo-la ao sair. Sim! tinha perdido a mãe querida, que não mais tornara a vêr, desde que deixara Chaves.

A's 10 horas não retardou a leitura do Evangelho. Deu o sinal como de costume. Recordou após, durante alguns instantes, essa mãe que o Céu lhe roubava, não consentindo, em seguida, falassemos mais no triste acontecimento.

Não contou, porém, a nossa querida Madre a suas noviças, os verdadeiros motivos de fé que lhe dominaram a tal ponto os sentimentos naturais: "Havia oferecido a Nosso Senhor o sacrifício tão doloroso que se impusera de deixar e do modo como fôra obrigada a fazê-lo, a sua amada velhinha, pedindo-Lhe em troca, a levasse direitinha ao céu, quando morresse.

Chegando à capela, ao ler a triste notícia, não somente não chorou, mas o coração se lhe inundou de consolações. Pareceu-lhe o sinal de que Jesús lhe ouvira as preces. recebendo logo no seu Paraíso a alma querida da sua carinhosa mãe.

Mas continuemos a transcrição interrompida:

"A Mãe Maria de Aquino parecia possuir o dom de penetrar as conciências, de adivinhar. Ainda quando ausente dos exercícios de piedade, sabia o que lá se passava, sem que nenhuma de nós

lho dissesse. Notávamos isto e por vezes falávamos a respeito...

Era mortificada ao extremo. Como não podia satisfazer os desejos de penitência por ser doente, substituiu-a por uma mortificação quasi continua. A' mesa, estive muito tempo junto dela e percebia o que muito quereria ocultar. Tomou uma vez um ovo estragado, sem que tivéssemos tido tempo de o notar. Tornava-se necessário vigiar o que lhe serviam e os objetos de seu uso, porque escolhia sempre o pior para si. Nunca se apoiava. Para receber qualquer peça nova de roupa, precisava ordem expressa da Madre Provincial. Então tudo aceitava a sua escrupulosa obediência.

As ordens das Superiores maiores, cumpria-as com minuciosidade exemplar. Era a perfeição nos mais pequeninos pontos da Regra.

Em consequência de tanta fidelidade, crescia na vida interior e estou convencida de que era favorecida de graças sobrenaturais.

Na capela, extraordinário o seu recolhimento! Quantas vezes comigo e com outras, se deu o seguinte: Recado urgente a transmitir. Nossa Mestre, no seu cantinho, mãos nas mangas, olhos fechados, a assustar-se e a me assustar, quando, apesar de ter aberto a porta às vezes com bem pouco cuidado, era obrigada a tocar-lhe, para, por assim dizer, fazê-la voltar a êste mundo.

— Que se passaria nessas ocasiões na sua alma? Quantas vezes me tenho feito esta pergunta.

O certo é que parecia inspirada nas conferências espirituais ou, quando nos falava, nos recreios, do amor de Deus. Não digo que fosse revelação milagrosa: eram pelo menos grandes luzes hauridas na oração.

E como nos formou, *nos amassou* no espírito de fé! se era a alma de sua vida!...”

Foi extensa a citação. Deu-nos, porém, idéia da ação da Madre Maria de Aquino, no cantinho de Penafiel. Poderia acrescentar outras declarações. Basta, entretanto. Já compreendemos a veneração profunda com que a rodeavam Superiores e filhas espirituais.

Para a sua atração íntima, Penafiel era o Tabor, mas o Mestre não ia permitir-lhe levantar a tenda que nele a fixasse. Setembro de 1907 trazia-lhe mudança de ocupações e trocava-lhe o retiro e os cuidados espirituais das noviças por trabalho, se menos profundo, mais largo, nos colégios.

CAPÍTULO QUARTO

Superiora em Braga. O novo ambiente.
A cidade, o colégio, a sociedade. Ação da nova
Superiora. Estima de todos. Três anos felizes.

—— 1907 - 1910 ——

“O caminho dos justos é como a luz do
sol que nasce pela manhã, cresce em perfei-
ção, até ao pleno esplendor, ao meio dia”.

(Prov. IV, 18).

A nossa narração vai agora transportar-nos a Braga, a mais simpática das cidades portuguesas, Em ôLisboa, a direção administrativa; no Pôrto, a expansão comercial; em Coimbra, as conquistas da inteligência; em Guimarães, as tradições históricas; mas, em Braga, as manifestações religiosas e espirituais.

Gosto de Braga. Sinto-lhe a vida, nas recordações que desde menina dela tenho ouvido das nos-

sas Irmãs. E' a alma portuguesa religiosa e sobretudo mariana que representa. Braga tem o irresistivel encanto das cousas imortais. A origem, celta ou egipciaca, cartaginesa ou grega, perde-se no passado, nos tempos da legenda. A sua Sé é monumento de não se sabe quando. No dominio Romano, desde 130 anos antes de Cristo, era a BRACARA AUGUSTA, com todos os privilégios e honras das antigas cidades do Lácio e jurisdição sôbre vinte e quatro outras na região, ponto de afluência, não só dos soldados Romanos, mas ainda de numerosas familias patricias que ai se estabeleceram e lhe trouxeram os costumes dos dominadores.

Mas é a Braga cristã que atrai incontestavelmente a nossa simpatia. E' a Roma portuguesa, a cidade santa, a cidade de Nossa Senhora por excellência, nesse país predileto da Virgem.

Alteiam-se-lhe no recinto as torres das igrejas, sombreia-a, com os encantos dos mistérios, a austeridade dos conventos antigos, enchem-lhe os ares de graves ressonâncias, ou de deliciosas árias marianas, seus sinos e carrilhões.

E' a história cristã a encadear-se à antiguidade clássica e a ligar-se à civilização presente que a renova com o tom moderno dos liceus e escolas, dos Bancos e industrias, das ruas amplas e das construções elegantes.

Mas Braga é sobretudo o Bom Jesus do Monte e o Sameiro: é ainda, na nossa narração, Tibães e

Falperra e outras imediações pitorescas e principalmente o nosso colégio inglês.

Ligadas a êste, a aristocracia local das mais ilustres do país e as boas famílias bracarenses, pela educação das filhas e as obras sociais: Retiro fechado para senhoras, as escolas "S. José", gratuitas para crianças pobres, a Obra Pia da Primeira Comunhão.

O colégio inglês é o mesmo "Sacré Coeur de Marie", fundado e dirigido até 1907 por Religiosas Inglesas, o que lhe justifica o nome, entre as quais a nossa atual Superiora Geral, a Revda. Madre Maria José Butler, cuja vida apostolica esteve intimamente vinculada a essa simpática fundação, até partir para os Estados Unidos da America do Norte em 1903. Era alvo sua pessoa de tanta veneração, de tamanha amizade da parte de alunas e famílias da tradicional cidade que vive até hoje na memória e coração de todos.

Havia-se estabelecido o colégio, após os primeiros anos de organização, no Campo da Vinha, em moradia particular, ampla, porém, adaptada e aumentada depois de um novo pavilhão. Junto dêle, o Convento do Salvador, a casa de descanso dos antigos monjes de Tibães, adquirida por uma senhora, onde as religiosas tinham as escolas de S. José a que acima me referi, o Populo, Igreja dos militares. Era mesmo a Braga tradicional a rodeá-lo.

A Comunidade era numerosa: umas cincoenta religiosas, algumas distintas pela nobreza de origem e serviços já prestados ao estabelecimento.

A Superiora, Madre São Ligorio Mac Mullin, no início das férias de 1907, fôra chamada para dirigir a Casa-Mãe em França e a Madre Maria de Aquino recebia a missão de a substituir.

Era justamente querida, em Braga, a Madre São Ligorio. Fundadora da casa, com a Madre Sto. Tomaz, Provincial de Portugal, em 1876, tinha sido a sua primeira Superiora, apesar da idade juvenil, durante numerosos anos e pela segunda vez occupava o mesmo cargo.

Ao despedir-se das Terras de Santa Maria, deixava, pois, a amada Comunidade, as alunas e ex-alunas, os numerosos amigos, mergulhados na mais profunda saudade e à Madre Maria de Aquino, cujas qualidades já se tinham feito notar às Superiores, mas que passava despercebida ainda — quasi o direi — às próprias irmãs de Hábito, é que cumpria continuar a ação das suas predecessoras.

Custou-lhe o cargo, mas o seu grande espírito de fé viu logo a vontade de Deus na ordem das Superiores maiores e o Diretor espiritual, o Revmo. Sr. Padre Abranches, S.J., bem como a querida Madre Provincial não tiveram muito trabalho em ajudá-la a vencer a natural repugnância e aceitou

plenamente a cruz da direção do importante educandário.

Ao apresentá-la, em Setembro, à Comunidade chorosa pela partida da querida Madre São Ligorio, poderia repetir a Madre Provincial, às suas inconsoláveis filhas, a palavra com que em Vizeu fôra ela mesma apresentada, ao substituir a mesma Superiora: "Consolai-vos, minhas filhas, perdestes um anjo de inocência, (como representava bem este simbolo, a anjelica Madre!), mas ganhastes um serafim de amor"! E quando convidara a Comunidade a vir abraçar a sua nova Mãe, pelas faces desta deslizaram duas lágrimas que não pôde ocultar, na compreensão do penoso cargo que no momento lhe recebiam os ombros fracos, embora ajudados por Jesús...

A Comunidade em breve verificava que tinha uma mãe em todo o sentido da palavra; o colégio, uma direção suave e firme; os amigos, a continuadora das que a haviam precedido. A vida do educandário e das obras em dependência dêle seguiu o ritmo ordinário; as famílias e amigos tiveram da nova Superiora a impressão da sua bondade e distinção social; o clero e religiosos, especialmente os Padres Jesuitas da Capela de S. Bernabé, os Padres do Espírito Santo, capelães do colégio, o Vice-Reitor do Seminário, os dedicados Padres Luis Gomes e Joaquim Gonçalves, hoje Monsenhor Vigário Geral de Ribeirão Preto, no nosso Estado

de S. Paulo, continuaram a assistir-lhe com benevolência e devotamento.

Braga era uma casa feliz. O espírito de fé das Religiosas, a bondade maternal da Superiora, a piedade e boas disposições de tôdas criavam essa confiança, essa alegria de que até hoje se recordam com saudades as Irmãs.

Nas férias, era o Bom Jesus do Monte e o Sameiro, com o que encerram de encanto e piedade; a subida da escadaria, os passos, as fontes, a vegetação luxuriante, o lago, a gruta! Eram os panoramas que se desfrutam do cimo, junto ao celebre monumento da **Virgem**.

As Religiosas tinham â disposição, a casa dos mesários e a Igreja com o Santíssimo. De lá, os passeios à Falperra, um dos notáveis conventos dos antigos Beneditinos... ainda impressionante, apesar do abandono! E os frescos bosques adjacentes? — Férias invejáveis, sob as benções da Virgem do Sameiro, a ouvir o carrilhão da Igreja, na ária comovedora e popular do “Ave! ave! Ave, Maria!” de Lourdes.

Tibães, do outro lado do Sameiro, também era visitado, quando estavam em baixo na cidade. E’ majestoso Tibães! com os claustros antigos de azulejos, representando a vida dos santos, os salões imensos, grandiosos ainda, apesar das transformações. E, a rodeá-lo, a mata e, na mata, a capela solitária ligada ao mosteiro por linda estrada en-

tre muros de azulejos. Nos salões, em pinturas antigas, a óleo, os monjes ilustres!

Braga é realmente um exemplo da obra civilizadora do Cristianismo, de que nasceram as nações modernas. Os três conventos beneditinos o atestam...

A Madre Maria de Aquino, tradicionalista por temperamento e educação, gostou de Braga, e lem brava sempre a felicidade desfrutada nesse ambiente a que a arrancou a revolução de 1910 para a trazer a tão longes terras.

Ai entrara em cheio na sua missão. Era sobretudo mãe e em meio a tão numerosa família expandia-lhe à vontade a carinhosa personalidade. Sem deixar de ser firme (e no início do govêrno, para fazer reconhecida a sua autoridade, muitas vezes foi obrigada a usar de energia), foi principalmente bôa, cheia de delicadeza e suavidade para com todos.

Contou-me uma irmã que, ao acompanhá-la a Braga, esteve a Madre Provincial com cada religiosa em particular. Ao chegar-lhe a vez, perguntou-lhe a Revda. Madre: “Então, está contente com a sua nova Mãe”? — Oh! minha Mãe, tem coragem de pôr uma cruz tão pesada aos ombros de uma criança?” A Madre Eucaristia riu muito com a observação, tranquilizando a Irmã. “— Não é tão criança, como parece; tem trinta e sete anos”!

— “Não é tão criança como parece!” realmente a Madre Maria de Aquino não apresentava a sua idade. Tomá-la-iam então por uma jovem de vinte e poucos anos!

Outras observações do mesmo gênero se ouviram de outras graves Madres da simpática Comunidade.

Depressa, porém, as tranquilizaram suas qualidades e madureza.

Agora dou a palavra à Religiosa que já citei no Capítulo anterior, a respeito da sua ação no Noviciado. Tendo-a acompanhado a Braga e lá trabalhado os três anos em que a Madre Maria de Aquino governou a casa, o valor do seu testemunho é muito maior do que tudo o que dela poderíamos acrescentar. Intitula as suas notas:

A MADRE MARIA DE AQUINO,

SUPERIORA EM BRAGA.

DE SETEMBRO DE 1907 a OUTUBRO DE 1910.

“Aquela que me fortaleceu os mal seguros passos, na minha entrada para a vida religiosa, concedeu-me Deus a ventura de ter como Superiora, nos três primeiros anos de vida de apostolado.

Se a admirava como Mestra das Noviças, jardineira desvelada das almas, exemplar vivo da

Regra, hoje impressiona-me sob novo aspecto, reconheço-lhe novas virtudes.

“Aqui já não é a placidez e o sossêgo do Noviciado, onde tudo convida ao recolhimento e ao fervor. E’ a atividade exterior, os cuidados incessantes que dá o govêrno de um colégio e de uma comunidade religiosa.

“Quanto contacto com o mundo e suas classes elevadas! Que de preocupações, solicitude e zêlo! Quanto tacto na direção das filhas que Nosso Senhor lhe confia! E é uma religiosa nova, à frente de uma comunidade de religiosas quasi tôdas antigas, muito mais antigas do que ela! Mas é firme e, se sabe ser mãe, sabe também ser superiora e, para cumprir o dever, imolar o próprio coração e o dos outros sendo necessário, a ponto às vezes de termos de concordar que os santos têm grande geito para fazer santos.

“O seu recolhimento e espírito interior não sofreram com a mudança. Nos instantes livres, lá está no seu lugar na capela, junto de Jesús, em oração! Olhos fechados, mãos nas mangas, alheia a tudo que a cerca.

“A caridade é a mesma. Como com Santa Teresa de Jesús, os ausentes estão seguros onde ela estiver, porque a Madre Maria de Aquino não permite a mais leve palavra desfavorável ao próximo, e, apesar do trabalho extenuante, a todos

fala, a todos atende, sempre com o seu ar bondoso e afável.

“Quantas vêses lhe tenho notado o grande dominio sôbre os sentidos, sôbre os impulsos da natureza! E quantas cousas me tem dito do seu modo de pensar e sentir que me deixam boquiaberta! Os santos são diferentes do resto da humanidade!

“Um exemplo da sua grande caridade e espirito sobrenatural. Referiu-me a própria doente, pedindo-me o escrevesse, para um dia servir de testemunho à virtude da nossa santa Mãe.

“Era em Outubro de 1908. Estava muito doente com um ataque de paralisia a Irmã coadjutora já idosa, Irmã Epifânia.

“A Madre Maria de Aquino tinha dito um dia à enfermeira que a vestisse devagarinho e a sentasse na cadeira, para descansar algumas horas o corpo maltratado pela cama. No dia seguinte vai ver a Irmã e encontra-a ainda deitada. — “Então não se levantou”? — “Não, responde a velhinha, a enfermeira ainda não veio”. Sem mais, toma a bôa Superiora das meias da irmã e começa a calçar-lhas. Veste-a com verdadeiro desvêlo de mãe. A pobre irmã, confundida, entenrecia-se até às lagrimas. Só daí a instantes entrou a enfermeira, que não ficou menos comovida com o quadro que se lhe deparou.

“Fazia todas as vontades da doentinha. A esta bastavam os sofrimentos da molestia. Um dia pediu a doente à querida Mãe umas “galochas” e uma saia nova. Note-se que estava mesmo para morrer, desenganada! A cabeça já não regulava bem. A boa Madre Maria de Aquino deu-lhas logo. A’ tarde contava isto a enferma às Irmãs, no seu belo português afrancesado, concluindo nestes termos: “Ela me dá tudo que lhe *pergunto*”.

“Era assim o seu coração, a sua caridade, o seu espírito sobrenatural. A cada instante nos edificava e seria longo tudo referir...

“Reunia as qualidades que fazem a bôa religiosa e a Superiora perfeita.

“Nas conversas, que cuidado para evitar que falassem em seu louvor ou na sua família!

“Eu que tinha convivido muito intimamente com a família de um de seus irmãos, o Manoel, era logo repreendida, se em público me referia a êles. Em particular falou-me muita vez no desgosto que lhe vinha de se conservar êsse irmão zangado com ela e não deixou de me contar, quando êle em Lisboa a foi esperar ao vapor, numa das suas vindas a Portugal. O amor da família lá estava, pois, no seu coração tão bem formado, porém regulava cuidadosamente as manifestações dêle, para se mortificar e não dar nem nesse ponto tão legítimo largas à natureza.

“Sempre a conheci assim, mortificada, generosa, magnânima para com Nosso Senhor”!

.....

Mas tomo o fio da minha narração, para encerrar êste capítulo:

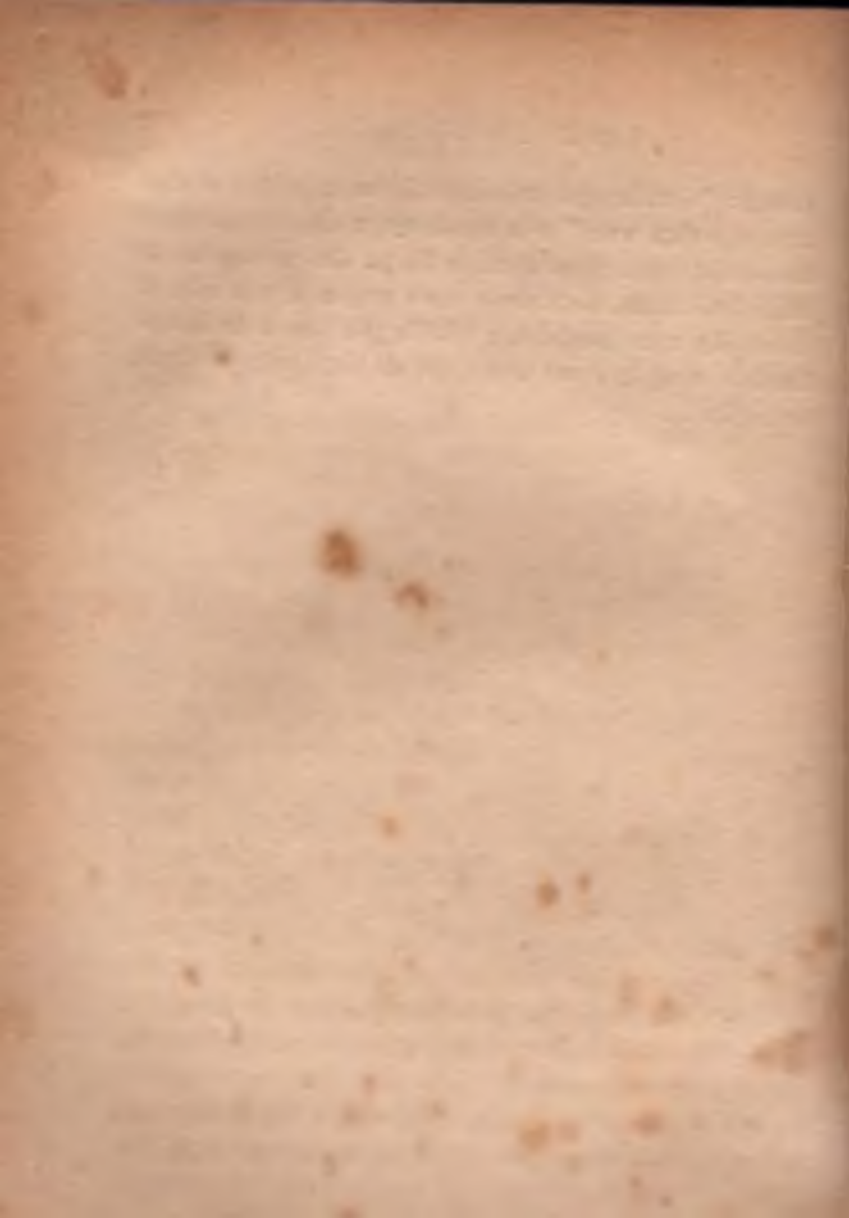
As últimas férias das religiosas em Braga, passaram-nas na Quinta de Araufe, propriedade dos pais da aluna Maria Angelina Braga, do lado oposto ao Sameiro. Junto, a Quinta do Vice-Reitor do Seminário, com capela. S. Revcia. mandou para lá levar o Santíssimo, pôs a Capela à disposição das Irmãs e um Padre diariamente ia celebrar e dar a Sagrada Comunhão à Comunidade.

Era assim a abundância dos recursos espirituais e materiais de toda a sorte, o conforto moral da união dos corações, a alegria inocente dos passeios solitários, dos recreios joviais a fortificar a amizade fraterna dessa familia religiosa modelar: a alegria também alimenta as almas! nem podiam estas suspeitar as tempestades que se iam desencadear.

Quando daí a pouco mais de um mês rebenta a tormenta revolucionária, dispersando as famílias religiosas, a Comunidade de Braga, tão unida e feliz, sentirá violento abalo, mas partirá confortada.

Dos lábios da querida Superiora ouvirá esta palavra de ânimo que as sustentará na horrível

prova: “Confiança, minhas filhas, nós nos reuniremos outra vez!” e a lembrança da consoladora união fraterna lhes dará a fôrça de, ao apêlo da Mãe desvelada, deixarem uma segunda vez não só a família mas também a Pátria por amor de Nosso Senhor e apêgo ao seu querido Instituto e santa vocação...



CAPÍTULO QUINTO

A tormenta revolucionária. Dispersão da Comunidade. Caridade da Madre Maria de Aquino.

“NÓS NOS REUNIREMOS AINDA”!

Resolução generosa. Recurso à Superiora Geral. LOURDES. Rumo ao Brasil!

— 1910 - 1911 —

“... subiu a um monte para orar e transfigurou-Se diante dêles...

Eis que apareceram Moysés e Elias e falavam da morte que JESUS IA PADECER EM JERUSALEM”.

“Está escrito na primeira página do livro da vida: Eis que venho, ó Pai, para cumprir a vossa santíssima vontade”!

A vontade do Pai celeste era a Redenção da humanidade naquelas duas travessas de madeira

superpostas em cruz e na Cruz, suspenso por três cravos, Jesús, seu Filho Unigenito!...

Entre o primeiro instante da vida do Verbo incarnado e a sua Paixão dolorosa, o lapso de trinta e três anos, em que passou por todas as nossas humanas situações. Jesús fruiu a doce intimidade de Nazaré, conheceu as alegrias de família, teve o seu *Tabor* e transfiguração, mas justamente quando lhe falaram os varões da aparição dos tormentos que ia padecer.

Agora que vai encerrar-se fase tão feliz da vida da Madre Maria de Aquino, bom é que esta alusão aos exemplos do Mestre nos recorde as aparentes contradições da Providência, encaminhando os passos dos predestinados do Pai á participação da Redenção pelo sacrificio.

“Jesús continúa, em cada um de nós, a chorar, a sofrer e a ser humilhado”, escreve Monseñor de Ségur. “Alegrêmo-nos de cooperar na obra da Redenção! Quando Jesus ama uma alma, dá-lhe lugar ao pé da Cruz”.

“E’ de lei”, nota outro autor — o venerável Canori Mora — “na ordem sobrenatural, o Espírito Santo não enriquece a alma de seus favores senão submetendo-a à tribulação.

O sofrimento possui um poder misterioso e admirável; contém os bens imperecíveis da Eternidade...”.

Mas retomemos a narrativa e voltemos novamente à cidade do Bom Jesus e do Sameiro.

Corria Setembro de 1910. Terminada a estação de descanso na Quinta dos Braga, onde ainda celebrou a Comunidade a sua festa querida do Sagrado Coração de Maria, volveram as Religiosas ao Colégio, para preparar o início do novo ano escolar.

Veio o retiro, o último, — mal pensavam! — Cheio de paz e consolações deslisou suavemente, como tudo mais nessa casa tão embalsamada de amor a Deus e fragrância de caridade fraterna, contrastando, pela doce tranquilidade, com os tristes dias que se lhe iam seguir.

Não é demasiado insistir na ventura que se desfrutava em Braga, fruto da piedade fervorosa e da união dos corações. A nossa querida Mãe até à morte lembrava saudosa êsse periodo que passou à frente de Comunidade tão bôa, rodeada de amigos, a tal ponto dedicados, que lhe não deixaram sentir a cruz e pelo contrário só lhe proporcionaram alegrias. Braga foi-lhe delicioso Tabor e ao menos inconciente, na exaltação da felicidade, a sua alma delicada teria repetido ao Mestre os desejos de S. Pedro de fixar a tenda indefinidamente em paragens tão propicias. Mas os anjos, que a seguiam, conversavam outros assuntos com Jesús: entretinham-se dos padecimentos que breve partilharia com a sua ditosa Comunidade e todos os

bons discípulos do Senhor, nessa nova Jerusalém perseguidora, — deicida, se o pudera — a República Portuguesa sectária.

Correu ainda tranquila a segunda parte de Setembro. Outubro abriu-se, entretanto, com sentimentos que mal se acreditavam. Foram chamadas as Superiores á Casa Provincial no Pôrto, onde a atmosfera carregava mais do que na nossa Braga conservadora, para confabularem sôbre o que se anunciava e as medidas a tomar, caso viesse mesmo a revolução.

A Madre Maria de Aquino ainda fizera a viagem de Hábito. Chegaram as Superiores ao Pôrto na manhã em que se encerrava o retiro espiritual, pregado pelo Revmo. Snr. Dr. Abranches, Jesuita, que procurou dispor os espiritos aos sacrificios supremos que lhes ía pdir a fidelidade à vocação.

Rebentou afinal a tormenta em Lisboa, no dia seguinte, 5 de Outubro. Um programa terrível: não sómente a laicização, mas a perseguição religiosa. Era urgente partirem as Revmas. Superiores para as suas casas, antes que a borrasca repercutisse no Pôrto e desencadeasse as massas populares nas anárquicas e perigosas arruaças. Levavam como decisão da Madre Provincial a retirada imediata das religiosas para o meio das suas famílias, em vista dos boatos terríveis de saques e depredações que circulavam.

O trem de Braga estava no horário. A Madre Maria de Aquino, acompanhada de uma religiosa estrangeira, seguiu imediatamente rumo à estação de S. Bento, mas o trânsito já se achava embaraçado e o comboio partira antes de atingir a estação.

Forçoso voltar ao Colégio! Com dificuldade puderam obter um carro e abrir caminho entre a população anarquizada, em manifestações ameaçadoras às Ordens Religiosas, ao Clero, às autoridades e às igrejas.

Que horríveis momentos, de S. Bento ao Colégio, onde deviam aguardar a hora do noturno, no meio da multidão ululante, aos gritos de: “Abaixo a 5eita negra!” fazendo estremecer de horror. A religiosa, que estava com a Madre Maria de Aquino, sentiu tamanha reação que o corpo se lhe cobriu, inteiro, de manchas vermelhas. A nossa querida Mãe contou-nos que não perdeu a calma. No meio da agitação em volta do carro, sentia-se tranquila, abandonada a Nosso Senhor, com um domínio perfeito de si: — virilidade de caráter, herança dos seus maiores, para a qual já chamamos a atenção no capítulo primeiro desta biografia; espírito sobrenatural principalmente, e confiança na Divina Providencia!...

Queria descer do carro em Cedofeita, para despistar o cocheiro em quem receava disfarçar-se um revolucionário. Impediu-lhe êste, deixando ver

que sabia tratar-se de religiosas do Colégio inglês. — “Deixarei as senhoras mais perto do estabelecimento, no Largo Coronel Pacheco, pois aqui ainda podem não estar bem seguras”, disse com bondade. — “Mas, como se chama?” inquiriu a nossa querida Mãe. — “Chamo-me Salvador, minha senhora” e combinou estar naquelas alturas da cidade, à hora do noturno, para reconduzi-las à estação.

A Madre Maria de Aquino tomara as vestes seculares, exigidas pelas circunstâncias, por isso não a incomodaram suspeitas durante a viagem.

Porém, como levava o coração!... Dispersar-se a sua Comunidade tão feliz, ver partir as filhas, arrancadas à sua terna solicitude pelo furor dos inimigos de Deus e da Igreja, pelas incertezas, a crueldade de uma revolução... Um Calvário, êsses momentos dolorosíssimos, em que cada despedida lhe crucificava a alma.

Cito ainda o testemunho da Religiosa que lhe veio registrando as atitudes, desde que se lhe pôs sob a maternal direção no Noviciado até dizer-lhe adeus na hora da dispersão. E' a última página das notas que nos enviou:

“E agora, volvamos os olhos para os tristes e angustiosos dias da implantação da república em 1910. Quantas provas mais de fôrça de ânimo, de coragem, amor ao sofrimento, às almas das filhas em religião! Que serenidade admirável! Que resig-

nação! Assombrava verdadeiramente vê-la, tranquila, mas pálida pelo esforço que fazia, dispondo tudo, dando as ordens necessárias para a partida dos grupos de religiosas, desagregando lentamente a família a que presidia e que sob os seus cuidados maternos vivia tão unida e feliz! Tôdas partiam lavadas em lágrimas e ela, só depois de se ter despedido de cada grupo, caía por vezes desfalecida numa cadeira, chorando como criança! Pobre Mãe, que dias de Calvário! Mas como a Virgem, junto à Cruz, arrostou com a fúria da tempestade revolucionária, de pé — *stans!*

“Esse martírio, essa tortura, repetia-se todos os dias, mas não a prostrava a dôr. Passado o momento de desafogo, lá ia atender às mil e uma necessidades que lhe requeriam a presença.

“Como lhe resistiu a saúde tão fraca a noites inteiras quasi sem dormir, a tanto trabalho e sobretudo a tanto sofrimento moral, a tanto esmagar de coração, é para mim um milagre!

“Depois lá ficou na cidade, numa casinha arranjada por senhoras amigas que lhe foram verdadeiramente dedicadas, à espera, a ver se passaria o tufão, para reconstituir a querida Comunidade, lá mesmo na saudosa Braga! Deus assim não quis”...

Detenhamo-nos um instante a refletir em tão desastroso acontecimento.

O que foi essa dispersão, avalia-o quem, como nós, tendo experiência da graça da vocação religiosa, ama com todas as veras da alma, mais que a própria vida, mais que tudo no mundo, o seu retiro, a sua vida de identificação com Jesus Sacramentado, Companheiro da existência, habituando sob o mesmo tétó, Pai, Irmão, Amigo, o Espôso, o Único, o Tudo da Religiosa; imagina-o quem, sentindo o nada do criado, desprezou, e odiou até! as glórias e felicidades ôcas da terra e se consagrou à contemplação das grandezas e verdades do Além, ao levantamento da própria alma e das dos seus irmãos; entende-o quem se escondeu por um “tesouro escondido” e vestiu — em troca dos trajés que absorviam em preocupações anuladoras, — a veste eterna das esposas do Cordeiro...

Quem compreende todo o sentido da vida, dessa vida plena que é a graça e em complemento a glória, lhe sente a expansão no próprio ser, através as atividades a que se deve entregar e de repente vê violentamente o vôo impedido, as asas largamente abertas enlaçadas, o esforço de arrojarse para o espaço e a luz que atraem, inutilizado, sofre o que se não pode exprimir.

Foi o que se deu com as Religiosas de Portugal, em 1910. Ao referir-se a dias tão tristemente célebres, recusam as expressões: nada pintará exato o que sentiram. — “Não há palavras que possam traduzir o que foi”.

Algumas, para não se separar do Hábito que-rido, ageitavam-no como podiam sob a veste se-cular... era possível assim carregar sobre si a ves-te da consagração; mas impossível levar a atmos-fera das Casas de Deus em que se respirava o ar do Céu... Retomar a vida do mundo outra vez... era definhar aos poucos de saudades do “seu Pa-raiso”, de saudades do “seu Deus”...

Mas a Madre Maria de Aquino havia dito com o adeus às filhas muito amadas essas palavras ani-madoras: “Coragem, minhas filhas, nós nos reuni-remos outra vez”...

— Como realizar essa promessa?

Apesar do golpe da Providência contra o san-guinário Dr. Bombarda, que pugnava pelas medi-das extremas da guilhotina e condenação à morte, à imitação da revolução francesa, já vimos, foi odiosa a Revolução, às ordens de Afonso Costa e seus companheiros, celebrizando-se sobretudo em Lisboa com os desacatos, prisões e tratamentos in-dignos aos Religiosos, principalmente os Revms. Sacerdotes Jesuitas, mais alvejados, em vista dos méritos excepcionais da Ordem, pelas calu-nias e atos agressivos.

As filhas do Sacré-Coeur de Marie”, estabele-cidas em cidades menos minadas pelas idéias re-volucionárias, só sofreram as consequências da mudança do regime; — mas, horríveis, desastrosas

consequências; estavam dispersas, — sofrimento indescritível — e a República lhes usurpara os bens!

A Madre Maria de Aquino, após a partida das Irmãs para a casa dos Pais, com poucas companheiras aguardou a visita dos agentes revolucionários, encarregados do arrolamento dos bens do Colégio. Algumas imagens, paramentos e livros tinham sido confiados a pessoas amigas, em vista do futuro embora incerto da instituição.

Corajosa e digna, acompanhou, com a dedicada Madre Sainte Foy e a nossa Madre São José, as novas autoridades, na visita às diferentes partes da casa, respondendo, como lhe convinha, ao inquérito que lhe dirigiram.

Os representantes da revolução limitaram-se a inventariar os bens do estabelecimento, mostrando-se menos máus para com as respeitáveis senhoras de quem só a fôrça das circunstâncias talvez fizessem desconhecer os direitos sagrados que violavam, ao desapossá-las: Braga não era simpática à Revolução, mas cumpria-lhe os decretos, pois não tinha elementos para reagir.

Afinal chegava o momento do sacrificio supremo: dar ordem de partir às poucas Irmãs que ainda arrostavam os perigos da desobediência à lei de expulsão e permaneciam junto da Mãe querida, e separar-se ela mesma, talvez para sempre, com as

duas outras que a lei permitia guardar consigo, de morada tão cara ao seu coração. . .

E êi-la agora na casa contigua, a das escolas gratuitas de S. José. As senhoras distintas da cidade, que sustentavam a obra, na veneração com que a rodeavam, passaram a noite a transformar uma das modestas salas da residência em quarto condigno para a amada Superiora. Não podiam desistir de guardar em Braga, sob as vestes seculares, as queridas religiosas, eméritas educadoras de suas filhas.

A Madre Maria de Aquino mergulhava-se, porém, em profundas reflexões. Passavam os dias; ia ao Pôrto conferenciar com a Madre Maria da Eucaristia, consultava, e capacitava-se cada vez mais da realidade: a República Portuguesa era realmente sectária; não permitiria a reconstituição das Comunidades, não reconheceria o Hábito Religioso. Disto se persuadia; a Madre Maria de Aquino era Mãe, a Madre Maria de Aquino era religiosa; suas filhas, os seus cuidados; seu Hábito, a vida regular, tôda a sua felicidade. Portugal não queria, renegava as Virgens do Senhor, renegando o Cristianismo e a Igreja; tornava-se o exílio, buscariam uma Pátria nova e, quando as dignas senhoras da sociedade bracarense, oferecidos apoio e casa, lhe rogavam ficassem entre elas, já tudo haviam ponderado: — “Não, minhas senhoras, não podemos passar sem o Hábito. Seguimos para a

França, afim de conferenciar com a Superiora Geral, e, obtida a licença, trataremos de reunir-nos sob outros céus! Não desobedeceremos a Afonso Costa como não desobedeceu Jesús a Herodes; mas seremos fieis a Deus!” foi a sua resposta.

Por carta anunciava depois às filhas sua viagem à Casa-Mãe, no interêsse comum, e alvoroçava-lhes as almas de esperanças.

A Revda. Madre Provincial acompanhou-a a Bèziers. Não foram pequenas as dificuldades para fazer aceitar a idéia de fundações tão distantes à Revma. Madre Geral. E' certo que desde 1877, ano da inauguração do próspero Colégio de Sag-Harbour, floresciaam as fundações dos Estados Unidos e dizem até que a primeira Capela nesse grande país, em honra do Coração de Maria, foi a sua linda igreja. — Chamo igreja, visto suas proporções e beleza. — Mas o Brasil não eram os Estados Unidos, já potência a rivalizar com os países adiantados do Velho Mundo. O Brasil, quasi desconhecido, cá no hemisfério oposto... “nação a civilizar-se..” que sei? Não estranhem os que me lerem. A França, à vanguarda da civilização, ignora, entretanto, muito do resto do Globo. Absorvida na missão orientadora do pensamento, é alvo das atenções do Universo a que nem sempre pode retribuir. E' certo que os Missionários Franceses estão por tôda a parte, no Brasil também e mandam para a Pátria as suas memórias; o católico francês conhece o Bra-

sil pelas crônicas missionárias. Mas o interesse do Apostolo de Cristo são as almas a converter, e a floresta surpreendente de esplendor e riqueza que os caros índios povoam, o assunto das suas curiosas narrativas.

E o francês, não digo o de hoje, em que o avião e o rádio aproximaram tanto as distâncias que nos diríamos quasi vizinhos, mas de 1910, de 1920 mesmo, admirava-se diante das fotografias de nossas capitais, não podendo acreditar que tínhamos no Brasil a civilização como na Europa.

Mas a Madre Maria de Aquino havia passado por Lourdes. Ajoelhará-se junto a Nossa Senhora: as filhas dispersas, as almas abandonadas, o sofrimento a isolá-las, a saudade, a privação imensa do ambiente espiritual, longe do teto que, a abrigá-las, abrigava também o Tudo de seus puros corações: Jesús na Eucaristia! Não sossegará, enquanto não conseguisse reunir novamente a querida família espiritual. Os olhos se lhe iam da imagem da Virgem para o lado do Ocidente onde lhe estavam dispersas as ovelhinhas e a alma sentia em soluços toda a ternura que lhes consagrava. “Como uma Mãe acaricia seus filhinhos, assim vos consolarei, acalantar-vos-ei no meu seio, balançar-vos-ei nos meus joelhos”... era em segredo o que lhes repetia.

A Virgem lhe ouvia o desafogo! Mas o que desejava pedia imensos sacrifícios. A terna Mãe lho

mostrara em pressentimento, resposta de carinho compassivo, lembrando a fraqueza da filha suplente.

— Não! Não! Perdão, Mãe celestial! não era momento de medir forças, mas a hora dos heroísmos e ousadias maternas. Era um coração de mãe ante outro coração de Mãe. O pressentimento não conseguiu apertar o primeiro que se havia aberto à mais inteira confiança. Não lhe limitou a generosidade e a oração exprimiu-se na resolução e na supplica: “Mãe, ofereço-me a todos os sacrifícios, mas não me negueis a graça que vos peço”.

Eis porque, de volta a Portugal, escrevia às religiosas que estava de partida para o Brasil; ia preparar os caminhos para as novas fundações. Tranquilas, aguardassem ordens da Madre Provincial, que organizaria os grupos de acôrdo com as necessidades espirituais de cada uma e lhes marcaria a tempo o embarque.

Depois, em fins de Fevereiro de 1911, o “Cap-Vert” levantava ferros do pôrto de Leixões. No tombadilho três lenços acenavam os adeuses à Pátria e às que ficavam. Que mixto de sentimentos! Saudades a toldar de lágrimas os olhos, na oblação da natureza, esperanças, consolações, na imitação de Jesús. O Verbo Eterno, deixando o céu por seu amor, dava-lhes mais que forças, — alegrias! — de deixar também a Pátria terrena por seu amor.

E vejo em espírito as três heroínas, rumo ao Brasil! a Madre Maria de Aquino arrastada pelo seu amor de mãe, pelo apêgo a suas vestes religiosas; a Madre Maria de Assis, cordeirinho obediente, na sêde de sofrer por Jesús; a Madre Sainte Foy, ardorosa apóstola, tocada misteriosamente pela palavra de estímulo do Mestre aos discípulos: "Levantai os olhos e vêde. Doiram as searas! A messe é grande, poucos os operários"...

A viagem é lenta, o vapor magnifico.

Eis Lisboa e a decantada Cintra.

Madeira.

Cabo Verde!

Madeira sobretudo, joia preciosa no engaste verde-azul das águas, bocado de Portugal que prende os olhos e chega a fazer estremecer o coração.

Mas alça-se de novo a âncora. O coração balança, pairando sôbre o mar da saudade... E' livre, porém. Um bater de asas mais vigoroso, "sursum!" remonta ao cimo.

Os dias afastam cada vez mais as caras viajantes. Agora já surge entre as ondas a primeira sombra do Brasil: Fernando de Noronha, em pene-dias!

Veem a seguir as alegres boas-vindas no acenar dos leques das palmeiras.

Recife.

Baía.

O longo litoral invisível.

A inegalável Guanabara. Rio de Janeiro!

A contemplação faz-se à surdina da alegria magnífica de quem toca à meta dos seus desejos.. e, ao pisar o solo com êsses “passos formosos” de que fala a Escritura Santa, vôa o coração a Deus em agradecimento, para depois se mergulhar na vizinhança do Sacrário silencioso de uma de nossas igrejas, a bater, na misteriosa confusão dos sentimentos de quem carrega uma missão no desconhecido.

A Madre Sainte Foy, em comovente poema enviado de Portugal no jubileu das fundações brasileiras, assim celebra essa viagem de esperança:

“Tarde linda, céu azul, mar transparente;

Em Leixões se balança a náu potente,

“Cap-Vert”, alemão.

Vai conduzir às plagas brasileiras,

Do Sacré-Coeur de Marie as três primeiras,

Em sublime missão.

.....

Tangem as Ave Marias,

Com sua voz argentina,

Os sinos da Capital!

A bordo, doce harmonia

Toca a banda em sinfonia,

Num adeus a Portugal.

As gaiotas aos milhares,
Esvoaçam pelos ares,
E veem as ondas beijar;
Dos navios ancorados,
Branços lenços agitados,
Em despedida, a saudar!

O "Cap-Vert" então deslisa,
Bem sereno, majestoso,
E o coração tão saudoso
Diz à Pátria um terno adeus
(Entrega-se à Virgem pura!)
Nas faces roreja o pranto,
! Ao deixar todo êsse encanto,
Pelas almas, só por Deus!

.....

7 de Março de onze:
Surge a formosa Baía,
Ao toque do meio-dia,
Numa doce melodia
De amor, emoção e fé!
Eis as plagas brasileiras,
Com suas verdes palmeiras!
Belezas alviçareiras
Do mar, que lindo que é!

Foi o Angelus rezando,
Que o coração, palpitando
De saudade, soluçando,
Deixou a Pátria gentil;
Agora o som argentino
Repete o anjélico hino,
Ao ver surgir o Brasil!

.....

De novo largou ferro a grande nave,
Qual gigantesca, imperiosa ave,
Outros céus demandou,
Variado cenário de belezas,
Da flora tropical as mil riquezas,
Ante o olhar perpassou!
Vários dias ainda, mar em fóra,
Sua rota seguiu!
alfim vinha rompendo a bela aurora,
Quando a terra surgiu...

11 de Março de onze:
Nos rostos vê-se a alegria,
Todos sobem ao convéz,
Saúdam a luz do dia
E do Senhor as mercês.

Ilhéus cobertos de relvas,
Penedias azuladas;
Depois, já se vêem as selvas,
Enfim, serras elevadas.

A formosa Guanabara,
Em sua imensa amplidão,
Desvenda a beleza rara
Que Deus lhe deu por condão!

E o “Cap-Vert” a avançar por entre couraçados.
— E’ o “Minas Gerais”, exclama um marinheiro.
— E’ o “Benjamin Constant”, já dizem do outro
[lado.

Ilhas, fortes... Emfim o Rio de Janeiro!...

Oh! que deslumbramento! excelsa maravilha!
A alma agradecida eleva-se a Jesús!
Salve! nação irmã e de Portugal filha,
Damos-lhe sêlo e amor, Terra de Santa Cruz!

.....

Era também meio dia,
Quando a pequena falange
Brasílea plaga pisou.
Ao Senhor, em templo santo,
Logo a render homenagem,
Sua missão consagrou.
E a alma sensível, meiga,
Generosa, hospitaleira,
Da grande Nação Brasileira,
O Sacré-Coeur abrigou...

.....

Aqui o ponto final a êste capitulo.

Trinavam as avezinhas de Deus, nos bosques reais dos Seus palácios terrenos.

Baixou uma nuvem de falcões a afugentá-las. Desertaram espavoridas e Deus sentiu falta dos seus gorgeios.

Chamou-as e sossegaram, ouvindo-Lhe a voz. Abriu-lhes os espaços imensos da terra nova e hospitaleira do Brasil e as avezinhas, cuja vida é voar e chilrear louvores, espalmaram as asas e demandaram a primavera perene dêstes trópicos.

Repito:

“Era também meio dia,
Quando a pequena falange
Brasílea plaga pisou.
Ao Senhor em templõ santo,
Logo a render homenagem,
Sua missão consagrou.
E a alma sensível, meiga,
Generosa, hospitaleira,
Da grande Nação Brasileira,
O Sacré-Coeur abrigou...

CAPÍTULO SEXTO

No Brasil: os princípios penosos. A alegria e fervor nas provações. Sete Lagóas. Rio e Ubá. Primeiros anos das duas fundações. Visitadora do Brasil e Superiora no Rio.

— 1911 a 1919 —

“Nas vossas penas, disse: Ama-me meu Esposo, porque me inquietar? Ele é riquíssimo e onipotente, dar-me-á uma felicidade perpétua, tesouros infinitos”... (Nosso Senhor a Sta. Brigida).

Do pequeno terraço da nossa Capela de Copacabana, contemplo a panorama do vasto edifício que já é o nosso Colégio, voltado para o mar. Construção sólida, vista aprazível, a vida a estuar, o aspecto brasileiro, alegre, claro como o nosso sol, o progresso rápido, como só se observa nos países novos, a reclamar e a um tempo a renovar energias.

E' o presente que estende mais longe os seus benefícios: Rio, só, não! Ubá, Belo Horizonte, com colégios já feitos e, agora, S. Paulo a iniciar-se promissor.

E o meu pensamento empreende uma viagem de regresso, não pára; vai recolhendo os élos da cadeia dos anos, dos dias vividos. Já são tantos! Vinte e sete vezes completará breve a terra em tórno do sol a revolução completa... desde êsse dia a que devo chegar. Eis-me enfim em 1911 — 12 de Março!

Quem vê hoje a vastidão dêsses Colégios, quem verifica o bem que fazem, o número crescente de vocações brasileiras, a atestar a ação profunda nas almas, quem observa o zum-zum intenso do seu trabalho de colmeias de inteligências, mal suspeita quantos sofrimentos morais e privações materiais custaram às nossas Fundadoras.

E' um dever levar-lhes em abundantes braçadas as flores da gratidão e juncar-lhes a memória dessas pétalas perfumosas de corolas desabrochadas bem dentro das nossas almas.

Nós lhes devemos a prosperidade de que fruimos. — Essas construções já vultosas, o conceito de que gozamos, o espirito que anima as nossas casas, tudo é fruto do labor e provações.

Retrocedamos ao início dos seus trabalhos e sigamos a passo suas tentativas e realizações.

Desembarcaram as três primeiras filhas do Coração de Maria, já o vimos, em Março de 1911. Para Jesús-Eucaristia, foram as primeiras homenagens. A Madre Maria de Aquino vinha munida de cartas do Revmo. Sr. Dr. Abranches, S. J., para um dedicado discípulo seu de Coimbra, o Revmo. Pe. Castanheira, a quem muito ficou devendo o "Sacré-Coeur de Marie" do Rio.

S. Revcia. acolheu as exiladas voluntárias do amor de Cristo com bondade, prestou-lhes tôdas as informações necessárias, encaminhou-as ao Colégio da Imaculada Conceição, das caridosas filhas de S. Vicente de Paulo, onde se hospedaram, pôs-se-lhes à disposição para qualquer coisa em que pudesse servi-las, ofereceu-lhes dinheiro que a Mãe Maria de Aquino não teve coragem de aceitar e que ia fazer-lhe falta nas grandes privações por que devia passar.

Educadora, o Rio pareceu-lhe campo propício ao cultivo das almas, a estação indispensável para descansarem da longa travessia do Atlântico as Religiosas que se destinassem às casas do Brasil.

Mas ia continuar a "Via Crucis", iniciada aos clamores da Revolução Portuguesa.

Tão habituada às carinhosas atenções dos Prelados I usos, que tanto estimavam o "Sacré-Coeur de Marie", recebeu do nosso Eminentíssimo Cardeal Arcoverde uma recusa formal: Ao parecer de Sua Emcia. "já havia muitas Congregações no Rio".

O que foi esta seta para o coração sensível da Madre Maria de Aquino, não o tento exprimir.

Forçoso seguir imediatamente para Minas.

Vindas do Portugal pequenino, antigo, com tôda a facilidade de vida, não faziam idéia do que as esperava, neste nosso imenso país de população dispersa, onde as viagens são todas longas — no Brasil cabe quase toda a Europa! — onde a civilizaçãõ caminha a passos agigantados, mas tem ainda tanto que andar... E o nosso Brasil de agora, após vinte e sete anos do estabelecimento do “Sacré-Coeur de Marie” entre nós, não tem o mesmo aspecto de então. Hoje é em tôdas as direções cortado de estradas de rodagem, modernizadas as suas cidades do interior pelo calçamento ou mesmo o asfalto, pelas construções elegantes das “vilas” ou “bungalows”, pelo trânsito dos automóveis com o cheiro vivo da gazolina, por tôda essa aparência aprazível do moderno que torna mais belas, mais claras, mais alegres as coisas da America, onde o novo não é sombreado pelo velho como na Europa.

Mas a Madre Maria de Aquino embrenhava-se em Minas, em 1911. Já vinha orientada pelo Revmo. Pe. Peretto, Salesiano que vivera no Brasil, para a diocese de Mariana.

Minas de então havia sido definida, na frase de um dos seus estadistas: “Um povo que se levanta!” A tradição de grandeza dos séculos da ex-

ploração das suas ricas jazidas de diamantes e preciosos metais já pertencia ao passado. Mesmo a produção agrícola nas zonas fertilíssimas baixára; as fortunas rarearam com a extinção da escravidão, a República facilitou a independência dos Municípios, mas tudo estava novamente a começar...

Para quem chegava da Europa com a missão de preparar subsistência e ação para uma família numerosa de educadoras das altas classes sociais, a impressão era desoladora; um trem sem conforto a correr com tôda a velocidade entre curvas profundas, sacudindo violentamente os passageiros, sem atenção às delicadas compleições, detendo-se em estaçõezinhas sem recursos; (a estrada é bem construída, sim! há túneis extensos, a celebrar os engenheiros que os abriram, viadutos e tôda a extensão dos trilhos solidamente fundados; porém o terreno é demasiado acidentado e o plano da estrada tem necessariamente de submeter-se à topografia local).

Que martírio físico a que se vinha juntar o pasmo da extensão que atravessavam no trajeto Rio-Ouro Preto! com o “enjôo” e as preocupações da incerteza.

Em Ouro Preto, não almoçaram. Já começava a faltar dinheiro. Não podiam calcular os gastos das viagens. Pediram um café, foram servidas e, ao reclamarem o preço, não quiseram receber

nada: era a hospitalidade brasileira e principalmente mineira, feliz de as acolher em fahilia. Iam a secular, não foi, portanto, homenagem ao Hábito.

De Ouro Preto a Mariana viajaram a cavalo: duas montavam bem, a Madre Maria de Aquino e a Madre Maria de Assis; a Madre Sainte Foy sempre disposta, nada achando difícil, encantada com a grandeza do país, co mo trabalho que adivinhava por fazer, depressa se ageitou a êsse meio de locomoção que na Europa é o esporte agradável entre todos: a equitação.

Lá pelas 3 horas, em Mariana. O velho e santo Arcebispo descansava. Só à hora do jantar as recebia e convidava-as a participar da sua mesa. Estavam sem almoço, não podiam recusar. O acolhimento foi frio, a atmosfera pesava. Resadas as bençãos, sinal para a leitura espiritual. Essa, longa. Só depois desanuviaram-se um pouco os ares e o austero Prelado, com o "Deo Gratias", entabulou conversação.

O Arcebispo enganára-se. Pensava que o Pe. Peretto lhe mandava religiosas hospitaleiras; eram, porém, educadoras. Mesmo assim, podiam estabelecer-se em Sete Lagoas, para onde o Vigário, um Sacerdote italiano, as havia solicitado e ia despedi-las para que voltassem aquela mesma tarde a Ouro Preto, quando a nossa querida Mãe lhe referiu já ter mandado embora a condução. Indi-

cou-lhes então, para pernoitar, o Colégio da Providência.

Que sofrimento para a nossa boa Mãezinha tão carinhosa, tão devotada aos Superiores Eclesiásticos, acolhimento tão frio da parte de D. Silvério! Foi bem dolorosa essa hora, e que consolação ao encontrar-se entre as Irmãs de Caridade do tradicional Colégio de Mariana, que as receberam fraternalmente e as rodearam das atenções reclamadas pela sua penosa condição. Nada esqueceram: cuidados minuciosos, delicadeza, compaixão dos dias atravessados, compreensão das preocupações, uma por uma, que trazia a nossa doce Mãe!

Quantas vezes recordava esta a boa Superiora de Mariana, anjo de caridade, fundadora ela também do velho educandário. Quarto, camas, refeições, a merenda da viagem, o dinheiro oferecido ao se despedirem... parecia a Caridade mesma, a pensar e preparar tudo do melhor modo, com a maior delicadeza.

Mas foi um oasis, e as caminhanças deviam refazer a trilha pelo deserto. Haviam descansado, no entanto, e sentido no exílio a doce união da Caridade cristã.

De novo em Ouro Preto, tomaram o trem para Sete Lagoas, antes das 6 da manhã e mais ou menos pelas 13 horas estavam na cidade a que se destinavam.

Vista panorâmica lindíssima, aspecto colonial, porém. Só duas casas avultavam entre as construções baixas e desconfortáveis. Ruas sem calçamento, pelas quais passavam no passo tardo os bois mansos. Ar desconfiado do povo desocupado a seguir as recém-chegadas, recebidas na casa do Vigário, pouco simpatizado pela população, dada a corrente política que seguia.

Os Sete-Alagoenses de hoje, altivos do aspecto moderno da sua cidade, que viveu séculos num quarto de século, nem reconhecem a localidade a que me refiro. Sete-Lagôas está transformada por êsse progresso vertiginoso da vida moderna, insaciável de cultura e civilização, que revolucionou o mundo inteiro de após-guerra

Mas lembremo-nos de que Março de 1911 é o momento a que chegamos na vida da Madre Maria de Aquino. Que desencanto para ela, prevendo, talvez, inúteis tentativas! Quanto sofrimento, decepções!

O Vigário quis coadjuvá-las no estabelecimento do colégio, mas o povo ficou indiferente. As três religiosas tudo fizeram para entrar em acôrdo com as herdeiras da única casa que se prestava à obra... Em vão!

Entrementes iam chegando as primeiras viajantes. Quatro, nesse segundo grupo... Cresciam as preocupações. Anunciára-se o terceiro e uma tarde viu chegar sete, depois três que retardaram

o embarque na Central, para retirar a bagagem da Alfândega.

No Rio hospedavam-nas generosamente as Irmãs de Caridade do Colégio da Imaculada, tão boas, tão alegres sempre, a recebê-las como irmãs. Depois, as peripécias das baldeações, passagem por Mariana e rumo a Sete Lagoas.

A' nossa boa Mãe muito custava, por mil razões, estar em casa do Vigário. Ademais, as sobrinhas de S. Revcia. muito novas, sem nenhuma experiência de govêrno de casa, criavam-lhe situação insustentável: as religiosas passavam fome e não lhes permitia a delicadeza nem reclamar nem procurar o indispensável.

O que não sofreu o coração da desvelada Mãe! Recordando-o, dizia: "Na República, e primeiros anos no Brasil, chorei tanto que se me secou a fonte das lágrimas. Posso agora suportar tudo, nem uma só me cai dos olhos..." E era verdade: raro lhe assomava o pranto.

Quando viu chegar o grupo das dez, sem casa, sem nada para lhes dar, deixou-o correr em abundância... Em seguida, procurou o Vigário: "Snr. Vigário, não é possível ver prolongar-se por mais tempo êste estado de coisas. Não se dá um passo para a frente. Vou tratar de acomodar no Hotel as Irmã e parto para o Rio, buscar resolver a situação."

O bom Vigário não consentiu que saíssem. Foi êle para o Hotel, deixando-lhes a casa. Reuniu ainda os importantes da cidade, sem nada adeantar quanto ao estabelecimento do Colégio: o povo havia de arrepender-se depois, mas seria tarde.

“Deus escreve direito por linhas tortas”. Se tivessem ficado em Sete-Lagôas, hoje não estaríamos em Belo Horizonte. Impossível dois colégios tão próximos! E não se comparem as vantagens dêste sôbre o outro.

Entretanto as Religiosas se sentiam felizes na pobreza, no sofrimento por Jesús. Viam-se em Comunidade, com o Hábito e já uma pequena regularidade nos exercícios de piedade. Durante o dia catequizavam as crianças e quem se apresentasse na Igreja. A alegria era uma compensação às privações por que pasavam.

Quanto à Madre Maria de Aquino, êste bom espirito a consolava nas suas grandes aflições sem poder, entretanto, minorá-las. Aos Pais escreviam que estavam contentes, gostando do Brasil, tinham *apetite* (pudera, se lhes faltava o necessário!). Os Pais respondiam satisfeitos, bendizendo o exílio que ao menos lhes favorecia a saúde.

Só duas referências, traduzindo a boa vontade das irmãs e a tocante solicitude da sua Superiora:

Perto da casa do Vigário havia um quintal grande de casa desocupada. Dobravam-se as la-

ranjeiras ao pêso dos frutos. Diz um dia uma das religiosas: "Temos fome, a casa não é habitada, não há pecado em colher as laranjas". Trouxeram o avental cheio e distribuíram, mas não qui serem renovar a colheita; os pomos de ouro lhes aumentavam o apetite que não podiam, aliás, satisfazer.

Outra vez, a Madre Maria de Aquino olhava com compaixão as filhas e comovia-se, vendo-as pálidas e debilitadas. Tinha um vidro de remédio! Cena tocante! Toma da colherinha e distribue a pequena dóse que pode conter, a cada uma das religiosas. Não tem mais nada... começa a chórar. Lágrimas santas, rega preciosa da sementinha do "Sacré-Coeur de Marie" nestas terras férteis dos trópicos. E' por isto que temos colégios prósperos, vocações numerosas, êsse entusiasmo de nossas alunas, da sociedade brasileira e de eminentes personalidades: católicos de ação, Sacerdotes de valor e até Prelados, pelas nossas obras, fazendo-nos pesar a obrigação cada vez maior de sermos santas, cálices transbordantes de Deus, de vida encarística, para o derramarmos nas almas, apóstolas que irradiem Jesús, colunas que ajudem a sustentar as organizações da Igreja...

Retomemos o fio da nossa narrativa. A Madre Maria de Aquino havia escrito à sua Provincial em Portugal as aflições em que se via. Ao lado das preocupações pela falta de recursos materiais,

avultavam as de feição moral. Só haviam realizado o beneficio de estarem juntas. As difficuldades cresciam, ao invés de se extinguirem.

O Vigário não queria que as Religiosas deixassem Sete-Lagôas. A situação tornava-se intolerável sob todos os aspectos. Não era possível o Colégio, não arranjavam casa, continuavam na do Vigário e êste ainda a querer impôr solução inaceitável: sabia o bem que fariam à sua Paróquia tão necessitada de formação espiritual e às cidades vizinhas. Que ficassem, se dividissem e tomassem Hospitais. A Madre Maria de Aquino, respeitosa mas enérgica e firme, opôs-se-lhe. Jámais se afastariam dos fins do Instituto e, à ameaça de que seriam denunciadas ao Sr. Arcebispo, lembrou muito calma mas decidida os privilégios da Congregação, já gozando dos Direitos Pontifícios pela última aprovação canônica.

— “Acuso-as ao Arcebispo de não quererem obedecer”, disse o Vigário. “E eu recorro à Santa Sé”, respondeu-lhe a nossa querida Mãe.

Mas vejamos o desfêcho dêsse áto.

A Madre Maria de Aquino veio para o Rio. Já encontrou ilustres expatriados que a puderam orientar e ajudar: o Revmo. Sr. Dr. Menezes, Jesuita, foi quem mais se dedicou pelas filhas do “Sacré-Coeur de Marie”, que já tanto haviam sofrido pelo vocação. Penso que foi quem as aproximou do Sr. Cardeal Arcoverde, porque S. Emcia.

desta segunda vez, consentiu o seu estabelecimento no Rio, em Vila Isabel. Foi alugada pequenina casa na rua Barão de São Francisco Filho e a devotada Superiora deu ordem para começar o êxodo das Religiosas de Sete-Lagôas.

Ao mesmo tempo corria pela Arquidiocese de Mariana a notícia e de três pontos eram pedidas, para organização de colégios. Monsenhor Paiva Campos, de Ubá, fez acompanhar o pedido da importância necessária para as despesas de viagem.

Era a Providência a conduzi-las aonde as queria.

Como dispunham unicamente dos recursos dos cheques recebidos da Europa, insuficientes pela falta de experiência da vida no Brasil, Ubá foi o ponto preferido para a fundação mineira, e as últimas religiosas, que deixaram Sete-Lagôas, encontraram-se em Juiz de Fôra com a Madre Maria de Aquino, com destino direto a Ubá.

Em Sete-Lagôas foram difíceis e dolorosas todas as partidas. Resistia-lhes o Vigário, atemorizava-as, como se desobedecessem ao Arcebispo. Compreendiam-no as religiosas, não lhe queriam mal por isto, mas sabiam qual a voz de comando a seguir. A uma delas dizia: "A senhora não sai de Sete-Lagôas" e ela: "Obedeço é à minha Superiora" e tomou o rumo da estação. Quando da despedida das últimas, encostou-se a uma cômoda e, a cabeça entre as mãos, chorou como criança...

Mas Nosso Senhor não quis a fundação de Sete-Lagôas. Entre as notas recolhidas para esta biografia, uma da nossa Madre Provincial a isto se refere nos seguintes termos:

“Fizemos alusão às dificuldades que encontrou em Sete-Lagôas. — Mas seriam as dificuldades materiais que lhe fizeram abandonar êsse campo de ação?

“Não! a Madre Maria de Aquino, quando conhecia a vontade de Nosso Senhor, nada a detinha e com doce firmeza ia adiante, custasse o que custasse.

“Os motivos que a levaram a deixar essa cidade, só há pouco tempo nos confiou, dando-nos, sem parecer que o fazia, uma lição de prudência e experiência da vida.

“Sérios, graves, de ordem moral e não material a obrigaram a sair. Creio eu também devê-los conservar ainda secretos...

“Guardou-lhes no coração o segredo mais de dois decênios e quando lastimavam no recreio o abandono de tantas almas deixadas sem o cultivo da instrução religiosa, sorrindo, dizia apenas: “Vê-se que a Irmã X tem vocação missionária. Sentir-se-ia bem entre os índios do Mato-Grosso”.

“Ouvindo esse desafogo, senti a impressão de que não a teríamos por muito tempo e por todos os meios procurava consolidar para o futuro a obra que lhe havia sido confiada”.

Mas afinal viu-se desembaraçada de tão dolorosos sofrimentos morais, logo que pôde acolher as queridas irmãzinhas nas pequenas casas do Rio e de Ubá. Continuavam as preocupações de ordem material: o conhecimento das Irmãs ia-se fazendo muito lentamente no Rio. Mas a Providência que "veste os lírios do campo e sustenta as avezinhas do Céu", velava por elas.

Em Ubá, o "Sacré-Coeur de Marie" entrou triunfalmente. Monsenhor Paiva convidára o povo a receber em festa as Irmãs que vinham trazer-lhes o benefício incalculável do colégio religioso.

A população inteira estava na estação e a voz dos seus oradores saudou-as, através do percurso da estação à Igreja Paroquial, em palavras repassadas de carinho e fé. Foi a 21 de Junho de 1911. No dia seguinte instalavam-se na casa que lhes era cedida sem onus, emquanto dela precisassem, pelo ilustre médico e mais tarde político eminente, Doutor Levindo Coelho. A inauguração foi solene e constam da ata as assinaturas, sem distinção de credos políticos, que tanto dividiam Ubá, das pessoas gradas da cidade: o Vigário, o Presidente da Camara, o Juiz de Direito, outras autoridades, o Diretor do Ginásio, médicos, advogados, a "élite" intelectual numerosa em Ubá! A cidade era um verdadeiro cenáculo de vultos de valor nesse tempo.

E as alunas se apresentaram muitas desde o primeiro dia. Trocaram o Ginásio e escolas particulares pelo colégio; e o povo esmerou-se em não deixar faltar nada às Irmãs. Tôdas aquelas famílias notáveis da cidade pensaram na dispensa do estabelecimento e o colégio de Ubá nunca sentiu as penúrias dos primeiros tempos de uma fundação. Para a Missa e Comunhão tinham que ir à Igreja e só um ano depois o pequeno oratório se transformou em Capela, para a celebração do Santo Sacrifício.

O Colégio teve plena aceitação. Espalhou-se logo a fama das novéis educadoras, e já no segundo ano de vida precisou alugar uma segunda e depois terceira casa. Internato e Externato. E no fim do segundo ano transferiu-se para o prédio, oferecido ainda sem condições pelo Dr. Carlos Peixoto, a que se juntou o sobrado contíguo, pois tanto era necessário em vista do número crescente de internas.

Em Dezembro de 1913, fixava-se definitivamente no edifício próprio, à praça da Matriz: tipo colonial mas já vasto, que se foi ampliando com novos pavilhões pelos anos afóra, possuindo o grande terreno que hoje apresenta o aspecto agradável de largo parque.

Desde logo as autoridades do Município pensaram obter garantias oficiais para um estabelecimento que de início já se afirmava e em Setem-

bro de 1913 era equiparado á Escola Normal Modelo de Belo Horizonte.

Governava-o, como Superiora, a Madre Maria de Assis, apesar da repugnância que teve na sua humildade em aceitar o cargo. A Madre Sainte Foy impulsionava-lhe a vida intelectual. Seguia-o a Madre Maria de Aquino, solícita, como Visitadora; á estava quase todos os meses, a animar com sua presença e a irradiar suavidade e doçura.

Aquí me vêm ao pensamento uma citação de S. João Crisóstomo: “Deus recompensa os sofrimentos magnificamente, tão magnificamente, mais magnificamente até do que as virtudes. O sofrimento suportado com submissão à vontade de Deus, é mais que tôdas as obras, mais que tôdas as virtudes” e estoutra palavra de Nosso Senhor a Sta. Catarina de Sena: “Pensai com reconhecimento, no meio das adversidades, que disponho de tudo e tudo deriva da fonte elevada do meu Amor. Atendo a tudo muito melhor do que o podeis desejar...”

E agora, para o Rio é que volto as minhas vistas. Ao retirar de Sete-Lagôas as filhas, a Madre Maria de Aquino alugava-lhes, por duzentos mil réis, a casinha da rua Barão de S. Francisco Filho, já o dissemos.

Terminada a fundação de Ubá, voltava a esta Capital e transferia as suas religiosas para outra ainda pequena casa, à rua Torres Homem, tam-

bém em Vila Izabel. Haviam morado um mês só na primeira residência; aquí ficavam dois e só tiveram, no primeiro, uma aluna semi-interna e uma meia duzia de externas, no segundo.

A mais, uma senhora amiga, D. Elisa Drummond, que havia feito conhecimento com as Irmãs a conselho dos Redentoristas, obteve para duas dentre as Coadjutoras que a Regra permite sair, algumas horas de aula em pequeno colégio vizinho. Foram os únicos recursos que lhes vieram.

Que vida simples, mas alegre! Uma cama de vento servia de mesa de jantar, de costura. Para dormir, houve quem teve de acomodar-se sôbre o tapetezinho da sala de visitas. Nenhum travesseiro em casa. A' mesa, ou os presentes da generosa família Almeida ou a sôpa e mingáu de farinha grossa de mandioca, em todas as refeições, com pouco mais...

Em Setembro transferiram-se novamente. A casa já era maior, o aluguel mais caro, mas chegou o número de alunas a umas vinte. Ficaram sete meses aí, e Boulevard 28 de Setembro, 240, já com um bom quintal e habitação espaçosa, foi a última casa em Vila Izabel onde estiveram dois anos. Então fechou-se o Colégio.

Vila Isabel, muito quente, não se prestava a internato. Entretanto no Boulevard tiveram sete pensionistas e as externas chegaram a setenta.

A conselho reiterado do Jesuita Português Dr. Meneses, a que já nos referimos neste mesmo capítulo, e dos Revmos. Padres Barnabitas, antes de fechar Vila Isabel, em Março de 1913 iniciava a Madre Marie de Aquino o colégio do Leme. O bairro que, pode-se dizer, então só formavam um com Copacabana e Ipanema, ainda não estava provido de um estabelecimento dêstes e era fadado ao futuro de que já somos testemunhas. Seis meses de ensaio na pequena moradia à rua Goulart e vinha o periodo de dois anos e meio de Gustavo Sampaio, 166, já uma linda casa afastada da rua, com vista magnífica, grande terreno, ajardinado em redor do edificio, plano e arborizado em baixo junto à rua e atrás... um morro, com todas as suas surpresas, prestando-se a passeios de *exploração* por parte das religiosas e alunas.

Foram afluindo as meninas, propagando-se a boa fama do educandário e, em Março de 1916, instalava-se definitivamente aquí onde estamos: Toneleros, 56, nesta grande propriedade que os progressos do Colégio vão transformando, com os novos pavilhões vastos e alegres, os "platós" e campos arborizados de acôrdo com os objetivos próprios, os recantos pitorescos, em dois dos quais, irradiando bençãos celestes, se esconde em cima a Gruta de Lourdes e em baixo se ergue o monumento do Coração de Jesús: o seu palco delicioso, ao ar livre, no campo do Curso Primário, o peque-

no reino encantado da criança gárrula onde, na singeleza da idade, esboçam as atividades socio-artísticas que desenvolverão nas classes adelantadas.

Tôda essa evolução custou mais sacrifícios do que o podemos supor. Os alugueis das casas, a manutenção da família de Religiosas e educandas, o nível social destas exigindo certo conforto, o aparelhamento lentamente progressivo do colégio, as adaptações provisórias dos edifícios, as despezas forçadas, inadiáveis... Depois, é preciso notar também os cuidados da saúde, a continuação da preparação intelectual das irmãs mais novas destinadas às classes superiores que exigem a especialização... E' certo que a Madre Maria de Aquino teve de recorrer mais de uma vez, à caridade de benfeitores e a Portugueses de fortuna, domiciliados no Rio, entre os quais o Sr. Candido Souto Maior, que a conhecera em Chaves, ainda a mimada D. Emilinha Vieira Ribeiro, e não ficou indiferente a suas aflições.

— “A primeira vez que se fez pedinte por amor de Cristo, lembram as notas da nossa Madre Provincial, dirigiu-se ao Visconde de Moraes. Ao principiar, a natural timidez e a comoção lhe embargaram a voz e não pôde reter as lágrimas. Comoveu-se profundamente o Visconde, prometeu, e cumpriu fielmente, pagar durante dois anos o aluguel da casa de Vila Isabel

“Que fariam, continúa a Madre Provincial, os irmãos da boníssima Madre Maria de Aquino, um dêles notável desembargador do Tribunal da Relação em Lisboa, outro engenheiro militar no Pôrto, se suspeitassem as tribulações por que a irmãzinha criada com extremos de carinhos e conforto estava passando nestas terras de Santa Cruz!

“Nas cartas, mesmo para as irmãs de Hábito de além-mar, nem uma queixa, uma palavra. Apenas a manifestação do desejo de as acolher tôdas as que precisassem de vir para o Brasil, para voltar à Comunidade.

Sabia que em Tuy, onde a generosa Madre Maria da Eucaristia, abandonado a conselho o desígnio de vir também para o Brasil, abrira um colégio para continuar a educação das meninas de Portugal, a penúria ainda era maior, as dificuldades mais sérias.

Mas passo adiante. Relatar tantas provas é impossível. Velava, porém, a Providência. Mal tiveram uma morada sua a abrigá-las, veio Jesús compartilhar-lhes a vida. Logo na casinha da rua Torres Homem, se abriu o Sacrário do Divino Companheiro e ficou até fechar-se o Colégio do Boulevard. No Leme, a mesma cousa. A habitaçãozinha da rua Goulart não ficou sem o Tabernáculo e o bom Monsenhor Alvim, Vigário de Copacabana, com jurisdição sôbre o Leme, pois até lá se estendia a Paróquia, começou a série de be-

nefícios de que a Congregação lhe é devedora e só terminou com a sua preciosa e pranteada morte.

Não deixava as Religiosas sem a Comunhão diária e muitas vezes ia o Coadjutor celebrar no Colégio. Logo que passaram para Gustavo Sampaio, mandava-o todos os dias e a pequenina Capela assistia cada manhã à consagração da Hóstia Divina no Santa Sacrificio.

Que privilégio! Ubá não foi tão feliz: o Santíssimo veio só um ano depois da fundação trazer a Vida ao seu oratoriozinho singelo... Longa privação para as espôas do Cordeiro!

Mas no Rio sentiam mais os efeitos da pobreza; Jesús precisava acorrer pressuroso a sustentar as forças das bem-amadas do seu Coração, a trazer-lhes a alegria da Sua presença, a estancar-lhes a sêde da união.

Em Ubá encontravam-no nas almas que, numerosas desde o início, reclamavam os cuidados das suas Apóstolas. Aqui, menos trabalho nos anos de prova, mais horas a consagrar à intimidade... Preparava-se o grande surto do futuro. "A ação não triunfa do tempo senão na medida em que nasce da contemplação que une a alma à eternidade". (Maritain: *Primauté du Spirituel*).

Em principio de 1916, obtinha a Madre Maria de Aquino do Superior da Missão Central dos Jesuitas um Sacerdote para Capelão e nem podemos contar quanto devemos à Companhia, pela assis-

tência que prestou ao estabelecimento com isto. Encontrava-se um sábio Conselheiro, um Pai e um amigo dedicado num dos seus experimentados Filhos e nos seus respeitáveis Irmãos de Hábito.

Primeiro foi o Snr. Pe. Calanchi, depois o Revmo. Pe. Ceccaroni e nunca será demasiada a gratidão que nos prende à Vice-Provincia Central da Companhia, pelo bem que representa e que só Deus sabe, uma assistência de tantos anos!

E' a realização, a nosso proveito, da palavra do Apóstolo, exortando aos de Corinto: "A caridade é paciente, é cheia de bondade. Não procura os próprios interesses, alegra-se da verdade. A caridade não tem medida..."

Mas retomemos a nossa narração e vejamos como se instalaram em Toneleros definitivamente as Religiosas do "Sacré-Coeur de Marie".

O Monsenhor Alvim, a que acima me referi, na sua modéstia e simplicidade foi sem ostentação o grande benfeitor de nossas Obras aqui.

Nas notas que me deu a Madre Provincial, sobre a Madre Maria de Aquino, leio uma referência a êsse momento em que estamos e ao humilde e caridoso Monsenhor. Na palavra da Madre Provincial, é um louvor à modéstia da nossa querida Madre Maria de Aquino, recordando-lhe as próprias expressões:

“No govêrno das nossas Comunidades, repetia-lhe, osmos apenas instrumentos nas mãos de Deus; disto precisamos estar bem convencidas.

“Chegando ao Brasil, nem sei o que fiz... Nosso Senhor me fechou os olhos, fez-me andar para a frente, sem eu saber o que fazia. Quando me lembro que, para alugar a casa de Copacabana, o Monsenhor Alvim teve de me emprestar vinte contos, para a adaptar a colégio, sem eu saber como arranjar depois para pagar-lhe, parece-me, agora uma loucura, mas tudo foi pago e Nosso Senhor só me abriu os olhos, quando já não podia voltar atrás.

“Nosso Senhor me metia em trabalhos; sentia que minhas idéias e empresas caíam por terra e no fim fazia, não o que tinha pensado, mas o que Deus queria.

“E concluindo: Se formos humildes, reconhecendo o nosso nada, Nosso Senhor nos ajudará e as nossas Comunidades irão para deante”.

E o colégio foi mesmo para deante. Ministrava o ensino primário e secundário, mormente línguas e artes: o Francês, o Inglês, o Alemão, piano, violino, pintura a pastel, a óleo, japonesa, etc., desenhos a esfuminho e “crayon”; trabalhos artísticos de estanho, madeira, couro, agulha...

No fim do ano letivo de 1917, uma surpresa agradabilíssima para o coração de nossa querida Mãe: A visita do Eminentíssimo Snr. Cardeal Ar-

coverde, sem se fazer anunciar; S. Emcia. trazia-lhe os parabéns, pela auspiciosa noticia que lhe chegara, do grupo que apresentara aos exames parcelados no Pedro II. O illustre Príncipe da Igreja vinha estimular com o seu aplauso uma iniciativa que punha os nossos colégios religiosos em competição com os officiaes, garantindo os estudos de suas alunas. Era o primeiro estabelecimento de Irmãs que mandava alunas a tais provas.

O êxito fôra completo e só se interromperam com a mudança de regime. Então officializou o "Sacré-Coeur de Marie" os seus Cursos de Ginásio e Comércio, em 1930 e 1931, respectivamente, e no ano findo pediu e obteve a fiscalização para o Complementar.

Quando em 1919 partiu a Madre Maria de Aquino, para tomar parte no Conselho Geral da Congregação em França, deixava uma obra consolidada, dois colégios feitos, triunfantes das provas a que deveram submeter-se para o seu estabelecimento e aceitação.

Ubá já havia laureado quatro turmas de normalistas; Rio, apresentado três aos exames parcelados.

Levava consigo a primeira vocação brasileira à Congregação e consolava o coração das suas Superiores, com a narrativa das Benções divinas e a cooperação das Irmãs no cultivo das almas novas desta grande Terra de Santa Cruz.

E quanta consolação também para ela, êsse contacto com as suas veneradas Mães, que a Grande Guerra havia retardado!... Sofrera tanto! Sofrera sobretudo no período das lutas que, ensanguentando a Europa, a isolaram no Brasil do centro donde recebia conforto e diretiva para a sua ação entre nós.

Até então tinha conservado a frescura da mocidades, apesar das provas; mas a privação das cartas das Superiores foi-lhe tão sensível que se lhe refletiu no físico e o declínio das forças se lhe mostrava na palidez das faces, nas olheiras fundas e roxeadas... Eu mesma, sendo postulante, lhe ouvi, com um meio-sorriso, esta expressão no recreio: "Quem me dêra uma Mãe nem que fôra uma silva!"

Até à Grande Guerra nada fazia sem consultar. Teve então que arcar sozinha, com tôdas as dificuldades que apareceram. A boa Madre Maria do Presépio, religiosa de muito merecimento e modestia, era-lhe Cireneu e os Revmos. Padres Jesuitas, os Conselheiros providenciais que lhe assistiam.

"Deus não é um tirano que se banha nas nossas lágrimas, mas um Amante cioso que quer experimentar-nos a fidelidade, reservando-nos delicias eternas, em troca das penas que supportamos por seu amor". (Sta. Chantal).

Os prenúncios de tais delicias, prelibou-os no descanso forçado que teve de tomar em Tuy, enquanto não apareciam vagas nas viagens de após guerra para o Brasil.

Sentia-se-lhe a doce, profunda felicidade na vida de recolhimento e oração a que se entregou. Deliciosos meses de repouso em Tuy, que lhe reconfortaram o coração, pois não havia ainda tocado ao termo de suas provas...



CAPÍTULO SÉTIMO

Volta ao Brasil. Ainda Visitadora e Superiora em Ubá. Terríveis provações. Pequeno descanso na Europa em 1923. Conselho Geral em 1925. Novamente Superiora no Rio e Provincial. Novo Conselho Geral em 1926. A delegada da Revda. Madre Geral. Fundação do colégio de Belo Horizonte. Superiora nessa Capital.

— 1920 — 1937 —

“O sofrimento... bebêmo-lo gota a gota e sua recompensa será uma torrente de delicias e de alegrias.

Oh! como demonstra a pena que vos aflige, quanto Jesús vos ama! A Cruz! eis a chave do Paraiso. A Cruz! eis o bastão do peregrino que caminha para o céu!”

(S. Bernardo).

“...e viu uma balança, cujos pratos de ouro, perfeitamente iguais, continham cada um uma bandeira. A primeira trazia em inscrição: “Amor Divino”; a segunda ostentava: “Sofrimento do

homem!"... e, no início dêste capítulo, fico a refletir nessa admirável equação praticamente realizada na vida da Madre Maria de Aquino.

Deus amava-a com predileção e seu coração lhe retribuía no sofrimento. Vimos até aqui a Cruz acompanhá-la desde o alvorecer da da Vida Religiosa; alastrou-lhe a sombra protetora pela existência em fóra, ei-la em novo período de atividade! o amor de Jesús é o seu móvel; a Cruz será o seu penhor...

Após os meses de recolhimento e descanso em Tuy, desde Junho de 1919, o Brasil recebia novamente a Madre Maria de Aquino, em Janeiro do ano seguinte, depois da tormentosa viagem do "Malte" e da quarentena na Ilha Grande.

Agora é Ubá o seu campo de Apostolado. Assim o exigia a Regra: mudança de casa, ao concluir-se o período de seis anos, que a Grande Guerra prolongou por mais dois.

Aguardava-a em Ubá uma das provas mais difíceis por que passou na vida. O colégio em pleno progresso, vendo aumentar cada ano o número de alunas, gozando de alto conceito na zona, quiçá no Estado inteiro; mas uma grande lacuna a preencher: ainda não tinha capelão.

O Vigário, Monsenhor Paiva Campos, que já conhecemos, era zeloso, homem de capacidade de trabalho. Estava só em Ubá ou com um Coadjutor. não era possível bastar às necessidades da Paró-

quia e do Colégio; mas tinha a este tal apêgo que ninguém pensou em criar a Capelanía do estabelecimento.

A Madre Maria de Aquino encontrou neste ponto tudo por fazer e era urgente pôr mãos à obra, nada prejudicando mais a uma Comunidade do que a irregularidade dos seus exercícios espirituais.

Tinha, porém, deante, problema de difícil solução. Por um lado a razão a apoiava. Quem não via a desorganização decorrente das longas esperas impostas pela manhã à Comunidade e alunas pelos trabalhos do Monsenhor? Não tinha hora certa para distribuir a Sagrada Comunhão. Às vezes eram 8, 8 horas e meia e não havia chegado ainda, quando a hora regular, nas nossas casas, é às seis e meia. A Missa? — Certa, só aos domingos. Durante a semana, quando podia, tinha coadjutor ou passava por Ubá qualquer Sacerdote estranho... Era o único confessor ordinário das Religiosas!

A Madre Maria de Aquino observou, sentiu todo o prejuizo desta irregularidade, pensou, rezou e depois dirigiu-se ao Monsenhor. Fez-lhe notar quanto a piedade das Religiosas e a organização do educandário estavam naturalmente a ressentir-se dessa privação e combinou com s. Revcia. as medidas a tomar, para debelar o mal. Monseñhor reconheceu a obrigação que pesava à Madre

Maria de Aquino, mas o apêgo era mais forte; o início das “demarches” necessárias para obter o Capelão inaugurou uma luta de largo espaço, prolongada principalmente pela dificuldade de encontrar um Sacerdote que quisesse enfrentar a delicada situação.

— O que constituiu essa luta? Entende-se e será inútil pormenorizar. Basta que frisemos a enérgica oposição aos ideais da Revda. Madre Maria de Aquino que, entretanto, procurava ser delicada como sempre procedia. Nela se via a reação suave e temporizadora, firme, porém, e apoiada em solidas razões.

Santa Teresa descreve os tormentos suportados pela reforma do Carmelo. Não se trata aqui de reforma, mas angustias de coração e de espírito padeceu a nossa quarida Mãe, pela medida que lhe cabia decididamente tomar contra um amigo a quem só quisera causar alegrias.

Chegar até ao sacrifício do coração, para glorificar o Pai Celeste e levar à perfeição almas de escol confiadas à sua guarda, é dever dos Superiores que Ele envia em seu nome, revestidos de missão tão augusta, obrigação a que não podem fugir...

Os meses passam-se... Passa-se um ano e mais... Só muita união com Deus e posse de si dão forças para aguentar; mas acha-se decidida a encaminhar o negócio a uma solução definitiva

e, como está com a razão, acaba por vencer. Afinal o Sr. Arcebispo encontra, em princípios de 1921, um Padre disposto a ombrear com as dificuldades da situação e indica-o. E' um Sacerdote Pernambucano, temperamento de aço que não verga. Doente, entretanto, só aceita para abrir caminho, certo de que a sua saúde não lhe permitirá fixar-se por longo tempo. Aguenta a luta e pouco a pouco tende a tormenta a abrandar-se.

Vence por fim a razão e quando, sobrevindo a crise da doença, lhe sucede novo Capelão, no segundo semestre de 1921, já encontra a situação regularizada.

Lembro-me ainda: Quando afinal a boa Madre Maria de Aquino conseguiu a nomeação do Capelão, falando à Comunidade, na reunião mensal, recordando o que lhe havia custado tal empreendimento, comovida rogava às Irmãs, empregassem os esforços necessários para uma pacificação quanto possível perfeita na situação. Quanta prudência, para consolidar primeiro e depois defender o que havia custado tanto!

Da sua parte estava exausta, feliz, porém! não tinham sido inúteis as penas e trabalhos! A Missa diária, a santa Comunhão, a ordem restabelecida.. tantos benefícios! Não comprara caro demais!

“A Missa! nela, um despontar de sol para iluminar o dia inteiro: a Luz da Face Divina a não se afastar dos nossos olhos”...

“O Santo Sacrifício, passagem do Senhor!... momento de sua excelsa magnificência.”

“A Missa... é o Céu que se abre, são fontes de graças abundantíssimas que correm, espíritos celestes, unindo-se em harmonioso concerto, no “Sanctus” triunfal, à Vítima adorável que desce aos nossos altares”...

E o santo Cura d’Ars tem, ao considerá-la, esta exclamação ardente: “Se soubessemos o que é a Missa, oh! morreríamos! Possues êsse tesouro: quanto és venturoso! mas quão pouco comprehendes a tua felicidade. SeS a comprehenderas, não puderas viver! Não, não puderas viver... Oh! morrerias de certo de amor!...”

Depois da peleja, a vitória! Após o trabalho, o descanso. E quão necessária, quando sob a pressão a que assistimos.

A Revma. Superiora Geral, a par do que se passava, chama a Madre Maria de Aquino à Casa-Mãe, em Março de 1923.

São dois meses de retiro e reconforto e, ao voltar ao Brasil, teve a consolação de acolhimento o mais filial por parte das religiosas e alunas.

No Rio e em Ubá, multiplicavam-se as solenidades, para comemorar condignamente o jubileu de sua Profissão Religiosa, as suas Bodas de Prata, a 29 de Setembro. Em Ubá sobretudo, onde tanto, ainda há pouco, havia sofrido...

O Revmo. Capelão quis por assim dizer uma reparação. Foi uma solenidade triunfal, abrilhantada pela palavra do maior orador da zona, em panegírico a Sto. Tomaz de Aquino e às virtudes da humilde homenageada. Mais de dois anos, desde a criação da Capelania... O próprio Monseñhor Paiva, num gesto de magnanimidade louvável, esteve presente à festa...

Em Novembro de 1925, voltava novamente, após o Conselho Geral da Congregação, a Superiora de Copacabana.

Até aí as Casas do Brasil dependiam da Província Portuguesa. Então teve um centro de governo próprio no Rio e a Madre Maria de Aquino de Visitadora passou a Provincial.

Os colégios continuavam em progresso. Antes de embarcar para a França, para tomar parte no Conselho de 25, fôra comprada a casa de Copacabana e no ano seguinte começavam a funcionar aí as Bancas Examinadoras, com ótimos resultados. Também se iniciara o levantamento dos novos pavilhões, para atender ao crescente número de matrículas.

Em 1931, reforma do ensino federal. Desaparecimento das Bancas Examinadoras e possibilidade da equiparação do Colégio. Atendidas as exigências regulamentares, aprovado o relatório com a classificação "excelente", o colégio entrou primeiro no período de fiscalização preliminar de dois

anos. Veio depois o decreto n° 23.615 de equiparação a Ginásio. Já havia sido reconhecida sua Escola de Comércio, em 1930, pelo decreto numero 3.693.

Três acontecimentos que não é possível silenciar: A morte da Revda. Madre Santa Constância, e convocação de novo Conselho Geral para Agosto de 1926; eleição da Revda. Madre Maria José Butler, sua substituta, começando por animar novas fundações brasileiras e, em 1927, a visita da Delegada da Superiora Geral, a Revda. Madre Maria Batista, que já encontrara encaminhada a fundação de Belo Horizonte.

Em 1928 era uma realidade o Colégio da Capital das rosas, preferido desde logo por muitos dos elementos da melhor sociedade belohorizontina para a educação das filhas.

Em Junho de 1932, quando, atendendo a reiterados pedidos da nossa querida Mãe que já se sentia cansada, a nossa Superiora Geral a aliviou do cargo de Provincial do Brasil, era para Belo Horizonte que a enviava, para dirigir a já próspera Escola Normal.

Lá trabalhou até à morte, ocorrida em Dezembro último. Sobretudo nestes 3 anos — de 35, 36 e 37 — dera real impulso ao estabelecimento, aumentando-o e embelezando-o; obtendo-lhe a equiparação á Escola Normal de 2.º gráu, em 1934 (desde o 2.º ano da instalação lhe fôra outorgada a de

1.º grau) e, o ano passado, a fiscalização federal para a equiparação a Ginásio.

Adoecera em plena atividade, na viagem de volta do Rio, quando viera estudar com a Madre Provincial o levantamento do primeiro pavilhão lateral, de acordo com a planta que se vai realizando na construção do Colégio de Belo Horizonte...

Um olhar à cooperação da Madre Maria de Aquino às iniciativas religiosas de Belo Horizonte, nestes dois últimos anos, nô-la revela solícita em atender à vontade do Exmo. Sr. Arcebispo, em tudo o que dela requer. E s. Excia. tem confiança, quando pede à humilde e dedicada Superiora.

O seu auxilio na preparação do 2.º Congresso Eucarístico Nacional, triunfo do espirito organizador de D. Antonio dos Santos Cabral e da harmoniosa cooperação das instituições e católicos belohorizontinos, foi muito maior do que o podemos dizer. A Madre Maria de Aquino aqui esteve no Rio em missão especial e mandou duas vezes uma das Religiosas, para obter as alfaias, paramentos e vasos sagrados, necessários à celebração do Santo Sacrificio pelas centenas de Sacerdotes que lá estariam na Capital, em homenagem a Cristo-Hóstia, no Congresso.

Obteve entre as alunas vultuosa quantia, conquistando para o seu colégio o direito de benfeitor do Congresso.

Em homenagem a Jesus-Eucarístico, foi creado o seu novo uniforme branco de gala e o colégio inteiro, incorporado, era dos mais numerosos e vistosos grupos que se viam nas sessões solenes e atos de culto, durante a saudosa Semana.

Acolhera congressistas do Rio e outros pontos do Brasil e as alunas souberam sacrificar-se, acomodando-se nos salões de aula dos pavilhões menores, para dormir e passar o tempo livre.

Também o Congresso renovou de tal modo o espírito do educandário que se lhe abriu nova fase na vida.

Pouco mais de um mês antes de morrer, auxiliava a nossa cara Mãe, com a mesma boa vontade, a preparação do 2.º Congresso Nacional de Educação e seguia-lhe, assídua, com as religiosas, as sessões de estudo.

Pena é, notêmo-lo por amor à verdade, que só nos seus últimos meses de existência consentisse na instalação dos círculos da Juventude de A.C. no Colégio. Absorvida na intensa vida do educandário, pareceu-lhe primeiro perturbador um movimento que tende a repartir, por assim dizer, a ação apostólica que só costumava ser exercida pelas mestras, entre uma "élite" de alunas, movidas pelo ideal da salvação de seus semelhantes.

— “O Sacerdote é a alma do Cristo-Jesús, passando através das idades, ao lado de nossas almas, para as abençoar, consolar, para as curar e salvar”! — A Madre Maria de Aquino que tanto venerava os Padres e nêles procurava sempre ver o caráter divino de sua sublime missão, se pensara quanto o auxilia a A.C., depressa se houvera consagrado a penetrar suas alunas dêsse espírito renovador recomendado pelo Santo Padre, que transforma o cristão em apóstolo de Cristo.

“A A.C. são os braços da Hierarquia”, na frase mesma do Soberano Pontífice.

Já a sua valiosa proteção no Céu está alcançando do Coração de Jesus novas possibilidades aos nossos Colégios, de cooperar no desenvolvimento dessa providencial organização no Brasil e o Retiro da Juventude de A.C. de Belo Horizonte, encerrando 155 moças, durante os três dias do Carnaval, no Colégio da Serra, é a prova do que afirmamos.

Possamos, renovando-nos no fervor e interioridade de espírito, tornar-nos cada vez mais aptas a preparar as almas de nossas alunas para a efusão do Espírito Santo, nesses novos Pontecostes que transformam o mundo e os homens...



CAPÍTULO OITAVO

Perfil moral da Revma. Madre Maria de Aquino. Caráter de sua espiritualidade. O reflorir de suas virtudes.

“O’ meu Jesús, é minha a Tua vida; pertences-me, pois Tu vives em mim!... O’ meu Jesús, é Tua a minha vida; pertencço-Te, pois eu vivo em Ti!”

(S. Pascoal Bailão).

“As cousas estão em repouso, quando no seu lugar. O lugar do coração do homem é o Coração de Deus... Estou em Deus, que de mais forte? Deus está em mim, que de mais doce?”

(Sto. Agostinho).

Uma consolação e uma grande responsabilidade este “alto”, quasi no fim do meu trabalho, para rasgar o véu do santo dos santos do tabernáculo vivo que é a alma religiosa de nossa Mãe, afim de desvendar o mistério entrevisto através dos capítulos que precederam. Detive-me uns dias no limiar do Santuário, ouvindo uma voz a convi-

dar-me a penetrar. Mas é que o imperativo de sua ordem, conquanto tão suave, obrigava, pela suprema gravidade com que me ecoava no coração, à concentração e, porque o não dizer? — à purificação do olhar do espírito, afim de descobrir a ação de Deus.

Logo no início destas páginas, lembrei a oração ao Espírito de Luz, de Verdade, ao Espírito de Unção, ao encalço do qual o nosso pequenino e sequioso espírito anda a correr, mal o suspeita nas almas, por êste instinto sobrenatural que trai a nossa origem e que Sto. Agostinho, tão apaixonado de Deus, exprimiu com a eloquência e ardor de sua alma: “Createste o nosso coração para Ti, ó meu Deus, e não descansa, enquanto não repousa em Ti.” “Beleza sempre antiga e sempre nova, quão tarde Te conheci, quão tarde Te amei!

Nós nos abeiramos do santuário através das páginas que ficam atrás, vislumbramos como por uma frestazinha a luz que se coava das abóbadas. Agora é o momento de descanso e de contemplação.

Uma alma! Santa Teresa lhe exprime a sublimidade, na fôrça do sacrificio a que se oferece, para resgatar ainda que não fôra senão uma para o Céu. Uma alma religiosa, uma alma, esposa verdadeira de Cristo... “é o místico jardim”, a deliciar os olhos divinos; “é o paraíso onde o Senhor tem suas delicias”; é inexprimível, porque é o es-

pêlho da Divindade e creio ter esgotado o recurso da expressão, chamando-lhe assim: espêlho da Divindade! A mesma doutora mística diz: “que é como um castelo, todo de diamante ou claríssimo cristal.” Mas que transparece nesse cristal ou refrata êsse diamante? A luz! A Luz! Deus nele mora e o transforma em céu.

Céu pequenino tenho na minha alma!
Neste meu peito Deus também habita,
E meu coração nEle se acalma
E só de seu amor vive e palpita!

Céu pequenino, Céu que eu adivinho
Na obscuridade da fé, do meu amor,
E's o Reino feliz que me anuncia
A presença de Deus, do meu Senhor!

Céu que vibra que canta todo um hino,
Quando a graça, qual brisa, vem, perpassa,
Aragem, sôpro, a balouçar, divino,
A branca vela que vogando passa...

Mas vamos devagar, penetremos nesse céu.

No átrio dos Templos adornam-se de pompas os jardins, numa primeira homenagem de piedade. Nas almas é o reflorir das virtudes. Rescendem, estas, quais corolas, e a humildade, a doçura, a pureza virginal, a simplicidade, o santo aban-

dono, a confiança, a caridade, a fé, a mortificação, a bondade, o amor deixam após si suavidade que se diria um perfume. Essa, a lembrança das almas santas que viram germinar e crescer, expandir-se e florir, no proprio coração, a semente da graça que nele Deus semeou.

Abundam os testemunhos recolhidos das virtudes da Madre Maria de Aquino.

Ela, á Madre Provincial de quem muitos anos fôra Superiora: “Nunca me diz os meus defeitos, minha Mãe, parece que usa de cerimonia comigo. Não me considera como sua filha.” E, ao responder-lhe afirmativamente: “Não me diz nada para me corrigir.”

Se a mesma Madre Provincial lhe recorria ás luzes e conselhos: “Agora já não tenho a “graça de estado”, e, insistindo esta, respondia com clareza, conforme via as coisas sobrenaturalmente, mas acrescentando sempre: “Assim respondo, porque me perguntou, mas não sou mais quem tem a luz necessária. Faça como Nosso Senhor lhe inspirar!”

A humildade é o fundamento da verdadeira santidade. Unanimes, tôdas as Irmãs a declará-la, na cara alma da Madre Maria de Aquino.

“Vou agora falar das virtudes que vi praticar à minha santa Mãe”, leio com satisfação. “Nela tão bem se harmonizavam tôdas que é difícil separá-las. Parece-me, entretanto, terem sido suas

florinhas de predileção — o lírio da pureza e a violeta da humildade. Quanto à primeira, fácil adivinhar como a praticava, eis porque passo a falar da segunda. Não só o exterior era o de uma alma humilde; a humildade de coração transparecia-lhe nas palavras, até quando repreendia. Assim, chamando a atenção á Comunidade para alguma falta, acrescentava sempre: “Preciso disto mais do que as Irmãs. Se não são santas, é porque não o sou”. E como se apagava diante das Superiores! Quando a nossa querida Provincial aquí vinha, a Belo Horizonte, tinha uma attitude tão humilde que se diria a mais nova religiosa da casa. Estando eu doente no Hospital, cumulava-me de caricias; porém, no dia em que acompanhou a bôa Madre Provincial, deu-me adeus de longe, embora eu a chamasse insistentemente.

Raro ouvi falar de si e, quando nos ocupávamos dela, habilmente sabia mudar de assunto.”

De outra página recebida, transcrevo: “A humildade da Madre Maria de Aquino transparecia-lhe em todas as ações. Celebrando as bodas de prata das fundações brasileiras, era natural a alusão ás dificuldades de início, a quanto sofreram. Nada quis referir de penoso e, insistindo nós, respondeu: “Cumpriu-se a vontade de Nosso Senhor. Houve, porém, algo que só no céu se poderá saber...”

“Quando lhe adivinhavam nas palavras a união com Deus, procurava apagar a admiração que causava. Perguntando-lhe como dava a ação de graças, afirmou que a primeira coisa que pedia a Jesús, era que a livrasse do pecado mortal e a fizesse fiel...

Bonita esta referência: “Na festa de Santo Tomaz de Aquino, perguntei-lhe se não lhe aborreciam as demonstrações ruidosas das alunas, as visitas todo o dia, as solenidades. Ouvi: “Não; tudo é dirigido à Superiora da Casa e não à minha pessoa. Recebo em nome do Sagrado Coração de Maria.”

E, para não alongar demais as citações, encerro, com este fecho de ouro, o que dizem as Irmãs com admiração da sua humildade: “Suavemente edificante a sua HUMILDADE, sobretudo notória na plena subordinação às *Superiores* maiores.”

E aqui vem a propósito salientar o que é a obediência, irmã-gêmea da humildade, na vida de nossa querida Mãe.

Tenho a impressão de que no “Castelo Interior” de sua alma, para me servir da imagem de Santa Teresa, na obra que era o seu livro de cabeceira, o amor fundamentava tudo. A humildade, obediência e quietude, portanto, faz da humildade, obediência e quietude a base da espiritualidade.

Neste sentido, o Castelo Interior da Madre Maria de Aquino tem a escondê-lo, entre as ramagens frescas, um bosque de humildade, a sustentá-lo, os alicerces da obediência e espírito de sacrifício e a guardá-lo, cautelosa e acessível, a paciência e a doçura, contendo aquela, esta acolhendo.

E' só tomar as lembranças que dela nos vieram de cada uma das casas do Brasil, sobretudo de Belo Horizonte, onde lhe ficou mais viva a imagem, tendo lá passado os últimos anos, perfazendo o aperfeiçoamento de sua alma e dedicando-se no seu apostolado de Mãe espiritual.

A nossa Madre Provincial muitas vezes se refere à sua obediência com real entusiasmo e admiração, ela que tantos anos fôra sua súdita, antes de a substituir no cargo. E isto até ao fim:

“Uns dias antes de adoecer, examinavamos *junto a uma resposta da nossa Superiora Geral,* a relação a melhoramentos no Celégio de Belo Horizonte. Prestava-se a duas interpretações. — “Não façamos exatamente como diz a carta” fala a Madre Maria de Aquino. O êxito mostrou que esse o caminho mais acertado.

Durante o Congresso Nacional de Educação, ~~em~~ um telefonema de Belo Horizonte. Era a ~~Madre~~ Maria de Aquino, a pedir licença para apresentar uma sugestão, na reunião das Superiores, ~~chamada~~ pelo Sr. Arcebispo e acrescentava:

“Como parece inovação, não queria fazê-lo, sem ter a certeza de que é aprovado pelas minhas Superiores.”

“Nesse mesmo Congresso, minente conferencista devia falar, das 21 ás 22 horas. Seria irradiada a sua conferência. A Comunidade desejava ouvi-lo, mas para a Madre Maria de Aquino tudo devia dobrar-se deante da Regra. Não consentiu, se retardassem o sinal do descanso e o silêncio rigoroso, consentindo, entretanto, de bom grado, telefonassem ao Rio, se o quisessem, afim de obterem licença da Madre Provincial.”

E' ainda desta as referências que se seguem:

“De uma obediência a tôda a prova, dizia muitas veses, com simplicidade de criança, depois de ter pedido minuciosamente suas licenças ou acusando faltas, sobretudo contra a pobreza: “Graças a Deus, nada tenho escondido ás minhas Superiores maiores”.

“Como Sta. Teresa a S. João da Cruz, a quem chamava: “Meu Pai e meu Filho!”, também usavamos com a Madre Maria de Aquino da expressão: “Minha Mãe e minha filha!” Era sua resposta: Sou agora só filha; assim é que é direito e quero fazer o possível por lhe não aumentar a cruz.”

“Aumentar a cruz? Era ela o Cireneu que me ajudava a levar, quando mais se fazia sentir.”

“Na verdade pude repetir frequentemente á Comunidade: “A Madre Maria de Aquino é a re-

ligiosa mais obediente que tenho.” Que simplicidade de criança na abertura do coração, para expor escrúpulos, sobretudo no que dizia respeito ao voto de pobreza! Ficavamos maravilhadas de ver tal delicadeza de consciência.”

E aqui, ao menos duas pequenas notas, sobre êste traço da sua fisionomia espiritual: a delicadeza de consciência. Tomo-as ainda das páginas em que traduz suas impressões à nossa Madre Provincial:

“Confessava-se diversas vezes à semana, quiçá diariamente, se podia. — “Essa chuva miudinha não acaba mais!” disse-lhe. — “Nosso Senhor conservou-me, durante toda a vida, certas tribulações que a isto me obrigam; — que hei de fazer? respondeu com muita humildade.

“Nos últimos anos que passou no Rio, estava para realizar melhoramentos na casa, quando lhe ocorreram dúvidas se poderia ou não arcar com as despesas.

Consultou o Sacerdote prudente e experimentado que a dirigia, mais uma vez. Para tranquilizar-lhe a consciência delicada que se sobressaltava, usou as expressões que reproduzo: “A senhora é muito escrupulosa e teimosa e é por isso que ainda tem dúvidas.”

Com que serena e alegre humildade, contava confidencialmente esta resposta, acrescentando: “Com êstes dois qualificativos de escrupulosa e

teimosa, as paredes vão subindo e tenho a minha consciência em paz.”

Volto, porém, à consideração de sua obediência.

Repetia às suas religiosas: “Devemos ter a nossa Superiora no coração, para estarmos no coração da Superiora e, de lá, no Coração de Deus!”

Que linda frase! Esta obediência sobrenatural acalma os reclamos do amor próprio e da natureza desregrada. Torna um céu a casa religiosa, pela íntima união das almas.

Mas continuemos as citações: Dizia-nos: “A obediência é a virtude principal da religiosa. Se não damos a vontade a Nosso Senhor, nada lhe damos. Para a Madre Maria de Aquino, uma vontade da Revma. Madre Inês era sagrada.”

— “Que exprimir da sua obediência? Mais de uma vez, prestando-lhe eu contas ou falando doutras coisas necessárias, tocava o sino. Imediatamente, fechando a escrivaninha ou deixando o resto: “Vamos, filha, Jesús nos chama agora ao refeitório.”

“Um desejo do Snr. Arcebispo tinha para ela a fôrça de uma ordem. Durante o 2º Congresso Nacional de Educação, ouvi-lhe: “Estou tão cansada, mas é preciso que vá às reuniões. O Snr. Arcebispo quer que compareça o maior número possível de religiosas”; e saía duas, até três vezes ao dia. A nossa obediente Mãezinha não estava

sómente cansada, porém muito, muito doente. Poucos dias após o encerramento do Congresso, prostava-a a moléstia, para não mais se levantar!

— “Durante os vários anos que a tive como Superiora, sempre me edifiquei com a sua obediência às Superiores maiores e de modo especial, com o respeito manifestado à nossa Madre Provincial, antes sua súdita! Era uma lição eloquente para nós!”

“A sua obediência era tão sobrenatural que não encontrava a menor dificuldade em obedecer, antes julgava-o uma felicidade. Também não admitia nas Religiosas imperfeições neste ponto.”

“Tinha particular cuidado em evitar a introdução de abusos e novidades na Comunidade e muitas vezes dizia: “Que Nosso Senhor me mate, se tal tiver de acontecer!”

Esta palavra tão enérgica deve estimular-nos na guarda da nossa perfeição. Nada deve abalar-nos a fidelidade jurada e amemos as Santas Regras como muralhas inexpugnáveis de que nos rodeou o Espôso, preservando-nos dos perversos inimigos, terrivelmente dextros na arte de perder as almas.

“Quanto ao amor da Madre Maria de Aquino pela Regra, observava-a no mínimo ponto, vivia dela. Aconselhava-nos a meditá-la a sorvê-la a longos tragos. Uma palavra que escapasse em tom mais alto, tinha por resposta a jaculatória: “Ama-

do seja por toda parte o Sagrado Coração de Jesus!" e nunca falava nos corredores ou escadas, como prescrevem as Constituições.

Na mortificação, teve de abster-se, pelo menos em largos períodos de vida, de penitências corporais. Jesus se encarregava de seu delicado corpo, submetendo-o à disciplina e cilício da doença. Desde os primeiros anos da vida religiosa, sofreu neste particular. Mas que paciência, que aceitação! Sobretudo que espírito de sacrificio, para conservar a calma perfeita em todas as situações a que a submetia a doença, vivendo frequentemente sob regime de injeções, de remédios, de alimentação especial, sem tempero nem variedade.

E para a prática constante das virtudes, mormente da paciência e bondade, para a prática da Regra, no meio de esgotamento físico, era necessária mais que uma mortificação comum: uma abnegação heroica!

Não cito referências, porque a bondade singular de que passo a tratar, resplendendo na alma da Madre Maria de Aquino, exigia-lhe o esquecimento perfeito de si e o sacrificio inteiro da natureza.

Aqui nem sei por onde começar. Não ha um só testemunho que não se lhe refira. E' um dos traços mais salientes de sua fisionomia de Superiora e de Mãe. Sobretudo com os doentes, que delicadeza de cuidados! Vou respigando, entre as páginas em frente, os louvores e admiração à sua

bondade tão grande que só mesmo alimentada pelo carinho infinito do Mestre adorado, morto de amor por nós na Cruz:

“Coração compassivo, cheio de desvêlo e dedicação, compartilhando de todos os males alheios.. Nas dôres físicas, nos sofrimentos morais, verdadeiro carinho materno! Habitualmente parecia fazer consistir sua satisfação em causar prazer ao próximo. A delicadeza, “ flor da caridade cristã”, era-lhe notável.

“Caridade também, desviando cuidadosa e delicadamente as impressões em desfavor de outrem, aproveitando pelo contrário, as mínimas ocasiões de elevar alguém no conceito geral.”

— “Sempre tão bôa, tão caridosa, tão serena e benigna! Jâmais nos acercavamos dela, sem sermos acolhidas com o carinho da mulher das mães! Pronta a perdoar, aproveitava a oportunidade para afervorar no cumprimento das Stas. Regras e de todos os nossos deveres.”

— “Fazer prazer aos outros, eis o seu maior prazer! Tinha no coração muito, muitíssimo da bondade de Nosso Senhor. Com que delicadeza sabia mimosear com um presente, com que indústria procurava ocultar sua caridade! Enchia os dias de grandes festas de surpresas agradáveis, para ver contentes as filhas nas menores coisas.

“Sua convivência era um prazer, dada a igualdade de humor, a solicitude em atender ás mil e

uma coisinhas da Comunidade. Não há palavras que consigam traduzir-lhe o excesso de caridade. Eram atenções tão delicadas que só mesmo de coração tão grande e compassivo podiam nascer. Sempre Nosso Senhor a provou muito com doenças de suas religiosas. Quantas não fizeram operações sob o seu govêrno! Então, não poderia ser mais desvelada.

“Era ela mesma a querer ir a casa de frutas escolher as melhores, os mais lindos morangos, lavá-los cuidadosamente e ter prazer de os levar á boca das doentes, como verdadeira mãe que nada mais tivesse a pensar do que em dar prazer aos filhinhos.

“Uma vez chegou inesperadamente ao Hospital. Diz-lhe a Secretária não ter tirado ainda a conta. Leva-la-ia ao quarto.

— Não, não! diz — nem de longe quero que a nossa irmãzinha veja e se preocupe com essas cousas.”

— “E no meio das doenças das irmãs, reluzia-lhe a conformidade com a vontade de Deus.

Estando um dia a tomar ligeira refeição, chegaram-lhe sucessivamente três, pedindo para deitar-se, por se sentirem doentes. Disse muito maternalmente a cada uma: “Sim, minha filha, vá descansar, fá-la-ei substituir.” “Quem conhece bem a vida de um Colégio, póde calcular o trans-tórno que causa a falta de uma mestra. No en-

tanto dessa vez foram três, sem contar duas outras gravemente enfermas. Apressou-se em tratar das substituições, dizendo sem o mais leve gesto de impaciência: “Vosso amor e vossa graça, Senhor!”

“Que união íntima com Jesús, para conseguir tão completo desprendimento de si, para só pensar no bem e felicidade dos outros! Sua vida, com ser muito simples, não deixou de ser extraordinária nesta perfeição da caridade.”

Agora são as notas de uma religiosa um tanto desanimada, a recordar conselhos que a soerguem:

“Os conselhos da Madre Maria de Aquino sempre me fizeram impressão e se me gravaram, profundos, na alma; volto nas ocasiões oportunas a recordar-lhe as insinuantes palavras:

“Lembro-me sobretudo como me tranquilizou, quando fôra passar algum tempo numa casa onde me não sentia feliz: “Deus não a quer aqui, por isto não lhe dá a graça de se sentir bem. Se a quizesse, certamente teria graça para isto.” “Convençame do que me dissera e fiquei calma. Como devia estar unida a Nosso Senhor quem tão bem soubera dar um conselho, o único acertado na ocasião!

“Outra vez, quando ainda Provincial, disse-lhe que me sentia triste e desanimada, ao notar que minhas paltas aumentavam ao invés de dimi-

nuir. Via-me cada vez mais imperfeita. “Não se aflija”, eis sua resposta, “à medida que nos aproximamos de Deus, vemos mais claramente nossas misérias.”

Passemos ao que refere outra Irmã:

— “Foi bem rápido, infelizmente, o curto lapso de tempo em que estive em contacto com aquela alma santa, a saudosa Madre Maria de Aquino.

Fiquei vivamente impressionada com sua caridade sem igual. Estando em repouso por prescrição médica, ela, com mais doentes e mil ocupações como Superiora, em período de aulas, não deixou passar um só dia sem ir ver-me, dispensando-me tantas atenções que me confundiam. Repetia-me que pensava no meu retiro forçado, e isto lhe cortava o coração, mas antes de tudo devia obedecer ao médico.

Na festa do Coração de Maria foi visitar-me com a Comunidade; sua delicadeza levou-a a narrar-me tôda a festa, entrando mesmo em particularidades, como ao descrever-me a ornamentação das classes.

Nessa mesma ocasião, minha irmã, religiosa, gravemente enferma, o meu irmão, médico, não podendo demorar-se por mais tempo, despediu-se: “Sou obrigado a partir; nossa irmã está mal, mas vou tranquilo, porque o médico é consciencioso e a Madre Maria de Aquino faz por ela mais do que faria Mamãe.”

Agora uma citação bem mais íntima:

— “Há uma frase pronunciada pelo Sr. Arce-da vida da nossa Mãe: “*Era de uma bondade singular!*”: boa para as Religiosas, boa para as alunas, boa para todos. — “Leve as almas com bondade, dizia-me: “Há em tôdas as naturezas, mesmo nas mais rebeldes, alguma fibra sensível ao bem. Procure descobrir essa fibra. Nada de castigos, de frases humilhantes, não! SSejamos boas para tôdas. Amo tanto estas alminhas que Nosso Senhor nos confiou!”

“Para comigo a Madre Maria de Aquino foi realmente boa, uma Mãe cheia de desvelos, cheia de misericórdia e de condescendência. Se me via triste, falava-me da bondade infinita de Deus: “Não penses no passado. Nosso Senhor já esqueceu tudo. Ele perdoa tão facilmente, tão generosamente! Meu Deus, que são os nossos pecados comparados com a sua misericórdia infinita?! ainda que tivesses sido mais peccadora que Maria Madalena, nem por isto deverias entristecer-te, minha filhinha! O que fere o Coração de Jesús é a falta de confiança. Nosso Senhor quer-te tôda para Êle, quer-te Santa!” E isto me penetrava fundo no coração. Não uma, mas dezenas de vezes, esta Mãe querida me falou assim, sendo que a última vez que me confortou dêste modo, foi no dia de seu último embarque para o Rio, um mês antes de sua morte.

“Se estou no Instituto é graças à sua caridade, à sua bondade.

Uma ocasião em que eu lhe falava da época de meus votos perpétuos, época tormentosa e difícil para mim: — “Nessa ocasião eu disse à Superiora Geral todo o bem que podia de si...” respondeu-me.

Quando veio a licença para os meus votos, chamou-me imediatamente, radiante de alegria. Abraçou-me como Mãe e, dando-me a ler a licença, enquanto me mantinha abraçada, disse com os olhos cheios de lágrimas: “Isto sim! Isto é que me dá vontade de chorar de alegria!” pois, difficilmente chorava...”

Mas passo a outras demonstrações de sua bondade. Acima citei seu amor às almas das alunas. Um exemplo:

“A uma aluna, criança de 11 anos, encarreguei eu de abrir a porta da sacristia, para a passagem do Capelão, na entrada e saída da Missa, (sendo muito pequenina a Capela primitiva de Copacabana, algumas alunas ficavam mesmo no Santuário, muito próximas da dita porta. Dotada, porém, de timidez excessiva, essa criança, confessou-me que não dormia durante a noite, preocupada com a missão que eu lhe dera. Contei o caso no recreio, achando muita graça na preocupação infundada da menina. — “Estas coisinhas representam, às vezes, verdadeiros sofrimentos para as crian-

ças, disse-me a querida Mãe. Não atormente assim inutilmente essa menina. Troque o seu lugar com outra que seja mais desembaraçada e livre-a quanto antes dêsse cuidado.” — “As crianças sofrem muito às vezes; precisamos ser Mães para elas”, costumava dizer. Se era grande a sua caridade para com todos, que dizer de seu amor para com as Religiosas, suas filhas, de sua bondade maternal ilimitada para com as doentes? Nada poupava para aliviá-las, consolá-las. Fui testemunha, durante os oito anos que passei ao lado de tão incomparável Mãe, de fatos edificantes e comoventes, a respeito de sua caridade para com as doentes. Como estou certa de que as beneficiadas os contarão, passo-os em branco.

“No dia de sua última viagem para o Rio, um mês antes da morte, quis levar-me ao médico: “Quero ir tranquila a seu respeito”, disse-me; “sei quanto é custoso trabalhar doente.” No entanto, mais doente do que eu já estava ela! Tivemos que esperar bastante tempo no consultório médico. Nem um sinal de impaciência, de contrariedade. Já passava das três horas, o médico não chegava e ela devia embarcar de noturno. Aguardámos o médico, demorámo-nos o tempo necessário sem que apressasse coisíssima alguma. E no fim, quando já esperavamos o bonde, lembrando-se de que eu não havia comungado aquela manhã, ofereceu-se insistentemente para levar-me à Igreja de São

José, afim de que eu pudesse estar com o confessor da Comunidade. Apesar dos meus protestos, acabei aceitando o seu generoso oferecimento...”

Esta página edificante que reflete as altas preocupações da Mãe espiritual, ainda não será a última sobre a sua caridade carinhosa:

— “Como a gente se acha bem junta da Madre Maria de Aquino. Sai-se de perto dela com vontade de ser boa!” Estas e outras expressões ouvi-as de alunas e pessoas de fora.

“De uma delicadeza e elevação de sentimentos que traíam educação finíssima, irradiava bondade. Com que prazer obsequiava! Ultimamente tinha-se a impressão de que se alhejava de tudo. E era verdade! Se gostava de ter, era para dar. A’ generosidade unia grande desprendimento!”

Agora é uma longa transcrição, mas feliz, por exprimir com muita exatidão a “singular bondade” da nossa falecida Mãezinha. E’ literal, sem lhe diminuir um ponto. Bonita, repousa bem o coração que tantas vezes se desencanta com o egoísmo dos homens:

“A Madre Maria de Aquino foi a minha primeira benfeitora. Desde os meus verdes anos, recebeu-me no colégio gratuita e generosamente e sob sua suave direção fui-me educando e crescendo, sem nunca sentir outra confusão do que a de ser tratada com maternal preferêcia.

Fiz-me depois Religiosa, amparada material e espiritualmente por essa inesquecível Mãe. E era para sentir os efeitos de sua constante caridade que, de vez em quando, me via novamente entregue aos seus desvelos. O exterior sempre recolhido e digno, a atitude de inalterável serenidade e modéstia a encantar-me, conservava-me todavia, dada a minha natural timidez, num respeitoso afastamento, até que circunstâncias mais sérias, por permissão de Deus, me achegaram ao coração dessa caridosa Mãe. Então, à minha admiração já tão elevada por ela, aliou-se o sentimento dos salutares efeitos de sua extraordinária bondade e afabilidade. Aproximei-me confiante e ela foi o Anjo visível que Nosso Senhor me enviou, na época mais penosa de minha vida, quando, enfermidade que acreditava incurável, me fazia temer dias insuportáveis e um futuro duvidoso.

“A Madre Maria de Aquino compreendeu que eu sofria muito: seguiu-me com doçura inalterável. Conforto material, conforto espiritual, tudo me prodigalizou com delicada bondade. Nunca passava por mim sem dizer uma palavra animadora. Em meio dos negócios e ocupações sem número que não lhe davam repouso, e apesar de não ser das religiosas de sua casa, dedicava-me atenção especial e não se passava dia, sem me dar uns momentozinhos do seu tempo para uma “conversa amiga”, reanimando-me a coragem e procuran-

do com geito todo seu fazer sentir-me útil à Congregação, mais útil que as outras e mais preciosa, porque mais enferma.

Coitadinha! Como me levantava do desalento! Quando lhe manifestava minha confusão pelas despesas que ocasionava, cortava-me a frase e reprimia-me suavemente: “Minha filhinha, o dinheiro só vale, quando por êle podemos fazer algum bem. Nunca choro o que gasto para alívio dos doentes. Isto não é consigo”, dizia em tom de carinhosa censura. “As Superiores gostam de aliviar os sofrimentos de suas filhas. Demais, as doentes são os para-raios da Comunidade, são bênçãos para a Congregação; o que é necessário é submeter-se amorosamente, sem se *zangar* com Nosso Senhor. “E de tal maneira falava e procedia que parecia antes beneficiada e devedora... E seu desvêlo continuou sempre igual para comigo, aumentando os cuidados, quando me percebia mais desanimada. E sei que cada uma das Religiosas que viveram com tão bondosa Mãe, poderá dizer outro tanto de sua caridade.

Parecia sempre atenta ao menor desejo das doentinhas para satisfazê-los. — “Parece que o coração se dilata ao contemplar esta natureza”, disse-lhe certa vez, quando atravessávamos a Avenida Beira-Mar, de automovel, de regresso de um negócio seu, urgente, a que a acompanhara (Dé-

pois compreendi que me levou para me proporcionar uma distração).

Sua resposta imediata foi um movimento espontâneo para a frente e estas palavras ao “chauffeur”: “O senhor ande mais devagar e dê mais duas voltas pela Avenida”, e, recostando-se, sorrindo, cheia de *entusiasmo que estranhei* (pois sabia que tinha pressa em chegar a casa e, além disso, creio que não teria prazer em atravessar a Avenida bem sua conhecida já), virou-se para mim e disse-me baixinho: “Vamos dilatar o coração!”. E, durante todo o passeio, com alegria *infantil*, fazia-me olhar para um e outro trecho da paisagem, do mar, etc... insistindo com o “chauffeur”, para que fosse mais lentamente... Tão graciosa agiu que se diria nada mais ter que fazer, senão passear comigo! A comoção que senti, nem a sei dizer! Nada mais sei do espetáculo exterior que me dilatou o coração, mas ficou a delicadeza extraordinária, tão sobrenatural, daquela santa alma.

“Suas palavras eram impregnadas de misericórdia e mansidão; sabia-se que ao coração da Madre Maria de Aquino se podiam confiar as máguas mais íntimas.

“Edificou-me ultimamente (há quatro anos que não a via) seu amor às Religiosas. — “Que vivia encantada com suas filhas”, notei-lhe gracejando. — “E’ verdade! minhas filhinhas são mesmo boas! Coitadas! Fazem o que podem, para

agradar a Nosso Senhor! Gosto muito, muito, das alminhas que Deus me confiou! E, numa carta que há oito meses me escreveu: “Minhas filhinhas continuam sempre muito boazinhas!”

E as palavras que vão seguir-se referem-se-lhe aos últimos dias de vida. Trazem o mesmo cunho de caridosa suavidade: é o perfume que se evola das suas derradeiras manifestações nesta terra:

“Três dias antes de sua morte tive a consolação de ir visitá-la ao hospital. Como me recebeu! Que sorrisos maternais encontrou para mim, no meio dos cruciantes sofrimentos! E quando lhe falei das saudades que sentiamos dela em casa, respondeu: “Saudades? Já não posso usar essa palavra, porque o que sinto por tôdas nem se pode exprimir!...”

“Para terminar, digo que, há cerca de um ano, Nosso Senhor me pedia um sacrifício que eu não tinha coragem de fazer. Nunca falei disso a ninguém. Por ocasião da sua doença, tive impetos de prometer a Nosso Senhor que o faria, caso a curasse; mas o receio de minha fraqueza fez-me recuar. Pois bem, no dia do entêrro dessa querida Mãe, senti em mim forças suficientes para a execução do sacrifício, ao mesmo tempo que uma doçura, uma paz intensa, como há muito não sentia, me encheu a alma, com o desejo de viver mais intensamente para o meu Deus.

Tenho a certeza de poder atribuir esta graça à proteção d'Aquela que no Céu continúa a ser nosso Mãe."

Belo mundo das almas que nos leva de surpresa em surpresa sempre crescentes, através de recessos profundos, até ao Centro Divino, onde, na fusão de um mesmo espírito com Deus, a alma se torna fecunda e forte, para a realização do ideal sublime que lhe fez conceber Deus...

Que maravilhas de humildade e de doçura, de fé e caridade, de purificação e aperfeiçoamento!

Nós nos vamos aproximando dêsse Centro que irradia da alma de nossa Mãe e uma das maravilhas com que nos prende, é a sua conformidade com a vontade de Deus.

As virtudes são irmãs, vivem lado a lado. São gêmeas. Dir-se-ia possuírem fisionomia quase idêntica. Já vislumbrámos o doce abandono dessa alma à ação divina, já lhe pudemos ver a santa conformidade, na consideração de outras virtudes. — Mas ver, não é considerar...

Ver! elas estão aí, na profusa e variada floração dos atos, não confusa mas ordenadamente, correspondendo à necessidade da harmonia.

Considerá-las, porém, é intensificar, especializar o gôsto que cada uma nos dá. — A conformidade com a vontade de Deus... mas é a maior perfeição a que possamos atingir.

Só esta palavra: vontade de Deus...

A vontade de Deus é tudo; água da vida que purifica e refrigera! Claridade eterna que tudo invade! fôrça que levanta aos cimos mais altos da perfeição, porque o que Deus quer é a nossa purificação, nossa ascensão, nossa divinização.

Conformidade e abandono... E' deixar a Deus a direção da existência, o impulso para os atos e a alma vai-se serenando: os traços do rosto refletem-lhe a calma; vão-se os mais leves ímpetos dominando: não a agitam preocupações ou tempestades. Nestas mesmo, sabe que Jesús está na barca, e só O acorda nas horas extremas que vão rareando: "Seu Coração vela"; "nem um só cabelo lhe cai da cabeça, sem a Sua permissão divina"; "Ele veste os lírios do campo, alimenta as avezinhas do céu"; inquire se não é melhor do que os Pais, "que sabem dar boas coisas aos filhos". O Evangelho é todo uma revelação do Coração a palpitar de cuidados, porque Ele é, e o sabe, a Providência das almas, as queridas almas de quem é o Tudo.

"No meio das grandes tribulações por que passava, a Madre Maria de Aquino cortava rente as preocupações, lembrando a conformidade de Jesús e dos Santos.

Exclamava por vezes: "Sto Inácio, se se dissolvesse a Companhia de Jesús, só desejava um quarto de hora deante do Tabernáculo, para se refazer e eu ... quase perdi uma noite!" Depois

pedia desculpas à Comunidade do mau exemplo, por se não ter resignado no mesmo instante! Assim lhe parecia e é para nós consolação pensar que tanto amava a Nosso Senhor.

“Entre as tribulações de um período de doenças graves em Belo Horizonte, dizia à nossa Madre Provincial: “O que vale é que no meio de tudo isto, Nosso Senhor me dá tanta alegria interior que nem me custa.”

E transcrevo das Irmãs: “A sua alma havia chegado ao ponto de identificar a sua com a Vontade de Deus.”

“Nunca lhe ouvi a menor expressão de descontentamento ao receber a cruz. “Gostava de cantar, entre as provas que não lhe foram poupadas, estas palavras de uma parafrase do célebre “Suscipe” de Sto. Inácio:

“Vosso amor e vossa graça”,
E meu Deus não peço mais!...”

E o fazia a sorrir resignadamente.

“As circunstancias desagradáveis, acolhia-as, bendizendo a Deus!”

“Nem os trabalhos por vezes acima de suas forças, visto o seu temperamento delicado e pouca saúde, nem as cruces que Deus lhe enviava lhe diminuiam a amorosa submissão à Vontade do Pai Celeste.”

“Edificante conformidade! Sobrevinham as preocupações? Dava as ordens necessárias e depois, para nós: — Ama-nos Deus, não é? E’ infinitamente sábio, infinitamente poderoso, infinitamente santo, não é? Sabe o que faz. Abandonámo-nos à sua ação.”

“Para caminhar uma alma em busca da união divina, cumpre-lhe estar estabelecida na paz e os obstáculos à paz interior são inumeráveis. Têmo-los em nós, na nossa natureza, no nosso caráter, na nossa educação, no nosso atavismo, no nosso espírito e coração.

“Temo-los na vida comum, nas provas que Deus nos envia, nas pequenas circunstancias providenciais que se sucedem, para nos fortificar as virtudes; nas tentações e ataques ardilosos do inimigo, nas purificações necessárias para nos firmar na humildade...”

“Que vosso coração não se perturbe! “é o susurro dos labios de Jesús à alma provada. Ela O ouve, nEle se firma, “nada a afastará do seu divino “Imutável”.

“Que nada te perturbe, nada te atemorize: só Deus basta!” exclama Sta. Teresa...

E agora me introduzo mais na alma querida da nossa Mãe. Ela que gostava tanto do “Castelo Interior” da Santa Reformadora do Carmelo, há de abençoar êste meu passo, para chegar ao seu centro, onde habitava Deus. Nós a julgamos já na

Patria, neste momento em que lhe traçamos a vida, satisfeita plenamente a sua tendência profunda para Deus. Há de sorrir-nos, pois, considerando-nos a ousadia. Todo êsse nosso esforço, através primeiro da sua vida exterior, penetrando-lhe depois pela vida moral e espiritual, não é de achar o Tesouro que atrái irresistivelmente o coração humano — Deus?

Ei-lo enfim. Da vida virtuosa que vimos contemplando, qual o móvel? Qual o sentido da humildade que se apaga e se resigna, da obediencia que se submete, da doçura que não se altera senão pela transfiguração no sorriso e acolhida carinhosa; da caridade que se esquece, que dá e se dá, que inventa indústria, mitiga dôres, acalma receios ou entreabre à alegria; da conformidade e abandono que se entrega sem queixa à imolação da natureza; de tantos atos mais de virtude e embelezamento moral examinados?

— Qual o móvel?! qual o sentido e também qual o fim? A união com Deus. Eis porque, êsse progresso constante, essa ascensão admirável!

Unir-se com Deus; amá-lo no imo do peito! amá-lo no Tabernáculo Eucarístico e nas almas, entre as nuvens do incenso dos santos desejos e intenções, subindo das caçoilas vivas do ser que o fogo da imolação consome!...

O que era Jesús na sua vida? “Seu Unico e seu Tudo”, como Êle mesmo o ensinara a Sta. Margarida Maria.

Aqui, quanta coisa bonita nas minhas proprias lembranças! Que o fogo do amor a consumia, prova-o a sua concentração e recolhimento, sua serenidade, as exclamações inflamadas que lhe rompiam do peito na oração e até durante as occupações, revelando a união com Nosso Senhor.

Esse amor transbordava-lhe tambem na formação religiosa que dava e nas cartinhas ou lembranças que escrevia. Em dois Natais sucessivos, recebia eu, com os presentes do Menino Jesús, êstes bilhetinhos: O primeiro “O Menino Jesús à sua pequenina esposa, para que O ame com amor muito generoso.” O segundo: “Depois da Comunhão, pede-me a graça de seres sempre tôda minha e Eu tudo para ti. Teu Espôso — Menino Jesús.”

E, na minha Profissão Perpétua, no verso de uma imagem em que Jesús corre a abraçar Sta. Teresinha, estas palavras: “Que seja tôda de Jesús e Jesús Tudo para a sua Espôsa, Irmã X, são os votos da sua muito dedicada em Nosso Senhor, Irmã Maria de Aquino.”

E era assim para cada uma das Irmãs.

Amava a Jesús com êsse amor cioso, exclusivo, por assim dizer, desprendido de tudo. Era o Bem-Querido, o Bem-Amado, o Espôso de sua alma e ensinava-o às suas Religiosas.

Também Jesús se lhe dava. Pena não nos ter deixado notas espirituais, mas as palavras, a vida lhe traíam a absorção n'Ele, já o vimos.

Mais alguns exemplos: A conversa no recreio tinha se tornado altamente espiritual, áquele dia. As religiosas comentavam como Jesús se lhes daria no céu, porque a graça fá-LO tão nosso, tão nosso, de tôdas inteiramente, de cada uma portanto, como se fôra única, pela presença de Sua graça. E na Eucaristia, na Comunhão? "E' viver a uma, a mesma vida, o mesmo palpitar". E temos necessidade dessa intimidade, para a satisfação de nossa tendência vital para o infinito.

— "No céu... a falta da Eucaristia, Êle, às nossas vistas, mas na terra, em nós, nos corações. "E divagava a fantasia e não era suficiente a compreensão do mistério... Lembro-me da palavra de nossa Mãe querida: "O céu seria inferior à terra, se O não tivéramos Todo nosso, como se fôramos única cada uma. Do contrario não seria o que a fé nos revela, felicidade plena, muito acima do que há de mais elevado na terra.

"Deus achará meio de dar-se a nós, estar em nós e nós n'Êle, mais do que neste mundo..."

E' a linguagem dos Santos a quem os favores místicos deram a experiência do que é o céu:

"Os olhos nunca viram, não perceberam já-mais os ouvidos e o coração não compreendeu nunca o que Deus reserva aos seus Santos", diz São

Paulo. Ou esta página de uma revelação de Santa Matilde:

“Chegando à minha presença, contempla-se a virgem nos Meus Olhos e Eu nos seus, como em espelho. Contemplamo-nos assim arrebatados um no outro. Depois, em amoroso abraço, nela Me imprimo e a encho e penetro, com a minha divindade inteira. Seja qual fôr a sua situação, pareço estar todo em cada um dos seus membros e reciprocamente a atraio a Mim de tal modo que por tôda a parte a vêem gloriosa no Meu Ser. Mais ainda: faça-Me sua corôa, ornamento digno da esposa legítima, que quero adornar. E o Espirito Santo também a penetra da superabundância de sua doçura, da sua bondade que a impregna como a migalha de pão mergulhada no vinho pura. Ela torna-se, pois, amável e arrebatadora a todos os habitantes do céu...”

Mas quero ainda insistir na concentração e recolhimento da Madre Maria de Aquino. O traço característico de sua individualidade é, a meu ver, a união com Deus muito contínua e muito profunda.

Nã introdução desta biografia, exprimia eu o desejo, em prece ao Espirito Santo, de compreender o SENTIDO da PALAVRA que o VERBO lhe pronunciou no fundo da alma, para a revelar na sua história.

A palavra do Verbo às almas é inefável —
ÊLE DIZ-SE-LHES, ÊLE SE LHES REVELA.

“O Pai disse uma palavra e essa palavra, esse Verbo foi seu Filho, Êle A diz sem fim, num SILÊNCIO ETERNO e é no silêncio que a alma A ouve”: São João da Cruz, nas Sentenças.

Por isto, o recolhimento. “Aude, filia!” lhe resoava no coração, senão conciente, inconcientemente.

E a resposta bem lhe expressa a proposição seguinte da celebre oração de Isabel da Trindade: “Eu quero passar a minha vida a Vos escutar.”

Quando, desatados os laços dos cuidados do dever, podia-se-lhe recolher a alma, concentrava-se... em Deus!

Aqueles meses de descanso forçado na Europa, na viagem de após-guerra, viam-na absorvida todo o dia, em profundo recolhimento. Impressionava até as Religiosas que a não conheciam.

Compreendera Jesús: “Se alguém Me ama, guarda os seus mandamentos, meu Pai o amará, a êle viremos e nele faremos Nossa Morada.”

Entendia depois, ao encontrar a Trindade Santa no coração, que Deus é Amor; por isto, a calma, a fôrça, o refflorir das virtudes, a confiança, o abandono, a alegria, a caridade! E a felicidade também, a felicidade principalmente.

As notas das Irmãs falam dêsse seu amor de Deus inflamado, do seu fervor, piedade. Todas adivinhavamos o que se passava na sua alma.

Contento-me com esta transcrição: “Olhando para ela, muitas vezes tinha vontade de dizer: “Não guarde tanto, Mãe querida, os segredos do Rei, porque achava que a sua vida era muito semelhante à de Nossa Senhora que tudo guardava no Coração!”

Ou esta outra de uma criança, louvor nos lábios da inocência, impressionada com a sua piedade...

Na prova escrita de Catecismo:

— “Há santos em nossos dias?”

— “Sim, “Notre Mère” é santa, porque é tão bôa e piedosa. Comunga todos os dias com uma piedade de admirar.”

Encerremos, porém, o capítulo, que já vai longo demais: Naturalmente, nesse quadro de clareza, de virtudes, poderíamos notar a sombra de pequenos defeitos. Só Deus é a plena Luz! Os próprios santos tiveram as suas imperfeições.

Mas a dolorosa doença, heroicamente suportada, acabou de a purificar aos nossos olhos... resplandeceu na fôrça moral comprovada em meio a cruciantes dôres.

A sua doce imagem ficou-nos no espirito, vítima estendida sobre o altar, sofrendo, silenciosa e abandonada, as feridas que a cravavam à Cruz.

naquelas disposições heroicas descritas pelo autor da Imitação, no admiravel Capitulo XI, Livro Segundo, o último que pediu lhe lessem, e tão bem traduz o seu modo de viver a dôr:

“Jesús Cristo tem agora muitos que amam o seu Reino Celestial, mas poucos que levam a sua Cruz.

“Muitos desejam sua consolação e mui poucos desejam a tribulação.

Muitos companheiros acha de sua mesa e poucos da sua abstenência.

“Todos querem gozar de sua alegria, poucos, porém, querem sofrer, alguma cousa por Êle.

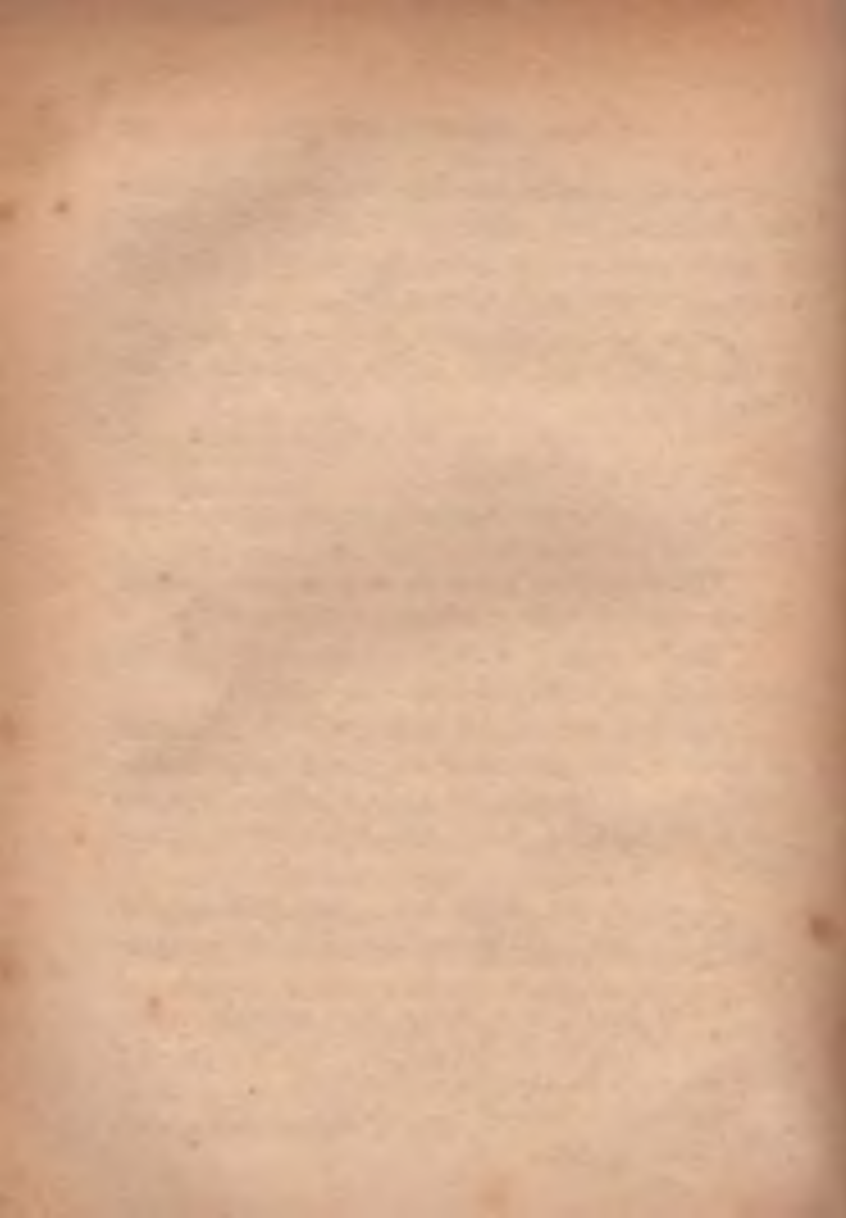
“Muitos seguem a Jesús até ao partir do pão, poucos até ao beber do Calice da Paixão.

“Aqueles, porém, que amam a Jesús por amor de Jesús e não por amor da sua própria consolação, tanto O louvam em tôdo a tribulação e angústia de coração, como nas mais doces consolações.

“E ainda que nunca mais lhes quizesse dar consolação, sempre O louvariam e Lhe dariam graças...”

Assim bendizia a nossa Mãe querida o Divino Esposo, entre as dores e agonias como O louvava em meio às alegrias e triunfos.

Passemos a relatar-lhe os últimos dias, num derradeiro capítulo.



CAPÍTULO NONO

Ultimos meses de vida. Entre as provações, perfaz-se-lhe o aperfeiçoamento da alma. Dolorosa enfermidade. Heroísmo de paciência. Edificação geral. Sua morte

“A morte, eis o belo momento para o homem! Que formosos dias nos prepara o Amor!”

(P. Lacordaire).

“A morte é a companheira do amor. Abre-nos a porta e permite-nos encontrar Aquele a quem amamos.”

(Sto. Agostinho).

Uma alma que ama, vive no louvor e ação de graças, mas abandona-se e entrega-se a Deus inteiramente; irradia a felicidade, mas compreende o caráter da sua consagração a um “Espôso de Sangue” e a união se lhe consuma na dôr e no sacrificio. Expande-se no apostolado e na caridade, mas acomoda-se suavemente no altar de sua cruz

e participa do sofrimento redentor do seu Amado.

“Ela pôde orar, sofrer, amar, trabalhar, dar-se de mil maneiras; estar entre provações ou na luta, no desprezo ou em pleno êxito; na ação ou na contemplação; no ruído ou no silêncio; no exercício de dedicação ou no repouso da oração; no meio de uma luz resplandescendente ou nas trevas espessas; na alegria ou na dor, — é sempre, sob a mão do Pai, o instrumento harmonioso que vibra na terra o Sanctus de adoração á glória divina.”

Iniciando o capítulo que vai narrar os últimos meses de vida de Madre Maria de Aquino, o prelúdio acima já nos faz prever a perfeita harmonia do seu espírito com a Vontade adorável de Deus, dedilhando-lhe as cordas d'alma, sob a ação do sofrimento:

Deus é amor; ela, entrega, abandono completo: — no dever, na caridade, na imolação.

Uma nota da Madre Provincial nô-la mostra, sob êste aspecto entre todos revelador da vida espiritual e ação divina:

“Ao aproximar-nos dela, sentiamos o progresso que fazia na perfeição e na união cada vez mais íntima com Nosso Senhor. Em Outubro sobretudo, dois meses e pouco antes de sua partida para o Céu, ao fazermos a visita anual á Comunidade de Belo Horizonte, respirava-se aí tal atmosfera de sobrenatural que nos convencemos de que não

duraria muito tempo e a perderíamos dentro em breve. Sentia-se de tal modo Nosso Senhor agindo nela que comovia, tal a suavidade que se lhe desprendia do trato e das palavras, as atenções delicadas com que nos rodeava. E repetíamos a nós mesma: “Não posso vir a Belo Horizonte que me ponho mole.” Então, provada com as muitas tribulações e doenças que se abateram sobre a sua Comunidade, confiava-nos intimamente: “O que vale é que, no meio de tudo isto, Nosso Senhor me dá tamanhas alegrias interiores que nem me custam!”

Doze de Agosto. Encerrava-se em Copacabana o retiro das alunas e a alegria prolongava-se, quando tocam de Belo Horizonte. A Madre Provincial não estava. Atendo. A Irmã X..., arrasando, enérgica, sofrimentos antigos, em meio à sua intensa atividade no Colégio, é afinal vencida. E o telefonema da Madre Maria de Aquino dá a notícia inesperada: “A Irmã X... acaba de ser operada, a operação durou hora e meia. Ainda está desacordada. Os médicos não dão esperanças de a salvar. Avise a Madre Provincial, por telegrama e prepare a Irmã Y... (outra irmã da religiosa doente). Rezem, rezem muito!”

A' tarde, no telefone, ainda: "A doente já veio a si; o estado é gravíssimo!

Quatro horas desacordada."

O coração da nossa querida Mãe compartilhava, resignada á vontade de Nosso Senhor, do sofrimento da sua filha: ela mesma confessava a alegria interior que a vinha sustentando entre as provações — (havia mais de um ano que as doenças se sucediam em Belo Horizonte: operações de apendicite urgentes em várias; gangrena proveniente de infecção de um dente, de outra; operação de ouvido, ainda quando estava a irmã de que falei acima, na Casa de Saúde).

"O espirito é pronto, mas a carne é fraca!" as forças, de há muito, se lhe extinguíam pouco e pouco com os trabalhos e provas dos últimos tempos. Sobrevindo a doença, não mais reagiria a natureza, vergando enfim, ao sôpro do vendaval que em Novembro sôbre ela se abateu.

Até lá, porém, cumpria-lhe carregar a Cruz.

Ainda a Irmã X... estava na Casa de Saúde e já a Madre Maria de Aquino, atendendo aos desejos do Arcebispo, se repartia entre os cuidados do Côleio, da cara doente e a participação no II' Congresso Católico Nacional de Educação.

O seu fino trato social não lhe permitia nada omitir ou esquecer.

Logo à chegada do Presidente do Congresso, que o é também da Confederação Católica Brasi-

leira de Educação, o Dr. Everardo Backheuser, enviava-lhe as Bôas Vindas e Sua Excia, retribuía-as quasi imediatamente com uma visita, declarando ser a primeira das que pretendia fazer aos Colégios da Capital.

Já me referi, falando-lhe da obediência, à sua docilidade aos desejos do Sr. Arcebispo de ver o maior número possível de Religiosas nas Sessões do Congresso, e uma das Madres de importante educandário de São Paulo, que tomou parte ativa no Certame e estivera no nosso Colégio da Serra, a convite, diz-nos ao passar pelo Rio, na Primeira Semana Nacional de Ação Católica: “Que votre Mère St. Thomas d’Aquin est bonne! Elle est tellement bonne que je ne puis même l’exprimer! — Ma Mère, lui ai-je dit, quand elle m’invitait à me reposer un peu des fatigues de la semaine qui n’étaient pas pourtant très grandes pour moi, — mais c’est vous qui devez vous soigner un peu. Vous avez l’air si fatigués! Vous êtes malade, Ma Mère!”

Quatro dias depois, tínhamos o prazer de a ver chegar ao Rio, no dia 12 de Novembro, às dez horas e três quartos. Havia anunciado de vespera à Madre Provincial que precisava vir falar-lhe e aproveitava também para consultar o seu médico.

Achei-a tão abatida! Desde o Congresso Eucarístico, em 1936, me havia impressionado com a

sua debilidade crescente. Disseram-me que eram apreensões sem fundamento, porquanto, embora muito mais magra, gozava relativa saúde.

Agora em Novembro passado, nessa sua última viagem a Copacabana, o abatimento era visível. Procurei-a muito, sem saber porquê. Desde os meus doze anos, objeto de seus carinhos, era o coração a pressentir que a perdia; ou antes Nosso Senhor, a aproximar numa despedida afetuosa Mãe e filha que tinham vivido anos de intimidade e ultimamente se viam separadas pelas determinações da Providência?

Quando, alguns dias depois da sua volta á Capital Mineira, soube que estava mal, recordei os tantos abraços que lhe dei ao dizer-lhe “adeus”, às 17 e meia horas de 16 de Novembro; as tantas vezes que lhe beijei as mãos, ouvindo-lhe dos lábios, como a desculpar-me ante as Irmãs que assistiam à minha despedida: “Pois é! quando tinha qualquer cousa era a mim que o vinha confiar...” E pensei comigo: — Nosso Senhor é muito bom! Permitiu aquela expansão a que já não estava habituada, para me despedir. — Vai morrer a minha boa Mãe.”

E ainda lhe repeti a brincar, abraçando-a uma última vez: “E adeus, minha Mãe, se no Rio fizer muito calor, vou *veranear* em Belo Horizonte!” E fui, mas para lhe assistir à morte, tendo o consólo espiritual de julgar, não pelo que ouvi, mas

por mim mesma, porque o vi, da grande perfeição a que atingiu, comprovada nos padecimentos heróicos, suportados sem um gemido...

E entro já a narrá-los.

Embarcára do Rio, voltando a sua casa, na tarde de 16 e já foram dezeseis horas de martírio. Dores atrozes nos intestinos em todo o trajeto, sem alívio, fazendo temer à enfermeira que não chegaria ao fim..

Ao rodear-lhe o carro, sentindo-o parar à porta, as religiosas ouviram da Irmã: "Ela está muito doente", e ficaram penalizadas com seu ar desfeito e extremamente abatido.

Do automóvel para a cama, para não mais se levantar. Ia-se-lhe prolongar por um mês e três dias o atroz padecimento.

O médico veio logo: intoxicação alimentar fortíssima, o diagnóstico.

Começou a luta. O organismo, num estado de fraqueza extrema, não reagia. A mucosa intestinal foi completamente destruída, as injeções provocavam abscessos, logo que eram aplicadas.

O facultativo trouxe consigo outro colega, o Dr. Balena, uma das notabilidades de Belo Horizonte, e ambos tudo fizeram para debelar o mal. Houve mesmo uns dias de melhoras... aparentes pelo menos, pois, ia a moléstia recrudescer logo após e levar ao desfêcho que tudo empreendiam para evitar: uma das injeções na perna teve como

consequência enorme inflamação e a doente não se queixou logo.

Voltára a febre, temera-se uma congestão pulmonar proveniente do tratamento dos intestinos pelo gêlo. Provada não ser essa a origem da temperatura elevada, lembrou a enferma a injeção, reconhecendo-se logo a causa da febre.

Chamaram o operador, o Exmo. Snr. dr. Lucas Machado. Uma primeira incisão e ainda não se lhe previam as consequências. Uma segunda, terceira...

A doente continuava mal, chegavam o médico e o Padre a dormir no Colégio, temendo uma queda brusca.

Uma manhã, depois de ligeiro esforço, sobreveio um colapso. A Madre Provincial que já estava avisada, mas só em último caso poderia deixar o Rio naqueles dias, recebeu comunicação para que partisse. Na mesma data, 31 de Novembro, recebia a enferma a Exerema-Unção das mãos de seu confessor, venerável ancião do Instituto dos Padres do Verbo Divino. Ao objectar a sua Revcia. se poderia receber o Sacramento dos moribundos, nas disposições em que achava — pensava que ia curar e não morrer! — Sua Revma. traduziu-lhe a oração do cerimonial, mostrando quanto se relacionava com seus desejos e administrou-lhe as unções sagradas.

Essa santa alma tinha tanto mêdo da morte! Sempre tão piedosa e unida a Nosso Senhor, calma entre provações e dores, dizia, entretanto, não poder familiarizar-se com a lembrança do traspasse final. E não havia razão para temer a Divina Justiça, tendo sido tão boazinha, desde pequena. Uma das cartas dos irmãos referiu-se-lhe à meninice e juventude nestes termos: “Foi posteriormente (aos seus 18 anos) que Deus a chamou e não resistiu. Notava-se nela *muito inocência*, bondade, boa vontade, etc.”

A Madre Provincial, agora em Belo Horizonte, ia-nos mandando notícias diárias e meu coração adivinhava; por isto guardei os cartões e cartinhas a testemunhar o estado gravíssimo da doente; orações fervorosas para alcançar o milagre de sua cura eram ordenadas.

Caminhava rápido o mal.

No dia 2 de Dezembro, escrevia-nos: “A Madre Maria de Aquino continua mal, tem quatro médicos a tratá-la, (aos três de que já falei, juntouse, com sua ciência e dedicação conhecidas, o Doutor Julio Soares), mas, se o Médico Divino não a quizer curar, os outros nada farão.

A 3, eram desanimadoras as notícias: “A infecção da perna apresentava pastas de gangrena. Só um milagre, e era preciso obtê-lo a todo custo..”

Depois vêm as alternativas: Dia 4 — “Desde quinta-feira que temos todos os dias o SS. Sa-

cramento exposto. Nosso Senhor hoje já dá mais esperanças de fazer milagre. A infecção gangrenosa da perna localizou e a doentinha está com cinco drenos. Ontem foi preciso rasgar mais. Isso aliviou-a e a respiração é neste momento quasi normal. Pouca febre e esperanças na oração.

“Se amanhã não escrever, é porque vai para melhor. Os médicos têm sido incansáveis. Passo os dias no quarto: e já aprendi muita cousa de enfermagem, etc.”

5 de Dezembro: “A doentinha dá algumas esperanças de reagir, mas está num verdadeiro purgatório de dores, sem ter posição nem se poder mexer. E’ preciso perseverarmos em pedir a cura completa e o mais breve possível. O Dr. Orsini continúa passando as noites no Colégio...”

O médico continuando a passar as noites no Colégio! o estado era gravíssimo, a esperança de reação, aparente! O que temiam o operador e seus colegas ia-se realizando lentamente: a absorção dos tóxicos pelo sangue, o perigo da septicemia.

O dedicadissimo Dr. Lucas Machado vinha fazer os curativos sempre mais difíceis e dolorosos. Nem um gemido da paciente... As carnes da perna se enegreciam cada vez mais. Era preciso limpá-la das partes que sofriam a dissociação, desinfectar em seguida e introduzir a “gaze” embebida em remédio...

Os médicos se enterneciam ante sua heroica paciência! — “Madre Superiora, gema.” E ela: “Então hei de gemer todo o dia?”

O corpo abra-se-lhe em ferida. Não havia lugar mais para injeções: oito, por dia — três de sôro, duas de vinte gramas e uma de duzentos e cinquenta. Chegaram a ter que dar-lhas nas mãos onde ainda se podiam distinguir e apanhar as veias. Uma, já na Casa de Saúde, levou cinco quartos de hora a entrar tôda... e a mão sôbre uma almofada... os braços chagados a sustentarse na mesma posição...

Para o exame do sangue extraíam-no dos pés... Lembrou com razão a nossa Madre Provincial a semelhança com Jesús Crucificado, pés e mãos trespassados... E o coração? — Uma dôr suprema viria rasgá-lo profundamente, breve.

Havia dito uns dias antes à sua enfermeira: “Pareço um lázaro, não é verdade?”

A 8 de Dezembro, a Virgem Imaculada pedia-lhe mais um esforço, para maior lustre do seu heroísmo: foi por certo enorme sacrificio. Até então estava em casa; nesse dia os médicos determinaram transportá-la para o Hospital...”

Antes lhe perguntára uma vez a Irmã que a tratava: “E se fosse necessário ir para a Casa de Saúde? — “Ia; mas vai-se lá para operações, o médico já operou aqui e vem fazer os curativos com a Madre Superiora do Hospital...”

Agora exigia-se-lhe:

— “Madre Superiora, fala um dos médicos, — acho que precisamos levá-la para a Casa de Saúde. — Não o quereria! — Mas é preciso! lá se tem tudo o que é necessário, as comodidades exigidas pelo seu estado! — Então que a Madre Provincial resolva.”

Esta respondeu afirmativamente e, nossa querida doente: — Então é preciso? Vamos!

Era a chaga do coração que se abria: deixar a casa religiosa, pressentindo talvez a morte... Ela nada dizia a respeito; só uma vez, à Madre Provincial: — Parece que esta não venço! — porém já frequentemente nos ocorreu que a nada aludia por delicadeza, por saber o que sofreríamos a ouvi-la...

Rezava-se, rezava-se muito nas três casas do Brasil, o rosário vivo o dia inteiro, mesmo nos recreios. Os médicos, as enfermeiras já se não iludiam, mas tentavam o impossível. A esperança do milagre em quase tôdas as suas filhas persistia: muito poucas se capacitavam de que a estavam a perder.

A Madre Provincial ordenou que seguisse para Belo Horizonte, no noturno do dia 8 mesmo, a antiga enfermeira da nossa cara doente.

No Hospital, a dedicação, a delicadêza e dignidade das Servas do Espirito Santo foi notável no tratá-la. Os médicos continuaram no afan de vê-la

melhorar. Seu confessor ia visitá-la diariamente, até entrar em retiro, sendo sua pergunta primeira: Como vamos da paciência?

Um dia, depois do curativo, dizia à sua antiga enfermeira: "Reze, minha Irmã; fôrças humanas não bastam, são necessárias fôrças divinas paa suportar as dores dos curativos." E noutra ocasião em que o médico lhe traduzia o interêsse dos amigos do colégio, em especial a senhora do Governador do Estado, pelo seu restabelecimento, ouviu-o atenciosa, para depois exprimir á Irmã: "O que me vale é a minha Comunhão da manhã!"

A Madre Provincial, tendo voltado ao Rio no noturno de 9 de Dezembro, esperávamo-la contentes, julgando o caso fóra de perigo. Dolorosas as noticias: teria que partir, ao primeiro sinal, para junto da querida enferma.

Mal almoçava e já um aviso de Belo Horizonte: "Que faça as cousas depressa; as feridas cada vez mais profundas, nenhuma esperança!..."

Havia dito à Madre Provincial: "Coitada de "Ma Mère!" Tantos trabalhos vai ter durante as férias!" e à Irmã que viria com esta, para substituir em Copacabana a que fóra nomeada superiora da fundação de São Paulo: "Quero dar-lhe os meus ultimos conselhos!"

Duas interpretações a estas palavras. A Madre Provincial quis vêr nelas uma como revelação de que a doente conhecia a morte; a mim

parece-me, que não pensava na morte: abandonava-se simples e amorosamente à ação que a imolava e “últimos conselhos”... como sua Superiora, pois a religiosa mudava-se para o Rio, havendo passado até aí quase a vida tôda com ela. O certo é que seu heroísmo é invejável e não se podia melhor preparar para a grande hora das contas e da misericórdia. Ao fechar os olhos — “Tudo está consumado!” poderia em seus lábios preceder à exclamação: “Pai, em vossas mãos entrego o meu espirito!” como Jesús! Realmente a edificação era geral; os médicos e enfermeiras estavam comovidos!

Vários fatos faziam pensar que o sentimento da morte próxima ia dominando o da cura. Outros, porém, contrastavam. Entre os últimos, as ordens para os registros das Irmãs como professoras do Curso Seriado.

Entre os primeiros: Dois dias depois de chegar ao Hospital, afastava a saca de gêlo que desde o início lhe fôra aplicado sôbre os intestinos, por causa das dores e da febre: — Não, não preciso mais!” Depois, à Madre Superiora de São Lucas: “As ervilhas são muito caras, não vale a pena prepará-las para mim”, ao que replicou esta: “A Madre Superiora não olhava o preço, quando se tratava de suas filhas; são elas agora que o impõem à Sra. E, noutra ocasião, aos médicos: “Meu estomago já não aceita remédios e ali-

mento; que eu tome uma ou outra cousa”.. como a dizer — “para obedecer...” E êles: “Madre, mas não podemos atirar com armas descarregadas. E’ preciso fazer esforço. “A Superiora do Hospital!” repetiu-lhes então: “Ninguem mais do que a nossa doente se tem esforçado.” — E esta: — “Pois faço como o determinarem.”

Mais uns dias de alternativas e de martírios.

No dia 16, a Madre Provincial recebe um chamado do Colégio. Liga-se daqui para o médico, êste diz que é a reação da transfusão de sangue e, se fosse necessária a sua ida, avisaria: eram quatro horas e meia. A’s 5 e dez, telefonema urgente do médico: “Venha de noturno, a Madre Maria de Aquino, mal. Talvez não passe a noite.

Partimos: tive o triste consolo de ver de perto o que sofria a nossa querida Mãe: consolo, exemplo e esclarecimentos, para cumprir a missão de lhe traçar a biografia...

O que havia acontecido? — Os médicos tentaram o último recurso: a transfusão de sangue. Tudo doloroso. Rasgaram-lhe o braço com largo talho. A custo encontraram a veia. A cabeça inclinada, seguia os movimentos do operador, com expressão que fazia dó, mas guardava o silêncio costumado. A Madre Superiora do Hospital duas vezes lhe pôs as mãos sôbre os olhos:—“Não olhe, Madre Superiora!” e, ao perguntar-lhe: “Dói?” — a sua resposta, gemido de rola ferida, com aquela

sua doçura de manso cordeirinho: “Dói!” E os médicos: “Madre Superiora, porque não reclama? Reclame!” E continuou o abandono, o silêncio comovente.

Como é fecunda a dôr assim suportada!

“O sofrimento é mais do que a prece, mais do que a ação...” o sofrimento e redentor

Depressa veremos os frutos da edificação que espalhou. As palavras dos médicos bem expressam a origem divina que se lhes revelou em tamanha fôrça d’alma.

Não queremos porém, distrair-nos da nossa doentinha. A’s 14 horas, chega a sua Assistente para a visita diária; traz consigo a Irmã X... que não reconheceu logo. Ao percebê-la: Ah! é a minha J... E duas vezes lhe repete o nome em diminutivo.

Cada dia lembrava-lhe a doente a Novena a Nossa Senhora de Fátima. Hoje é preciso que lhe pergunte se a quer fazer — “Sim!” E começaram. Ela sempre seguia o têrço e outras orações que mandava rezar alto às nossas enfermeiras, mas abstinha-se de articular.

Agora extranham:

“A minha alma engrandece ao Senhor...”

“Considerando nos extremos de amor que Maria nos manifestou, apraz-nos servir-nos de suas próprias palavras para louvar a Deus e pedir-lhe,

por intercessão de Nossa Senhora de Fátima, *a graça que tanto desejamos.*”

E ela repete as palavras que grifo.

Depois fica a dormir, como passou quase o dia todo.

De manhã fez a sua última Comunhão e ainda se queixou de que ficara a dormir, em vez de dar ação de graças, a que a sua cara enfermeira lhe respondeu que descansava mais feliz que o discípulo amado, “pois, com Jesús no coração”, — aludindo à palavra de um prégador conhecido em Portugal.

Às 18 horas, a Irmã deu-lhe algumas colheres de caldo. Então disse à sua Assistente para ir embora, já se estava fazendo tarde e terminou dirigindo-se-lhe: “Coitada da Madre P... Coitada!” A sua cara Assistente que estivera com ela desde a Profissão, compreendeu nesse momento um pouco a realidade de que se não capacitava, pela confiança absoluta no milagre.

Pela primeira vez as lágrimas lhe assomaram aos olhos e, afastando-se, chorou abundantemente.

Entre 21 e 22 horas, rezaram o têrço... Outra vez estranharam. Em voz alta, a doente: Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte!”

Não pôde articular mais nada. A intoxicação tornava-se total. Mexia com a cabeça, levava as

mãos á nuca. Ainda se percebeu que queria dizer alguma coisa, mas só produziu sons inarticulados.

Durou algumas horas essa agitação: movimentos da cabeça e as mãos apertando a nuca... Deram-lhe uma injeção de esparto-cânfora, sem produzir nenhum efeito: havia perdido os sentidos. Assim a encontrámos, ao descer do noturno, depois das 10 horas do dia 17. Observámo-la. A Madre Provincial queria ainda ouvir-lhe uma palavra, ter a prova de que a sentia. Não conseguiu. Nossa impressão foi dolorosíssima. Ouvimos o médico. — “Já não sente nada. A anestesia pelo toxico, passado da infecção ao sangue, é total. E' o coração o único que ainda reage.” A vista, porém, da respiração arquejante, daqueles olhos tão compassivos cobertos de névoa, em que brilhavam constantemente duas lágrimas, martirizava-nos. Por vezes tínhamos a ilusão de que nos fitavam e, observados melhor, verificava-se-lhes a imobilidade completa. Assim esteve sexta, sábado e Domingo, até ás 14 horas, quando se extinguiu...

Ainda lhe assistimos a três ou quatro curativos, No primeiro, após umas horas em que mais sossegada parecia dormir, gemeu muito! simples reflexos, pois, quando no seu sentido, não soltava um ai!

Vi-lhe então as chagas, não eram bem chagas, verdadeiros rasgos, aberturas, na perna... Indiscritível!

Não posso dar a compreender o que vi, porque não o suspeitei das descrições que me fizeram. Foi preciso ver. Quatro enormes incisões, pelas quais lhe foram arrancadas as carnes enegrecidas. Bem exata a sua exclamação: “Reze, minha Irmã, reze! Forças humanas não bastam para suportar as dores do curativo. São necessárias forças divinas...”

Então entendi, melhor do que de tudo que podera ouvir, a virtude heróica da minha querida Mãe, sua identificação com Cristo crucificado.

Só do amor a Jesús Crucificado lhe derivava tamanha paciência...

No terceiro curativo a que assisti, foi preciso levantar-lhe um pouco mais a cabeça e ajudei a Madre Provincial a segurá-la.

Gemeu menos, mas abriu os olhos grandes, grandes, inteiramente! Observei-lhos: claros, límpidos, naquele momento; mas completamente parados. Depois os próprios reflexos a diminuir lento.

Só o coração a prolongar a luta.

Passei a noite de sábado para domingo no Colégio e, ao chegar ao Hospital, logo após a nossa Missa, achei uma diferença enorme. Muito mais desfigurada, a respiração mais fraca, mas ainda bem regular. Quase sem pulso. A's onze horas, perde-o de vez.

Em tórno, nesses três dias, silêncio ou oração, muita oração em comum ou particular. Assistência contínua do Sacerdote: Monsenhor João Rodrigues, Vigário geral, e nosso Capelão, Snr. Pe. Agnaldo Leal ou o Revmo. Capelão do Hospital. Frequentemente os três juntos, pelo menos os dois primeiros. Absoluções e as orações dos agonizantes, a intervalos. Alugou-se um quarto no Hospital para Monsenhor Rodrigues e o Snr. Pe. Agnaldo, caso fosse necessária a presença dêles, à noite. Tomavam lá também, as refeições. Tinham tanta veneração pela nossa doente! Só saíam para dizer Missa e então se revesavam. Nada faltou à alma que sentia durante a vida necessidade de purificar-se quasi quotidianamente pela confissão sacramental e os Revmos. Sacerdotes de que falo foram de inegalável dedicação. A's vezes eram os três, a traçar a cruz da benção, a um tempo...

Entre 13 e 14 horas estava mesmo a extinguir-se. Leve a respiração, a cabeça meio inclinada para a esquerda, os olhos semi-cerrados e velados de nevoa.

Num dado momento, abre-os claros então. Estavamos de joelhos, em tórno. Rodeia-nos. Fita-nos uma por uma. Ergue-os depois e conserva-os, não virados, erguidos!

Bonito olhar... o que significa? O esforço da alma, num supremo arranco, conseguindo animar ainda o corpo já inapto a suas manifestações, como

no bruxoleio da vela se aviva mais a chama antes de extinguir-se? Uma comunicação sobrenatural a dizer-nos “adeus”?

Não sei; mas foi bonito, foi lindo êsse olhar! E claro e limpido, não embaciado, como na prolongada agonia.

O Revmo. Monsenhor Rodrigues tanto se impressionou que na Missa de Requiem, ante numerosa assistência, dêle assim falou:

“Uma consolação agora: A Madre Superiora, subindo aos Céus, à glória dos eleitos, continúa a proteger e a dirigir as casas, por que trabalhou e sofreu. Deu-nos disto um sinal na hora de sua morte.

“Conservando tôda a serenidade, abriu aquêlles olhos, não de espanto, não de temor, mas de felicidade!

Para mim, viu Nossa Senhora. Alimentemos, pois, a esperança, porque êsse olhar é penhor de uma vida melhor na eterna glória”.

E o olhar se prolongou, enquanto cada vez mais imperceptivelmente deixavam os lábics escapar os últimos alentos. Entreabriam-se tão de leve ainda, quando a Madre Superiora do Hospital baixou pela primeira vez as palpebras e conservou-as sob os dedos. Seguia-a, sem perder um só respiro. Para mim, ainda não lhas fecharia. Tanto que, ao levantar os dedos que as desceram, abriram-se-lhe de novo, na mesma expressão.

Ainda um levíssimo sôpro que mal se adivinhava... mais outro... extinguiu-se!

Ficámos de joelhos mais cinco, oito, dez minutos? — não sei bem. Nossas lágrimas tinham imenso conforto.

A prece conservou-nos em Deus, no “De Profundis”, salmodiado pelos Sacerdotes que até á última lhe trouxeram o grande auxílio que prepara à glória.

Vieram os médicos pesarosos, silentes. Desinfetaram-se ainda as feridas. Recolhemos cuidadosamente as relíquias e medalhas que tinha sôbre si. Tive a consolação de lhe atar a “coiffe” e, no laço da “pelerine”, o Crucifixo, ageitando-lhe o têrço entre as mãos.

A Madre Superiora do Hospital contava depois a outra de suas irmãs, que nôlo repetiu, a sua admiração, porque, em poucos minutos depois da morte, as manchas roxas do corpo martirizado da nossa querida Mãe desapareceram, o que comumente não acontece: “Ficou-lhe logo um lírio o corpo!” foi a expressão de que usou, acrescentando: “Já é uma santinha no Céu a protegê-las.”

Não é possível calar a nossa gratidão para com as Religiosas de Belo Horizonte.

A Superiora das Dominicanas, do Colégio “Santa Maria”, submetendo-se a dolorosa intervenção, enquanto a Madre Maria de Aquino passava pelos agudos sofrimentos que descrevemos,

comunicava-nos que a oferecia por ela. Até hoje ainda nos sensibiliza tal caridade!

As Superioras das outras Comunidades visitaram-na e seguiam com o máximo interesse o desenrolar da moléstia.

O movimento religioso de Belo Horizonte, desde a preparação do Congresso Eucarístico Nacional de 36, vinha aproximando cada vez mais as diversas Congregações educadoras da Capital e a Madre Maria de Aquino, pela suavidade do trato, experiência da vida e distinção, constituiu-se, apesar de sua grande modéstia, um dos mais fortes laços dessa harmonização.

Do Colégio “Coração de Jesús”, do “Imaculada Conceição”, dos Hospitais e Asilos, dos Sanatórios, a caridosa simpatia das Irmãs mostrava o bom espírito reinante e a amizade com que a distinguíam.

Foi transportado para o Colégio e exposto o seu corpo na Capela. Carregámo-lo entre lágrimas, nós, as suas filhas, do carro para junto de Jesús Sacramentado e no dia do entêrro.

Apezar da chuva, a cidade se movimentou, a visitar a veneranda Morta: Religiosos, Sacerdotes, autoridades, famílias.

Viram-se lágrimas dos próprios médicos. Um então exclamou: “Já era Católico, mas a veracidade da minha Religião mais clara se me revelou na grandeza da virtude da Madre Maria de Aquino”.

no. Só póde ser divina a Religião que alimenta tais heroismos!" Êsse mesmo médico, que muitas vezes vinha a seu quarto, nos intervalos que lhe deixavam as occupações e a ficava a contemplar, triste, por não poder mais nada fazer, repetia: "Cativava os médicos; nunca reclamava nada. Que pena só agora a ter conhecido!"

Os telegramas e manifestações de pesar vieram de tôda a parte onde lhe chegou a noticia do falecimento. Destaco o de Sua Eminência o Snr. Cardeal D. Leme, que tanto a estimava:

"Sentidos pezames. Celebrei missa hoje alma santa, veneranda, saudosa Madre Aquino. — Cardeal Arcebispo."

A missa de corpo presente, muito concorrida. O entérro, uma apoteose á virtude. Alguem dizia: "Mais do que para o Presidente Maciel". O Snr. Gabriel Prata, dono da funerária e avô de três alunas do Colégio, fez questão de pôr à disposição das Irmãs o mais artistico e belo carro que possuía, para o transporte do corpo.

E a chuva corria torrencial, abundantíssima, nessa hora. Os automóveis desciam dois a dois tal o número. Representações do Governador e Secretários de Estado, presente o de Educação, Dr. Cristiano Machado, a sua familia religiosa, Clero, representantes das Comunidades, amigos.. O Snr. Arcebispo D. Cabral foi em pessoa encomendar o corpo e levar pesames à Comunidade.

A', porta do cemiterio iamos descer, e o porteiro: "Os carros não costumam entrar, é verdade; mas para êste entram!"

E em tórno da campa em que lhe ficariam os despojos, à sombra da Cruz, sem receio à chuva, achavam-se conosco quase todos os que a acompanharam.

Assim a virtude é conquistadora; maior, entretanto, sua recompensa no Céu!

"Deante do caixão branco da Madre Maria de Aquino, pareceu-me ver ali as luzes agradáveis de uma aurora, porque a morte preciosa dos amigos de Deus é sem dúvida alguma o início de uma vida interminável nos esplendores da ventura eterna, escreveu Monsenhor João Rodrigues. E, através das lágrimas de suas irmãs de hábito, eu estava a ver a saudade, mas a saudade cristã que, brilhando em olhos lacrimosos, se consola, entretanto, com a segurança da ressurreição e da felicidade!

Preciosa in conspectu Domini mors sanctorum ejus."

Boa Mãe, do Céu onde vos cremos na glória, continuai a proteger vossas filhas do Brasil e a alcançar-lhes a graça de caminharem, rápido, pela vereda do amor de Deus e da perfeita Santidade.

Requiescat in pace.



E P I L O G O

“Deante do caixão branco da Madre Maria de Aquino pareceu-me ver as luzes agradáveis de uma aurora.”

Devia dar por terminado o meu trabalho.

A trajetória luminosa, conduzindo à imolação do Calvário, no silencioso abandono da imitadora e amante do manso e puro Cordeiro que sofreu e remiu, produziu-nos na alma os efeitos de um ensinamento e de um impulso. Os olhos, porém, dêsse cimos, relanceiam em volta. Querem mais uma vez seguir os vestígios de seus passos encher-se do brilho da sua inocência, sentir-lhe a doçura da caridade, o seu heroico abandono, medir-lhe a profundidade e extensão.

“O amor preveniu-me desde a infância, cresceu comigo e agora é um abismo de que não posso sondar a profundidade.”

Não o pudemos também nós, no estudo desta alma.

“O amor preveniu-me desde a infância.” “Aos seis anos, confessava-se à primeira vez a um Santo!” De dez para onze, a Primeira Comunhão, ‘cuja festa íntima nunca mais pôde esquecer.”

“Cresceu comigo...” — Mocinha, orientava-se para Jesús, na meditação da sua Paixão. Tentava encaminhar-se para a vida Religiosa e impedia-lhe a mãe, “sem lhe tirar a esperança de realizar os seus sonhos.” Foi então que a levaram ao teatro e, “ao regressar, perguntando-se-lhe se tinha sido bonito, respondeu que, ao levantar-se o pano, fechava os olhos e pensava na Sagrada Paixão de Jesús.”

“Tornára-se um abismo de que não podia sondar a profundidade...” E’ a vida religiosa, alargando-lhe, na virtude, no sofrimento e sobretudo na entrega ao Bem-Amado, a capacidade de união com Ele... transformando-lhe a natureza e realizando a identificação com Nosso Senhor, fundindo-lhe na Vontade Divina a sua, humana e imperfeita, elevando-a, pela via dolorosa de variados sofrimentos na existência inteira, ao Calvário de última enfermidade que a crucificou com o seu “Espôso de Sangue”, depois de ter prelibado as delícias do Céu, no Tabor do recolhimento e união amorosa!

Deixámos tanto por contar! “Muitas das páginas desta história jamais se lerão sobre a terra”, repetia o Anjo de Lisieux. Tôda alma interior pode afirmar o mesmo. A sua vida passou-se “escondida em Deus com Jesús-Cristo.” “São segredos do Rei”, inefáveis, que a linguagem humana não exprime. Compreende-os só quem, “escondido também no interior de Cristo”, já lhe sentiu a intraduzível doçura.

Mais um olhar à sua obediência e humildade: — “Tenho pelas minhas Superiores verdadeiro afeto sobrenatural. Se mesmo qualquer uma das Irmãs (falando às Religiosas, tôdas novas, da sua Comunidade) for minha Superiora, terei por ela o mesmo respeito e amor sobrenatural. Nos meus Superiores vejo a autoridade de Deus...”

“Tantos sacrificios, tantos cuidados, tantos mimos para uma velha...” — aos seus médicos e enfermeiras...

Mais uma lembrança à sua pureza e modéstia. Velam-lhe as pálpebras os olhos e guardam-lhe da alma o primeiro brilho que as cousas do mundo não embaciam...

Uma palavra da sua extrema caridade, ainda que a repitamos: “Minha Mãe, (a Nossa Senhora, em Lourdes, na Revolução Portuguêsa) para reunir a minha Comunidade dispersa, ofereço-me a todos os sacrificios!”

E a recordação da sua confiança em Deus, o respeito pelos Sacerdotes, o amor inflamado por Jesús, a santa conformidade com a Vontade do Bem-Amado, sua união com Êle?

— “E no Sacrário que devemos buscar luz e força”, e nada fazia sem se ajoelhar diante do Tabernáculo e ouvir Jesús.

— “Não sei como pode haver quem não goste de ouvir a palavra divina.” Tinha visão clara e perfeita: via no Padre Jesús Cristo!”

— “Deus quer-nos vasias de nós mesmas, para nos encher só de Seu Amor.” “Tenhamos horror às faltas deliberadas, mesmo mais pequeninas, que diminuem a intimidade com Jesús.”

— Tantas provações, tantos contratempos! diziam-lhe. — “Por que nos afligir?” era a sua resposta.” Não é Deus nosso Pai, não sabe que estamos aqui? A obra de Deus há de continuar...”

— “Deus é cioso do nosso coração e a união com Êle é toda a felicidade da vida Religiosa.”

Sim! é toda a felicidade da nossa vida, a união íntima, profunda, continua com Nosso Senhor! Porque o sentia, era tão natural o seu recolhimento.

Evoquemos as jaculatórias habituais que lhe irrompiam do peito, na saudade do Bem infinito, na aceitação dos caminhos da Providência ou nas aflições que lhe sobrevinham.

“Quem me déra o Céu quando eu morrer!”

“Vosso amor e vossa graça,
E meu Deus não peço mais!”

Não resisto ao desejo de transcrever-lhe uma cartinha, dessas que nos mandava, a repetir-nos o que queria de nós.

Eramos, na linguagem materna, “as suas pequenas”, pois a tôdas, por assim dizer, nos vira crescer e já nessa época da vida, em que, realizado o ideal da própria perfeição, no dom completo de si a Deus e estabelecida nessa calma a que conduz a generosidade perfeita no vencimento próprio, pode consagrar-se a alma, inteira, ao bem dos seus semelhantes.

“Obras, sempre obras para a glória de Deus” eis a sêde das almas que atingem a união.

Quase tôdas as cartas que escreveu traziam o cunho dos anseios da perfeição de suas filhas, que lemos nesta:

Minha querida P...

Obrigada pelas suas cartinhas que muito estimei.

Quantas vezes penso nas minhas pequenas e pergunto a mim mesma: Serão elas bem fervorosas,, silenciosas, observantes á Regra, e fieis às pequeninas cousas? Espero em Nosso Senhor que assim tenha sido.

O meu maior desejo é que sejam tôdas de Nosso Senhor, que o amem muito, pois, para isso nos

concedeu Êle a grande graça da vocação religiosa e viemos à Religião.

Não deixe, minha filhinha, arrefecer o calor do Noviciado e, para o conservar, seja fiel ás pequenas cousas, evite as faltas deliberadas, mesmo as que lhe parecerem mais pequeninas.

Estou ansiosa por me ver no *meu dever* (é da Europa que escreve). Aqui estamos bem demais, mas o meu pensamento está aí.

Leia como puder, escrevo a correr.

Que Nosso Senhor a guarde no seu divino Coração e a proteja, são os votos

Da sua muito dedicada em Jesús

Maria de Aquino,

r. S. C. M.

E, na última doença, olhos quasi sempre fechados, com Deus sofrendo... De sua heroica resignação eis o testemunho extraído da carta de um dos seus médicos:

“Entre as mais valiosas recordações que nós — os desta casa — guardamos, a lembrança de Madre Maria de Aquino será conservada como uma das mais queridas; pois, a mim que tive a felicidade de conhecê-la em vida, me trará ela sempre à memoria o exemplo de virtude, de bondade e de edificante resignação que foi a Madre Maria de Aquino, a quem Deus, talvez para melhor pro-

vá-la, quis dar tão excruciante enfermidade, que tanto a fez sofrer, sem um gemido, sem uma queixa, sem a menor mostra de impaciência sequer.

A impressionante serenidade com que Ela resistiu a tão duras provações nunca me sairá da memória e, já que me não coube a boa fortuna de dizer que com ela aprendi a viver, seja-me licito afirmar a V. Excia. que com Ela aprendi a morrer. E êste, si eu souber aproveitar-lhe a grande lição, será o maior de todos os bens que através dE alterei recebido da Divina Providência.”

Expirou naquele olhar tão lindo e tão calmo..

Nós, rezamos, a pensar em ajudá-la a transpor os umbrais da bemaventurança, mas o que significa o nosso sentimento de paz, de sossêgo, como o reflexo de qualquer coisa do inafável gôzo de Deus?!... E' a glória?

Uma das Irmãs sentiu desaparecer-lhe forte dor que vinha suportando, muitos dias, ao invocá-la confiante...

E conto um lindo sonho de criança que tanto nos consolou: Tocam ao telefone. Pedem a Irmã J., a mesma que de Agosto a Novembro estivera gravemente enferma. E' recado de uma das menorzinhas do Colégio. “Em sonho vira a Madre Maria de Aquino que mandára dizer á Re-

ligiosa, não ficasse assim triste por não poder preparar a sua sepultura, porque ela estava muito feliz no Céu...”

A Irmã desolava-se realmente, porquanto, em vista das chuvas, não tinha sido possível ainda arranjar a campa da nossa boa Mãe. Ninguém, porém, sabia do seu pesar que escondera, depois da visita ao cemitério, à mesma Comunidade, afim de evitar mais pesares.

Acreditar em sonho?!... Mas, de criança inocente!

E, ao terminar, veem-me à pena os versos de Santa Teresinha:

Do mundo a fugitiva imagem dissipou-se...

E' meu o Céu!

“Du monde elle a passé la fugitive image...

A moi le Ciel!”

Rio, 1º de Abril de 1938.

BIBLIOTECA DAS “FONTES”
R S C M
PROVÍNCIA BRASILEIRA

